



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARIA GORET MARTINS DA SILVA

**A LEITURA LITERÁRIA E A PRÁTICA DOCENTE: UMA REFLEXÃO A PARTIR**  
**DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR**

FEIRA DE SANTANA  
2020

**MARIA GORET MARTINS DA SILVA**

**A LEITURA LITERÁRIA E A PRÁTICA DOCENTE: UMA REFLEXÃO A PARTIR  
DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana para obtenção do grau de Mestre em Educação, na área de concentração Currículo, Formação e Práticas Pedagógicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Helena da Rocha Besnosik

FEIRA DE SANTANA  
2020

**Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS**

Silva, Maria Goret Martins da  
S581 A leitura literária e a prática docente: uma reflexão a partir da mediação do professor/ Maria Goret Martins da. - 2020.  
114f.: il.

Orientadora: Maria Helena da Rocha Besnosik

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana.  
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020.

1. Leitura literária. 2. Prática docente. 3. Mediação do professor.  
I. Besnosik, Maria Helena da Rocha, orient. II. Universidade Estadual de  
Feira de Santana. III. Título.

CDU: 028

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
Autorizada pelo Decreto Federal Nº 77.496 de 27/04/1976  
Reconhecida pela Portaria Ministerial Nº 874/86 de 19/12/1986  
Recredenciada pelo Decreto Estadual Nº 9.271 de 14/12/2004  
Recredenciada pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

## **MARIA GORET MARTINS DA SILVA**

“A LEITURA LITERÁRIA E A SUA PRÁTICA DOCENTE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA MEDIAÇÃO DO PROFESSOR”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, na linha de Currículo, formação e práticas pedagógicas, como requisito para obtenção do grau de mestre em Educação.

Feira de Santana, 10 de junho de 2021.

Prof.ª Dr.ª Maria Helena da Rocha Besnosik  
Orientador(a) – UEFS

Prof.ª Dr.ª Mirian Sumica Cameiro Reis  
Primeiro(a) Examinador(a) - UNILAB

Prof.ª Dr.ª Rita de Cassia Brêda Mascarenhas Lima  
Segundo(a) Examinador (a) – UEFS

**RESULTADO: APROVADO**

A meus eternos amigos, razão da minha existência: meus pais **Luiz e Inês** (in *memoriam*).

**Painho**, exemplo de amor e dedicação à família. Um homem que nos ensinou a sermos pessoas dignas e verdadeiras e que apesar de pouco estudo, sempre acreditou que a educação era o caminho que nos levaria a ter uma vida melhor, por isso manifestava seu orgulho em nos ver dando continuidade aos estudos.

**Mainha**, aquela que me ensinou as primeiras letras. Pessoa iluminada que com toda a sabedoria nos mostrou que o verdadeiro sentido da vida está nas boas ações que praticamos. Exemplo de fé e generosidade. Grande esposa e grande mãe!

A meu esposo **Rilson** pelas noites que ele passara acordado, velando os meus estudos. Exemplo de amor e companheirismo, desde o primeiro momento desta minha trajetória.

À **Marta Conceição**, minha filha querida, que desde cedo entendeu que a realização desse sonho era algo importante para mim, por isso sempre compartilhou desse período comigo e compreendia que, em alguns momentos, eu precisava ficar sozinha para desenhar estas linhas.

## AGRADECIMENTOS

Gratidão eterna a todos vocês, amigos e companheiros de caminhada:

A Deus, pela dádiva da vida e por todas as oportunidades a mim concedidas;

À Nossa Senhora da Conceição, a quem sou devota. **Aquela** que sempre ouviu minhas súplicas e estendeu o seu manto protetor nos momentos de que mais precisei;

A **vocês**, pais queridos, que apesar de não estarem mais nesse plano, continuam cuidando de mim, minha eterna gratidão! Tenham certeza que todos os seus ensinamentos não foram em vão e que o **amor e a verdade** sempre serão palavras primordiais na minha vida. **Amarei vocês por todo o sempre!!! Exemplos de amor e sabedoria.**

Aos meus irmãos: Luiz, Wilson e Margarete, e a minha prima irmã Katiery. Todos vocês que sempre me mostraram o quanto o cuidado fraterno fortalece o outro, até mesmo quando estamos um pouco distante. Agradeço também a minha querida cunhada Ângela e ao meu sobrinho Eduardo;

Às amigas e colegas queridas, que foram fontes de inspiração para que eu ingressasse no Mestrado: Adriana Santana, Ana Lúcia e Camila Gonçalves. Muito obrigada!

Aos amigos e companheiros nesta jornada: Flora e Lita, sempre atentas e preocupadas com meu bem estar, a quem sempre dividia minhas ansiedades e alegrias; Tião, pela alegria de sempre quando lhe compartilhava uma conquista; Elma e Telma, pelo acolhimento constante; Maria Aline por ser uma pessoa querida, e por todos os meus colegas professores e coordenadores que sempre estiveram presentes.

A todos os meus colegas de mestrado, pelos bons momentos que vivemos juntos, compartilhando dos mesmos sonhos. Tempos inesquecíveis!

À direção da EMMCM, campo empírico desta pesquisa, que sempre me acolheu com alegria, demonstrando disponibilidade para o que eu precisasse;

Aos professores e alunos, sujeitos desta pesquisa, que com boa vontade contribuíram com este trabalho, pois sem eles eu não teria conseguido;

Aos professores do PPGE Marco Barzano, Ivan Faria, Fabíola Silva e Ana Virgínia com os quais tive o prazer de conviver e aprender com seus ensinamentos;

À professora Fani Rehen que me possibilitou viver uma experiência maravilhosa no tirocínio, pelo exemplo de amor e dedicação dispensada a seus alunos;

Às professoras Mírian Sumica e Rita Brêda que se disponibilizaram de maneira tão afetiva a participar da minha banca e pelas ricas contribuições que foram de extrema importância para esse meu trabalho;

À minha querida Dr<sup>a</sup> Maria Helena da Rocha Besnosik, carinhosamente chamada de “Malena”, pelo exemplo de sabedoria e simplicidade e que sempre com muita paciência orientou esta minha pesquisa. A você, pró, que demonstrou ser mais do que orientadora, foi uma amiga e compreensiva no momento de que mais precisei. Muito obrigada!

Enfim, aos colegas integrantes do Núcleo de Leitura Multimeios, pela rica contribuição através das leituras, reflexões e pelo acolhimento sempre cheio de energia e confiança.

*Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis, é um direito inalienável.*

*Antonio Candido*

## RESUMO

Considerando que a prática da leitura pode desenvolver comportamento leitor, e entendendo que tal prática precisa ser mediada pelo professor de maneira gratificante e capaz de fomentar nos alunos inquietações, é que busco, nesta pesquisa, compreender como os textos literários estão inseridos na prática docente dos professores no ensino fundamental – anos finais, na Escola Municipal Mário Campos Martins. Interessa-me analisar como os docentes fazem a mediação dessa leitura de modo a provocar inquietações nos estudantes. O campo empírico desta pesquisa fica situado no distrito de Bento Simões, Irará-BA. Foram definidos como sujeitos desta pesquisa cinco professores que atuam na referida instituição de ensino, com vista a analisar o modo como eles interagem com a leitura dos textos literários nos espaços de sala de aula, e se o espaço da sala de aula oferece condições para a formação do leitor literário. Participaram também desta pesquisa sete alunos que estudam na escola e trouxeram um pouco da trajetória leitora vivida por eles no espaço de sala de aula. Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa e, para a obtenção dos dados, foi utilizada como dispositivo a entrevista semiestruturada. Apoiei-me em alguns teóricos e estudiosos da temática da formação leitora para melhor compreender os dados produzidos. Foram eles: Calvino (1993); Candido (1995); Colomer (2007); Besnosik (2015); Freire (2001/2011); Ipiranga (2018); Petit (2009); Zilberman (1989) e tantos outros que foram de grande relevância para esse trabalho. Os dados revelaram, por um lado, que os professores fazem a mediação de leitura durante as suas aulas e oportunizam aos alunos acesso a algum tipo de gênero textual, o que vem assegurando aos poucos a formação de leitores, mesmo que não sejam leitores literários, devido, principalmente, à fragilidade dos acervos na escola – uma realidade vivida por muitas escolas públicas do nosso país – e também pela falta de interesse por parte de alguns alunos e de investimento para a formação de leitores literários. Por outro lado, ficou claro que os professores sujeitos desta pesquisa utilizam estratégias muito particulares, mas que de algum modo despertam nos alunos o gosto de ler, o que reforça a ideia de que as mediações de leitura podem ser feitas em qualquer ambiente e por qualquer pessoa, mas é o espaço escolar que melhor oportuniza o acesso aos livros e o despertar para a leitura.

**Palavras-chave:** Leitura literária, Prática docente, Mediação do professor.

## ABSTRACT

Considering that the practice of reading can develop reader behavior and understanding that it needs to be mediated by the teacher in a gratifying way, and that it is capable of fostering concerns among students, it is in this research that I seek to understand how literary texts are inserted in teaching practice in teaching fundamental – final years, at the Municipal School Mario Campos and how the teachers mediate this reading in order to provoke concerns in the students. The empirical field of this research is located in the district of Bento Simões in Irará-BA. Five teachers were defined as subjects who work in this educational institution, in order to analyze the way they interact with the reading of literary texts in the classroom spaces and if they offer conditions for the formation of literary readers. Seven students who study at the school also participated in this research and they brought a little of this reading trajectory experienced by them in the classroom space. This research has a qualitative approach and the semi-structured interview was used to obtain the data. I support in some theorists and scholars on the subject to better understand the data produced. They were Calvino (1993); Candido (1995); Colomer (2007); Besnosik (2015); Freire (2001/2011); Ipiranga (2018); Petit (2009); Zilberman (1989) and many others who were great relevance to this work collected. These revealed, on the one hand, that teachers mediate reading during their classes and provide students with access to some type of textual genre, which has gradually ensured the formation of readers, even if they are not literary readers, due mainly to the fragility of these collections at school, a reality experienced by many public schools in our country and also by the lack of interest on the part of some students and investment in the training of literary reader. On the other hand, it was clear that the subject teachers of this research use very particular strategies, but that somehow awaken in students the love for reading, which reinforces the idea that reading mediations can be done in any person, but it is the school space that best provides access to books and awakening to reading.

**Keywords:** Literary reading, teaching practice, Teacher mediation.

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

<b>FIGURA 1</b> Dados do Pisa – nota média do país em leitura .....	27
<b>QUADRO 1</b> Demonstrativo da matrícula dos últimos cinco anos da E M M C M .....	47
<b>FIGURA 2</b> Escola Municipal Mário Campos Martins.....	48
<b>QUADRO 2</b> Demonstrativo do perfil dos professores sujeitos da pesquisa.....	50
<b>FIGURA 3</b> Localização dos Municípios onde residem os professores sujeitos da pesquisa .....	52
<b>FIGURA 4</b> Localização das comunidades onde residem os alunos sujeitos da pesquisa.....	53

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação
BA	Estado da Bahia
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EMMCM	Escola Municipal Mário Campos Martins
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
IPAC	Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural
IPL	Instituto Pró-Livro
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MOC	Movimento de Organização Comunitária
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PPP	Projeto Político Pedagógico
PST	Prestador de Serviços Temporários
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNEB	Universidade Estadual da Bahia
SEDUC	Secretaria Municipal da Educação de Irará
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TJ	Tempo Juvenil

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2 A LITERATURA E O LEITOR NA SALA DE AULA: UM ELO A SER MEDIADO.....</b>	<b>24</b>
<b>3 DELINEANDO A PESQUISA: O TRAJETO, O LÓCUS, OS SUJEITOS.....</b>	<b>37</b>
3.1 O CAMINHO METODOLÓGICO.....	37
3.2 O LÓCUS DA PESQUISA.....	43
3.3 OS SUJEITOS ENVOLVIDOS.....	52
<b>4 LEITURA LITERÁRIA: A MEDIAÇÃO FEITA PELOS PROFESSORES.....</b>	<b>56</b>
4.1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR: A FAMÍLIA, A ESCOLA.....	60
4.2 A VIVÊNCIA DOS PROFESSORES COM A LEITURA LITERÁRIA.....	72
4.3 A MEDIAÇÃO LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	85
4.4 EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS VIVIDAS PELOS ALUNOS NA ESCOLA.....	95
<b>5 CONCLUINDO UMA ETAPA: É PRECISO SEGUIR EM FRENTE.....</b>	<b>102</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>107</b>
<b>7 ANEXOS.....</b>	<b>111</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Exercer a função de professora sempre foi para mim a mais nobre de todas as profissões e, sem dúvida, foi a minha primeira paixão desde que comecei a me entender e perceber que poderia imitar a minha mãe. Sendo professora primária, exercia essa profissão com tanto amor, deixando “marcas na vida de muitas crianças”. Como diz o título do livro da pedagoga Fátima Freire (2008), “Quem educa marca o corpo do outro”. Sem sombra de dúvidas, seja através de teorias e/ou práticas, educar deixa marcas.

Movida pelo ímpeto da emoção, revisitei as minhas lembranças para poder ilustrar nestas páginas o que me tornou uma pessoa apaixonada por Literatura e desejosa de seguir com essa busca que se dá pela necessidade que sinto de preencher tantas lacunas e inquietações.

A história da leitura em minha vida começou muito cedo e traz recordações de meu pai, que adormeceu para sempre deixando um enorme vazio em minha vida. Lembro-me nitidamente do dia que li para ele um poema no livro de Joanita Souza<sup>1</sup>. O poema era de Faria Neto, intitulado “A enxadinha”. Eu havia memorizado e ele se comoveu e ficou muito feliz. Meu pai sempre nos dizia que a maior riqueza do ser humano era o conhecimento. Falava com certa tristeza da falta de oportunidade que teve para estudar e com alegria por ter sido alfabetizado por minha mãe, através dos textos que ela lia para ele. Certamente, as leituras que foram mediadas por aquela professora provocaram curiosidade e geraram aprendizagem.

Quando criança, costumava brincar no enorme quintal da casa onde nasci, cercado de árvores frutíferas e, no final da tarde, eu com os livros debaixo do braço e com toda a ingenuidade de uma menina da minha idade, fingia ser professora com minha irmã Margarete e Katiery, a irmã que adotei no coração. Naquele espaço, podíamos ler os poucos livros que estavam ao nosso alcance com toda a magia que eles nos proporcionavam. Dessa forma, o livro era o instrumento amoroso que me envolvia e assim fui crescendo ciente de que um dia haveria de ser uma grande leitora. Assim foram transcorrendo os meus dias e o desejo de ler aguçava cada vez mais, de maneira tão prazerosa, sem que houvesse necessidade de ser cobrada. Segundo Pennac (1993, p.13), “o verbo ler não suporta imperativo” e essa leitura de maneira espontânea, sem nenhuma obrigatoriedade, teve uma relação com as situações em que convivi com os livros, mesmo que de maneira restrita.

---

<sup>1</sup> Livro didático da área de linguagens largamente utilizado na década de 1990 nas séries iniciais do ensino fundamental. Ainda é editado pela Editora do Brasil.

Ainda criança, lembro que ganhei de uma tia uma coletânea de clássicos infantis, era uma brochura antiga. Li com tanta avidez, que só comecei a degustar os contos depois da segunda leitura. Esse livro contribuiu muito para me tornar uma leitora de literatura. Calvino (1993, p.10-11) nos diz que “os clássicos são livros que exercem uma influência particular, quando se impõem como inesquecível e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se com inconsciente coletivo ou individual. ” Calvino me fez perceber que as obras se tornam parte da nossa vida quando elas começam a penetrar na nossa alma de tal maneira que se imortalizam, tornando-se uma alusão para tudo o que se constrói ao longo da caminhada. O “livro” que ganhei de presente foi o passe para desvendar o mistério existencial entre dois mundos possíveis: o real e o ficcional, ambos necessários para dar mais sentido à minha vida, principalmente o meu mundo de criança pobre e sonhadora.

No Ginásio tive acesso à pequena biblioteca da escola e que sorte a minha! Naquele período, havia acabado de chegar o ciclo de livros de Literatura que era constituído por um enorme acervo literário cujo objetivo era circular entre os alunos na escola e também podiam ser levados emprestados para casa. Dentre os livros que chegaram, o primeiro que peguei para degustar foi indicação do meu professor de português, José Sebastião da Costa, que solicitou que lêssemos o romance de Jorge Amado intitulado *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*. Posteriormente, o professor solicitou que falássemos a respeito da leitura. Talvez ele nem saiba, mas aquele livro marcou a minha vida e me possibilitou sonhar sonhos possíveis. Foi ela, essa bela obra, quem contribuiu mais ainda para fortalecer o meu desejo pela leitura de maneira tão rica e tão prazerosa! Logo em seguida, li *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga Nunes, *Meu Pé de Laranja Lima*, de José Mauro de Vasconcelos, *Pollyanna Menina*, de Eleanor H. Porter, *O Menino de Asas*, de Homero Homem e tantos outros. Foram esses momentos mágicos da leitura que me ajudaram numa travessia muito difícil, pois naquela época eu estava muito doente. Como nos diz a antropóloga Micheli Petit (2009, p.101), “os livros são hospitaleiros e nos permitem suportar os exílios de que cada vida é feita, pensá-los, construir nossos lares interiores, inventar um fio condutor para nossas histórias, reescrevê-las dia após dia”. Finalmente no Ensino Médio, fui fazer o Magistério na cidade de Coração de Maria, que fica a 13,2 Km do lugar onde morava. Foi um momento muito feliz, embora cercada por um medo de ter que enfrentar uma cidade sozinha, eu que ainda era uma menina. Foi ele, meu pai, que me acompanhou naquele primeiro dia de aula, emoção revivida agora nesta Universidade quando ingressei no Mestrado. Foi para mim algo tão sonhado! Como eu queria que meu pai estivesse aqui novamente do meu lado...

Lembro-me claramente de que a professora de Língua Portuguesa apresentou para a turma o romance *Capitães de Areia* de Jorge Amado e pediu que fizéssemos a leitura. Antes ela fez uma breve apresentação desse livro e dois motivos despertaram em mim o desejo de degustar a leitura: o primeiro foi o fato de ser uma obra de um escritor baiano, e segundo porque o enredo tratava da realidade de crianças que viviam nas ruas de Salvador, o que me despertou curiosidade. Apesar de retratar uma vivência triste, eu consegui me envolver com a obra e dialogar com a mensagem que o texto transmitia. Reli recentemente esse livro durante o meu tirocínio e, com certeza, o meu olhar foi outro.

Por fim, o grande dia chegou! Concluí o curso de Magistério. Agora, professora, eu poderia colocar em prática tudo aquilo que um dia fez parte dos meus sonhos, das minhas brincadeiras de criança. Chorei muito, tamanha era a minha alegria. Recordo-me muito bem que naquela época o professor Sebastião me convidou para lecionar na Escola Mário Campos Martins. Foi ele quem me oportunizou o primeiro emprego, embora fosse prestação de serviços temporários (PST). Era indescritível a sensação de poder dar aulas! Iniciei esse meu trabalho com uma turma de 3ª série, hoje 2º ano do Ensino Fundamental - anos iniciais.

Era uma turma composta por crianças pequenas e desejosas de aprender. Dei o melhor de mim, mas sabia que precisava passar em um concurso para continuar trabalhando. Comecei a trabalhar em março e no mês de agosto, fui aprovada no concurso municipal. Nesse período, trabalhava quarenta horas e não imaginava trabalhar menos que isso. Prestei, no ano seguinte, um novo concurso para mais vinte horas e, novamente, fui aprovada. Agora estava lá, aquela menina sonhadora em um espaço que conquistou com tantos esforços e com tanto amor, e que em nenhum momento da vida deixou de acreditar. Tão logo recebi o primeiro salário, me presenteei com o livro *O Mundo de Sofia* de Jostein Gaarder.

Mesmo sendo apaixonada por Filosofia, fiz Pedagogia. É indescritível a sensação vivida naquela época! Agora, aquela jovem se encontrava na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), cursando Licenciatura em Pedagogia, cercada por pessoas que certamente me ajudariam a exercer o meu papel com mais conhecimento. Nesse curso, inúmeros foram os professores que marcaram a minha trajetória acadêmica e me fizeram uma profissional melhor, principalmente aqueles que me propuseram a oportunidade de saborear bons textos literários e confirmar para mim o quão prazeroso é dialogar a teoria com o nosso exercício de sala de aula. Para Candido (1995, p. 243) “nas nossas sociedades, a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” Sem sombra de dúvida, a literatura pode ser esse instrumento poderoso se for utilizada com a credibilidade que ela merece e ir além do

cumprimento de uma grade curricular, inquietando os alunos a partir das leituras realizadas, promovendo curiosidade e desejo por novas obras literárias.

Apesar de a literatura hoje ser mais acessível para os alunos, principalmente os que frequentam as escolas da rede pública de ensino que geralmente são contempladas com alguns acervos literários, ela ainda precisa ser vista como um instrumento de libertação, possibilitando maiores indagações.

Concluí o meu curso mais inquieta do que quando entrei, pois percebia que a prática de leitura literária na escola ainda era muito frágil e quando utilizada pelos professores não possibilitava um olhar mais amplo para o mundo e nem permitia uma mobilização interior de si e do outro através dos gêneros contemplados. No ano seguinte à conclusão, resolvi fazer uma Pós-graduação na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) sobre Política do Planejamento Pedagógico. Realmente eu estava muito feliz por estar naquele lugar! Mais uma vez, teria oportunidade de me debruçar sobre outras leituras. Esse momento foi ímpar na minha vida, pois toda a minha experiência com a Literatura poderia ser colocada em prática nos momentos formativos, já que trabalhava na coordenação pedagógica e essa função, de certa forma, me possibilitava adentrar nessa discussão com os professores, embora naquele período a nossa leitura fosse despreziosa e não houvesse uma intencionalidade de possibilitar ao leitor um diálogo com o texto, o que vai ao encontro do que nos diz Zilberman (1989, p. 49), “o foco da obra literária deve sempre recair sobre o leitor e sua produção e não especificamente sobre o autor e sua produção”.

Como coordenadora municipal de Irará-BA, coordenei o Projeto Baú de Leitura do Município, em 2011. Esse projeto era promovido pelo Movimento de Organização Comunitária (MOC), em convênio com a Secretaria Municipal da Educação do Estado da Bahia e parceria com a Secretaria Municipal de Educação e tinha como objetivo oportunizar às crianças e adolescentes das escolas do campo o acesso à Literatura. Foram selecionados os professores que trabalhavam nessas escolas para que eles pudessem participar das formações e, assim, o município foi agraciado com alguns baús de leitura e também comprou outros para as demais escolas. O papel do coordenador desse projeto consistia em mediar o trabalho que seria realizado pelos professores nos espaços de sala de aula, porém os professores precisavam ter a clareza de que para que se possa mediar leitura, faz-se necessário ser um professor-leitor. Como diz Roland Barthes (*apud* IPIRANGA 2018, p.25) “ [...] ler é essencialmente ‘escrever’ o que se passa com você na hora da leitura [...]”. Mobilizar os saberes dos alunos para essa compreensão requer um trabalho contínuo e, ao mesmo tempo, capaz de despertar para a busca de uma leitura prazerosa, como também capaz de impulsionar

o desejo de novos conhecimentos que será de grande importância em outros momentos de sua vida.

O baú de leitura consistia em um acervo muito rico e o professor da turma era responsável em realizar o trabalho com os livros e também cuidar para que eles fossem preservados. Em visitas às escolas pude, por inúmeras vezes, observar o entusiasmo das crianças quando estavam de posse dos livros e a maneira criativa como eles compartilhavam a sua história com os colegas da sala vizinha ou em outra escola próxima. Nessas ocasiões, pude comprovar o quão importante foi a mediação do professor para que a turma percebesse que o livro não era mais um objeto exposto na sala, mas um instrumento que lhes proporcionava momentos de lazer, aprendizagem e, principalmente, permitia-lhes perceber a sensação de liberdade que os livros lhes proporcionavam. Nas palavras de Zilberman (1989, p.18), “o texto torna-se intermediário entre o sujeito e o mundo. ”

Convicta do quanto o chão da sala de aula nos faz crescer como ser atuante é que resolvi dedicar vinte horas do meu trabalho às crianças pequenas e percebi que os meus saberes a respeito do trabalho com crianças da Educação Infantil precisava ser mais aperfeiçoado e, para que isso acontecesse, eu precisava estudar mais para ajudá-los com mais segurança e, assim, resolvi fazer uma Pós-graduação voltada à Educação Infantil na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Nesse momento, o meu olhar para os textos literários havia se ressignificado bastante e, junto com toda a discussão teórica, fui descobrindo possibilidades múltiplas que a leitura pode favorecer às crianças desde pequenas. Missão concluída, agora eu precisava navegar pelas veredas de outros caminhos e continuar me permitindo sonhar. Foi com esse pensamento que resolvi fazer Licenciatura em História no Centro Universitário Claretiano, para que a segunda graduação me ajudasse a dialogar melhor com os alunos maiores e fazê-los perceber o quanto o exercício da leitura nos possibilita enxergar o mundo com um olhar mais reflexivo.

Os livros sempre fizeram parte da minha trajetória pessoal e profissional. Antes, de maneira livre, sem compromisso, apenas aguçada pelo desejo de ler e sem nenhuma obrigatoriedade. Depois, marcada pelo ímpeto da busca dos saberes. O livro se tornou um amigo inseparável. Afortunada por essa amizade, resolvi fazer uma disciplina como aluna especial de mestrado na UNEB em Alagoinhas na área de concentração 2: Letramentos, Identidades e Formação de Professores, no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Cursei a disciplina Literatura e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Era uma enorme tentação, pois agora eu poderia me aproximar mais desse gênero literário.

A professora que lecionou a disciplina de Literatura, entre tantos livros, apresentou-nos o livro de Fanon *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Inscrevi-me para falar desse livro. Linguagem difícilíssima, mas eu precisava desbravar a sua mensagem e, assim, comungo com Lima (2015, p. 25) quando diz: “uma educação não excludente, mas inclusiva de nossas referências étnico-raciais é uma necessidade e, mais que isso, uma oportunidade de reflexão da comunidade escola [...].” Assim, comecei a perceber que aquelas discussões seriam como o bálsamo para a minha alma, porque até então a minha reflexão sobre essas questões era apenas pelo gosto de ler literatura africana e, de certa forma, eu não me sentia mais a mesma e já aguçava em mim o desejo de cursar o mestrado, por isso, resolvi me inscrever como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UEFS e fui selecionada, cursando a disciplina Tópicos Especiais em Educação II. Quanta sabedoria proferida pelo professor que ministrou essa disciplina! Suas aulas eram maravilhosas e, através dele, conheci mais de perto o Sociólogo Pierre Bourdieu<sup>2</sup> e vi que muito do que esse escritor dizia aplicava-se à trajetória da minha vida, principalmente quando ele mencionava que as pessoas desprovidas de capital cultural precisam lutar muito para conseguir um espaço na sociedade. Felizmente, eu tinha amparo familiar, pois minha família acreditava na aquisição do conhecimento que a escola pôde me proporcionar para poder continuar crendo nos meus sonhos. As reflexões trazidas por Bourdieu transformaram a minha vida e me fizeram acreditar em novas possibilidades.

Graças às aulas da disciplina Tópicos Especiais em Educação II e à persistência da amiga Camila Gonçalves de Jesus Lopes, resolvi me inscrever para o Mestrado e fui aprovada. Descrever esse momento é impossível, tamanha a minha alegria e, cada vez mais, percebo que tudo que aprendemos aqui só será importante se chegar ao chão da sala de aula, com grandeza e simplicidade e transformar a vida de muitas crianças, principalmente, as de escolas públicas, que muitas vezes se sentem excluídas dentro do próprio espaço de sala de aula. São, na verdade, os “excluídos do interior”<sup>3</sup>, ou seja, são aquelas crianças que, apesar de adentrarem nas escolas, não conseguem se apropriar dos conteúdos trabalhados como deveriam, por isso, ficam em segundo plano nesses espaços. Algumas conseguem vencer os obstáculos e tantas outras desistem no meio do caminho e são impossibilitadas de transformar os seus sonhos em realidade.

---

<sup>2</sup> Pierre Bourdieu foi um destacado sociólogo francês do século XX.

<sup>3</sup> Cf. CATANI, A.; NOGUEIRA, M.A. (org.) **Pierre Bourdieu: escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

Toda minha relação com a leitura literária vem se estreitando cada vez mais, sobretudo, quando começo a entender que mergulhar nessas obras me possibilitará galgar novos caminhos e desvendar novos mistérios e com esse mesmo desbravamento, outras pessoas podem “decorar”, “guardar no coração” um trecho de algo que foi lido ou ouvido e criar relação afetiva com a obra (COSSON, 2014). Desse modo, o desejo de ser uma professora leitora foi se consolidando gradativamente através dos encantos que a leitura me proporcionou e isso justifica a escolha da minha investigação que tem como tema “A leitura literária e a prática docente: uma reflexão a partir da mediação do professor”.

Esta investigação reafirma a afinidade com minha trajetória pessoal. O que me impulsiona é o olhar cuidadoso de uma professora que almeja compreender como os textos literários estão sendo mediados no espaço de sala de aula. Esse meu desejo se configura na certeza do quanto a leitura pode ser um agente transformador na vida das pessoas se for partilhada, não utilizada como pretexto para se discutir um conteúdo, mas possibilitando ao leitor interferência, um diálogo com o texto lido, desmitificando a imagem de que um livro traz uma leitura única e definitiva para que, dessa maneira, seja possível gerar desejos e inquietações por outras leituras.

Foi exatamente o diálogo que existia entre a leitora que, desde pequena, procurava dar sentido a tudo o que lia que me fez uma desbravadora de segredos ocultos por detrás das páginas de um livro, embora na minha inexperiência de leitora não soubesse que isso um dia fosse assinalar o curso da minha vida. Foi esse olhar afetuoso com a leitura que me fez galgar por alamedas até então desconhecidas e que, ao mesmo tempo, traz a seguinte inquietação desta professora romanesca, que acredita que a leitura literária pode ajudar o ser humano a buscar novas possibilidades e torná-lo desejosa de ler se a leitura chegar até ele de maneira aprazível, dialógica e levá-lo a uma inquietação interior a partir das leituras proferidas e ouvidas. É a partir desta reflexão que surge a questão da minha pesquisa: **Como os professores, na sua prática de sala de aula, oferecem leitura literária a seus alunos e como estes interagem com essa literatura a partir da mediação?**

Ciente da questão que norteia esta pesquisa, vejo a possibilidade de responder se os professores no seu trabalho com a leitura literária estão desenvolvendo comportamentos leitores, e se a mediação realizada por eles favorece essa construção, pois “como mediação entende-se tanto o envolvimento afetivo do professor com a obra literária, com a realização de práticas de leitura para com a criança, em que o diálogo entre texto e leitor, mesmo iniciante, seja incentivado.” (MAIA, 2007, p.19). Quando isso flui na sala de aula, todos os que estão ali presentes conseguem aprender e a gostar de ler.

Comungo com Lerner (2002, p. 38) quando diz que “comportamentos leitores precisam ser ensinados” e, sem sombra de dúvida, Literatura também. Para despertar nos alunos o interesse, o gosto pela leitura, é necessário que o professor não só leia, mas também goste de ler e só desta maneira ele conseguirá atrair o outro para essa busca tão necessária e ao mesmo tempo tão desvalorizada por uma comunidade que ainda carrega nas suas entranhas o traço cultural de que leitura é para poucos privilegiados. Todos têm direito a ter acesso aos livros e esse objeto de infinita grandeza precisa ser de fácil acesso para todos: não apenas isso, ele precisa ser apresentado como lazer, mas também como possibilidades de luta por uma sociedade mais justa e mais humanizada no sentido mais amplo da palavra.

Com a intenção de esta pesquisa ser mais alicerçada, busco me apoiar em pressupostos teóricos de Candido (1995), que aborda o direito de todos à literatura; Zilberman (1989), que discute a necessidade de os alunos terem acesso aos livros para que leiam e gostem de ler; Paulo Freire (2011), que aborda a importância do ato de ler para a formação de leitores e a necessidade de uma educação vivenciada de maneira prática e concreta para que o ser humano se liberte e construa a sua própria história; Michelle Petit (2009), que aborda a importância do ato de ler até mesmo nos momentos difíceis como forma de minimizar o sofrimento e também para libertar – segundo a autora, “leitura consola, acalma”; Calvino (1993), que menciona que os clássicos são livros que exercem uma grande influência na vida das pessoas e quando deixam marcas se tornam inesquecíveis, pois deixam registrados na memória do ser, que teve aproximação com eles algo imortalizado; Colomer (2007), que reflete sobre a forma como os livros e os professores precisam caminhar juntos para que haja um itinerário de leitura que possibilite a compreensão de mundo, assim como a de aproveitar as oportunidades que a obra literária oferece. Busquei outros autores cujos pensamentos e ideias me ajudaram a percorrer este meu trabalho científico que tem como objetivo geral compreender como os textos literários estão inseridos na prática docente dos professores do ensino fundamental - anos finais na Escola Municipal Mário Campos Martins e como eles fazem a mediação dessa leitura de modo a provocar inquietações nos estudantes.

Tendo em vista que os sujeitos da minha pesquisa são professores e que eles podem ou não ter constituído uma relação com a Literatura, fez-se necessário analisar o modo como os professores interagem com a leitura dos textos literários nos espaços de sala de aula e, posteriormente, investigar se a leitura de Literatura mediada pelos professores favorece ao leitor condições para reflexões, rupturas e possibilidades para, logo após, verificar se a Literatura mediada pelos professores favorece a formação do leitor.

Este estudo converge para a área de concentração 2: Currículo, formação e práticas pedagógicas do Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, considerando que o meu objeto de análise aprecia as práticas docentes e reflete sobre a importância da leitura mediada pelos professores na construção de sujeitos ativos e capazes de interagir com o meio. Por isso, a necessidade da teoria, pois ela precisa ter uma relação com a prática tendo em vista que sem a teoria não se pode desenvolver um censo crítico da realidade (CAVALCANTI, 2014). Diante dessa clareza, percebemos a importância da teoria para respaldar os estudos a respeito do objeto em discussão, ao mesmo tempo em que demonstra a seriedade da pesquisa para o campo científico, considerando a vivência de cada pessoa sem perder de vista a realidade que o sujeito está inserido. Frente a isso, busco abordar o campo teórico-metodológico que norteia esta pesquisa, que são voltadas para a mediação dos professores nos espaços de sala de aula, pois se entende que

mediar a leitura é estar no meio de uma atividade essencial à vida, sem tomar nas mãos às rédeas do processo, como se fosse o professor o único a saber o caminho; é estar presente mesmo que sutilmente ausente; é saber que o ato de ler é condicionado por condições e características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada indivíduo e, nesse sentido, cada leitura faz parte de um todo maior.” (GARCIA, 1992, p.37 *apud* MAIA, 2007, p.19-20).

Esta pesquisa não surgiu apenas pela sua relevância pessoal, mas emana do desejo de contribuir de alguma forma nas pesquisas educacionais possibilitando outros olhares acerca do que está sendo discutido, por isso acredito na sua relevância profissional e na possibilidade de dar um retorno social à escola *locus* da minha investigação. Acredito também que este trabalho pode servir de reflexão para outras buscas na mesma perspectiva, trazendo novas inquietações para pesquisadores que aspiram trilhar por esses caminhos e para aqueles que almejam pensar no seu trabalho de sala de aula a partir da mediação dos professores.

Embora tenha ciência do quanto a temática deste trabalho já foi pesquisada, ela não se esgota, já que novas discussões são necessárias. Ciente disso, fiz um levantamento bibliográfico observando cuidadosamente cada descritor e procurei citar aqueles que mais se aproximaram da minha pesquisa. Consultando a Biblioteca Digital de Teses e Dissertação (BDTD) da UEFS, utilizando os descritores leitura literária/mediação docente, referentes aos anos de 2017, 2018 e 2019 não encontrei nenhuma dissertação que abordasse a temática.

Em consulta no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) na BDTD, encontrei uma dissertação intitulada “Mediação de leitura literária e prática docente na formação do jovem leitor” do Programa de Pós-graduação da Educação Básica, no ano de 2017, na Universidade

Federal de Goiás (UFG) defendida por Franceneuza Santos de Lima Faria. Essa pesquisa investiga a contribuição da prática docente como mediação na formação do jovem leitor no Ensino Médio. A minha pesquisa está direcionada à prática docente e à mediação da leitura literária com os alunos do fundamental - anos finais, atentando para a prática de leitura realizada por alguns professores que lecionam nessas turmas, indagando se existe mediação no momento de realizar atividades com os textos literários.

Realizando a consulta na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), encontrei no GT10 da 38ª Reunião Nacional realizada no período de 01 a 05 de outubro de 2017, na UFMA- São Luis/ MA dois trabalhos que discutem as práticas e as experiências com a leitura literária. O primeiro trabalho intitulado “Práticas de Ensino de Leitura Literária nos anos iniciais: interações opacas, sentidos dissipados” de autoria de Iracema Santos do Nascimento, da FEUSP, apresenta resultados de uma pesquisa que procurou investigar se as práticas de ensino de leitura literária nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede estadual paulista vêm contribuindo para formar leitores capazes de construir sentidos para os textos lidos. O segundo trabalho, intitulado “As experiências com a leitura literária na/para a formação de professores alfabetizadores”, de autoria de Fernanda de Araújo Frambach, da UFRJ, tem como proposta central refletir sobre as concepções e propostas de ações pedagógicas envolvendo a literatura no contexto escolar apresentadas em documentos e materiais disponibilizados pelo poder público para um programa de formação docente. Apesar de ambas discutirem Literatura, nota-se que elas diferem da minha pesquisa por razões já mencionadas anteriormente.

Considerando que esta investigação é tomada por direcionamentos e assinalada por campos diversos, que são a leitura literária e a prática docente na perspectiva da mediação, é que senti a necessidade de um maior aprofundamento na minha busca em relação à prática do professor. A par disso, reafirmo a validade dos levantamentos que foram feitos na BDTD da UEFS, as consultas no portal da SCIELO, assim como as buscas na ANPED que me ajudaram bastante a entender que apesar de outros pesquisadores já terem discutido a respeito de algumas dessas temáticas, elas não se esgotam, pois isso depende muito do direcionamento que o outro quer dar a sua pesquisa, assim como dos caminhos teórico-metodológicos que norteiam a pesquisa de cada um.

Sendo assim, é possível constatar que esta pesquisa, apesar de ter para mim um valor inestimável, ela também tem uma relevância muito grande para a educação, possibilitando olhares diversos no campo epistemológico porque nem sempre o que um olhar epistemológico enxerga, o outro pode enxergar (CAVALCANTI, 2014). Justamente por isso, acredito que

outros pesquisadores perceberão passagens que serão norteadoras de outras buscas, de outros conhecimentos para a ressignificação de práticas pedagógicas capazes de fortalecer a relação dialógica entre professores e alunos, para que esses últimos se sintam sujeitos participativos e respeitados no contexto que estiverem inseridos. Acredito também que esta pesquisa poderá servir de inquietações para o desenvolvimento de políticas públicas que desejam discutir a prática do professor na formação de leitores literários.

Instigada pelas convicções supramencionadas, que são emanadas de minhas aspirações, é que procuro delinear esta pesquisa, sua trajetória e conclusão em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, **Introdução**, procuro descrever a minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica marcada pela presença constante da leitura em minha vida.

No segundo capítulo, **A literatura e o leitor na sala de aula: um elo a ser mediado** procuro trazer o olhar de alguns teóricos acerca do que é ler, leitura literária e mediação do professor, dando assim uma maior visibilidade a respeito desses conceitos.

No terceiro capítulo intitulado **Delineando a pesquisa: o trajeto, o *locus*, os sujeitos o** conteúdo está distribuído em três seções, a saber: **o trajeto**, que diz respeito à metodologia abordada nesta pesquisa, assim como os percalços e as descobertas ao longo desta investigação; **o *locus***, que aborda o lugar onde está situado o campo empírico da minha pesquisa. Inicialmente, tracei um panorama da Vila e só posteriormente delineei sobre a escola a qual fez parte da minha investigação. Em **Os sujeitos envolvidos** descrevo o perfil dos colaboradores.

O quarto capítulo, **Leitura literária: a mediação feita pelos professores**, reflete sobre a leitura literária em diversas circunstâncias, desde o âmbito familiar até seu processo de formação e como esses aspectos medeiam a leitura literária nos seus espaços de sala de aula. Organizado em quatro seções, o capítulo versa também sobre as experiências vividas pelos alunos na escola no processo de mediação.

Concluo o trabalho tecendo algumas considerações a respeito desta pesquisa e de toda experiência adquirida ao longo da caminhada, assim como os resultados obtidos, por acreditar que eles poderão colaborar com outras pessoas que se sintam desejosas de navegar por essa mesma linha de investigação. Essa trajetória, marcada por anseios e buscas, reafirma o meu desejo de trazer uma reflexão mais sensível sobre a educação, mais precisamente sobre a leitura literária nos espaços de sala de aula. Embora tenha ciência de que esta é apenas uma pequena parcela de contribuição ante tantas outras demandas existentes no campo educacional, e que um trabalho como este não será capaz de encerrar essas discussões, reafirmo a minha convicção de que é preciso seguir em frente.

## 2 A LITERATURA E O LEITOR NA SALA DE AULA: UM ELO A SER MEDIADO

*Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais.*

FREIRE, 2011, p.24

A maneira como Paulo Freire descreve o seu processo de alfabetização, assinalando toda a sua trajetória antes mesmo do seu ingresso em uma escola para a educação formal, demonstra que é possível ser alfabetizado em outros espaços, desde que sejam oferecidas condições para que isso aconteça. Foi justamente assim, tendo contato com um mundo que me favorecia uma apropriação com o código escrito, que me alfabetizei, embora naquele momento não existisse nenhuma pretensão para que isso acontecesse, apenas era movida pelo desejo de ser professora, que já era despertado em mim desde cedo. Esse mundo do qual eu fazia parte, apresentou-me a leitura antes mesmo que eu ingressasse na escola. Isso reafirma o que Freire (2011) rememora, que aprendemos a ler as coisas do mundo antes de aprendermos as palavras e que isso pode acontecer antes mesmo da escolarização.

Mas afinal, o que é ler? Para Lerner (2002, p.73) “[...] ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta de cidadania no mundo da cultura escrita [...]”. Quando isso acontece, o olhar de compreensão para as coisas do mundo torna-se mais fácil ou mais suportável e o desejo de querer modificá-las torna-se possível. Através da leitura e da sua compreensão podemos nos transportar para um mundo imaginário, onde tudo é permitido, onde aprendemos a sonhar, a suportar a dor e, sobretudo, a ter esperança. Petit (2009, p.16) pontua que “[...] os livros lidos ajudam algumas vezes a manter a dor ou o medo a distância, transformar a agonia em ideia e reencontrar a alegria. [...]”.

O trabalho com a leitura na escola é indispensável, considerando, principalmente, que todos os educandos precisam ter acesso aos livros e fazer deles um objeto necessário no seu dia a dia, principalmente aqueles que vivem em um contexto familiar, onde, infelizmente, isso não é possível. Esse olhar sensível do educador é um ponto de partida para a realização de um trabalho com a leitura literária durante as aulas para que se desperte o interesse da turma, afinal de contas, o fazer pedagógico é mais que um ato político; é um ato de amor. Dessa maneira, ele pode contribuir na formação de crianças, jovens e adultos que não apenas

decifrem os códigos escritos, mas que descubram através dos livros novas oportunidades para uma vida mais consciente e humana.

E o que é leitura literária? Como assegurar a formação de leitores literários? Por que a leitura literária na escola é colocada em segundo plano? Como a mediação do professor pode ajudar na formação do leitor literário? Antes de me deter nessas questões, procuro sintetizar a história da leitura literária e toda a sua fragilidade em decorrência de uma sociedade marcada pela falta de incentivo à cultura letrada.

Segundo Colomer (2007, p.15), “ [...] durante séculos a literatura exerceu um papel preponderante como eixo vertebral do ensino linguístico, a formação moral, a consciência de uma cultura com raízes clássicas greco-latinas e, desde o século XIX, de aglutinadora de cada nacionalidade. [...]”. Isso significa que o trabalho realizado com a literatura muitas vezes não despertava o interesse dos alunos porque o seu objetivo era tratar de questões linguísticas, ou com um fundo moral para discutir um determinado conteúdo e assim não era possibilitado um diálogo entre o leitor e o texto lido.

Durante muito tempo, a maioria dos livros literários eram pensados para jovens e adultos com a intenção de trabalhar a formação moral e não atendiam à demanda do público infantil e “ [...] em meios do século XIX, havia começado a escrever em diferentes países livros especialmente pensados e escritos para a etapas escolar, embora sempre levando em conta que sua função principal era a instrução moral [...]”. (COLOMER, 2007, p.15).

Muitas das referências utilizadas nas escolas traziam temas que atendiam à demanda não só da etapa primária como da secundária, o que não significa que não havia uma intencionalidade por trás da distribuição desses acervos literários. Desse período para cá, foram sendo ampliados os olhares acerca da necessidade de ler Literatura com outras funcionalidades, embora o acesso às obras continuasse escasso e o acesso aos livros continuasse sendo para uma minoria privilegiada da população. Essa visão foi se expandindo e só em meados do século XX “[...] a composição do alunado, o desenvolvimento da sociedade e da representação social da leitura afetaram os objetivos escolares do ensino literário”. (COLOMER, 2007, p.24).

Apesar de já se ter no âmbito escolar grandes conquistas em relação ao uso da Literatura, temos ciência do quanto esse trabalho ainda precisa ser intensificado para que haja de fato uma garantia do acesso para todas os estudantes. Essa compreensão pode ser observada no aumento dos índices de estudantes leitores no período escolar ao longo dos anos ou no aumento do uso da Literatura em sala de aula por parte dos professores.

Atualmente, existem políticas públicas que têm ajudado a minimizar as deficiências do trabalho com a leitura literária nas escolas por meio da implantação de Programas voltados para a distribuição de livros nas escolas, a exemplo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), política pública executada pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e pelo Ministério da Educação (MEC) destinada a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias de forma sistematizada, regular e gratuita. Os materiais adquiridos vão diretamente para as mãos dos alunos e professores das escolas públicas participantes do programa.

O PNLD está em constante aprimoramento. Com a edição do Decreto nº 9.099, de 18/07/2017, todos os Programas do livro foram unificados. Assim, as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), foram consolidadas em um único Programa, chamado de PNLD.

A abrangência do Programa também aumentou, passando a incluir no PNLD literário o atendimento às instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público que atendam à educação infantil oferecida em creches para crianças de até 3 (três) anos.

O PNLD 2018<sup>4</sup> teve como objetivo continuar oferecendo obras literárias para as escolas, infelizmente essas obras não contemplavam as Séries Finais do Fundamental, o que, de certa forma, fragiliza o acesso dos alunos a mais obras literárias. Apesar dessa lacuna, o fomento pela leitura ainda existe movida pelo desejo de muitos professores em assegurar que todos tenham acesso à literatura.

O PNLD literário 2020<sup>5</sup> assegura a participação das escolas municipais e estaduais, cujas redes de ensino tenham formado adesão ao PNLD. Participam também as instituições federais que tenham aderido previamente ao programa. Além do registro de adesão, as entidades devem possuir alunado nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano), constantes do Censo Escolar 2019.

Com as obras literárias nas escolas, os professores terão oportunidade de favorecer momentos ricos de leitura, fomentando nos alunos a curiosidade e o desejo de ler, mas para que isso aconteça, o professor precisa ser um exemplo de leitor. Sabemos que não tem como o professor incentivar a leitura se ele mesmo não tiver o hábito de ler, ou não tiver um vasto

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://pnld.literario.org.br>

<sup>5</sup> Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2020\\_literario/pnld\\_2020\\_literario-categoria-escolha](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2020_literario/pnld_2020_literario-categoria-escolha)

repertório que o ajude na seleção e na apresentação desses livros. Esses investimentos reafirmam o que nos diz Zilberman (1989, p. 27), que:

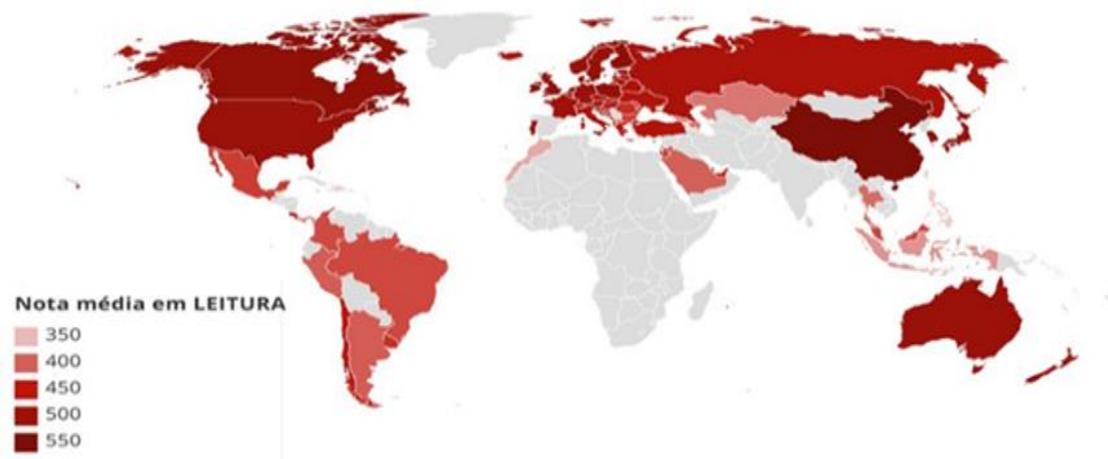
O Estado precisa prover os alunos com livros para que eles se tornem leitores, equipando bibliotecas e escolas e para além da distribuição desses acervos, é preciso construir hábitos leitores em nossas crianças e adolescentes para que façam bons usos desses livros e sintam-se motivados a seguir com essa busca de maneira despreocupada e autônoma.

Além da garantia dos livros, é crucial que sejam favorecidos nas escolas momentos de leitura para que as competências leitoras sejam desenvolvidas tendo em vista que infelizmente os dados nos mostram uma triste realidade. De acordo com o Programa de Avaliação de Estudantes (PISA)<sup>6</sup>, o Brasil, na edição de 2018, que teve como foco a leitura, os estudantes brasileiros estão dois anos e meio abaixo dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em relação ao nível de escolarização de proficiência em leitura com pontuação de 413.

**Figura 01-** Dados do Pisa – nota média do país em leitura

### **Pisa 2018 - nota média em LEITURA\***

Compare o resultado dos 79 países participantes: quanto mais escura a cor, maior é a nota.



\*A nota média do BRASIL em leitura variou de 407 para 413 entre 2015 e 2018

Fonte:OCDE/Pisa 2018

Fonte: Portal G1<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2020\\_literario/pnld\\_2020\\_literario-categoria-escolha](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2020_literario/pnld_2020_literario-categoria-escolha).

<sup>7</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/brasil-esta-estagnado-ha-dez-anos-no-nivel-basico-de-leitura-e-compreensao-de-textos-aponta-pisa-2018.ghtml>.

O Pisa nos revela um triste cenário dos estudantes brasileiros, embora precisemos considerar a enorme diversidade existente entre os jovens que participam dessa avaliação, sobretudo a grande desigualdade social vivida pelos nossos alunos, principalmente, aqueles que frequentam as escolas públicas, corroborando assim com esses resultados, e a falta de mediadores de leitura que realizem o trabalho com obras literárias de modo a favorecer a curiosidade e levá-los à busca pela obra.

Apesar da discussão sobre leitura nas escolas, nos encontros de professores e nas academias, e de haver um crescimento considerável de livros nas escolas da rede pública de ensino, ainda é visível o quão frágil é a proficiência leitora dos alunos. Não basta apenas ter livros e abordar a respeito da importância de realizar leitura constantemente, é preciso que essa prática seja construída no cotidiano de nossas crianças, senão pela família, que na maioria das vezes não tem essa possibilidade por razões econômicas e também culturais, mas pela escola, instituição que tem a função social de formar leitores e possibilitar que as crianças se aproximem dos livros e dialoguem com os textos lidos.

Nota-se que hoje existe uma maior preocupação por parte dos educadores em prover as escolas com obras literárias. Os professores procuram disponibilizar livros para os alunos lerem, com o desejo de realizar alguma atividade durante as aulas, na esperança de fomentar o gosto pela leitura. A escola tem a possibilidade de pensar em novas perspectivas em relação ao trabalho com a leitura, planejando suas aulas e incorporando nelas momentos nos quais o trabalho com a leitura possa acontecer de modo a assegurar que todos os alunos se sintam convidados a participar. Os espaços das bibliotecas precisam se tornar atrativos para que o alunado se sinta convidado a frequentar e fazer bom uso dos “objetos” que ali estão, porque se isso não acontecer, ela será mais um espaço para guardar livros, até porque precisamos considerar que as crianças, jovens e adolescentes vivem em um contexto de muita atratividade para eles, como os jogos eletrônicos, e tantos outros meios tecnológicos.

Existem pesquisas que buscam apresentar um leitor real, a exemplo da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil<sup>8</sup>, que passou a ser realizada pelo Instituto Pró-livro (IPL) a partir da segunda edição, em 2007, e chega à sua 5ª edição em 2019 (lançada em 2020). É a única pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Seus resultados são amplamente divulgados e se tornou referência quando se trata de índices e hábitos de leitura dos brasileiros.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://plataforma.prolivro.org.br/quem-somos-ipl.php>.

Evidente que os resultados de pesquisas como a Retratos da Leitura no Brasil serve de parâmetro para que os Estados brasileiros saibam como estão os níveis de proficiência de leitura de seus alunos, e possam investir em políticas públicas que garantam aos alunos livros e condições para que as leituras sejam realizadas de maneira prazerosa, considerando a educação vem mudando gradativamente ao longo dos anos, o contexto social em que vivem os nossos alunos não é mais os mesmo, as concepções de ensino e de aprendizagem são outras, portanto, a escola tende também a passar por uma reorganização para que ela atenda à necessidade de novo alunado. Lajolo e Zilberman (1991, *apud* MAIA, 2007, p.48) destacam que:

ao fazerem um balanço da produção literária para crianças e jovens no Brasil, agrupam a produção literária em ciclos delineados num plano histórico e cultural, ao mesmo tempo que mostram a relação da literatura com a instituição-escola, o que permite analisar o uso pragmático do gênero de quase longo um século.

Pelo fato de os livros hoje serem revestidos de outros propósitos comunicativos que vão além do ato de ler para aprender a ler, o professor, gradativamente, vai sentindo a necessidade de assegurar que nos espaços de sala de aula o diálogo entre o livro e o leitor seja fomentado para que os alunos possam ir além da leitura, daquilo que está explícito em cada linha e comecem a perceber a importância dessa discussão para que haja um movimento interior e, de fato, essa leitura se torne expressiva para eles e assim desperte o “ato de ler” tão enunciado por Paulo Freire, para quem a leitura “ [...] implica sempre na percepção crítica, na interpretação e ‘reescrita’ [...]” do lido. (FREIRE, 2011, p.31).

É importante que haja momentos de formação literária para gerar conversas, inquietações e, sobretudo, desenvolver novas posturas de leitores em relação ao objeto lido. Colomer (2007, p.30) já nos fala que “ [...] a busca de um novo modelo de ensino literário se inicia com certo consenso na reflexão educativa das últimas décadas: o objetivo é desenvolver a competência interpretativa e é necessário fazê-lo através da leitura [...]”. A leitura por si só não corresponde à expectativa de se formar um leitor literário, é preciso mais que isso: possibilidades de discussões para que haja compreensão daquilo que se está lendo, mesmo que seja uma leitura livre, despojada.

O leitor literário se constitui aos poucos, a partir da relação de amorosidade que vai construindo com os textos. Desse contato efetivo com os livros, nasce um leitor que se inquieta, que se debruça sobre as histórias lidas e consegue tirar suas próprias conclusões. “ [...] Todo texto literário tem uma mensagem mais ou menos explícita, tem um desenho de mundo a ser despreendido no momento da leitura, um saber sobre essa ou aquela área que não

pode nem deve ser desprezado [...]” (COSSON, 2014, p.59). Esse mesmo texto traz a possibilidade de movimentar no ser humano o desejo por uma liberdade que só ele pode proporcionar.

O professor tem a responsabilidade de ajudar na formação de leitores literários, mas isso só é possível se o trabalho com a leitura tiver sentido, se criar vínculos entre os atores envolvidos, se a leitura se tornar uma chave para abrir vias que assegurem um repensar constante na vida de cada um, por isso o cuidado necessário com as escolhas literárias, para que sejam bem acolhidas.

O leitor, ao entrar em contato com o livro, estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leito são umedecidos na língua. (MANGUEL, 1997. p.277 *apud* OLIVEIRA, 2010, p. 45).

Essa postura tão bem definida ajuda o leitor a perceber a beleza da obra da qual ele está se aproximando, construindo vínculos que vão se efetivando gradativamente ao longo de todo um trajeto. Ninguém nasce leitor, ele se constitui a partir das oportunidades que lhes são oferecidas, por isso reafirmo a necessidade de um comprometimento por parte daqueles que almejam realizar trabalhos com a Literatura, que vai desde a escolha dos livros, o local onde a leitura será realizada, a mediação que será feita para que haja interação e o envolvimento de todos.

O olhar atento do educador é também muito importante, porque toda criança tem o direito de fazer suas próprias escolhas e a intervenção do professor nesse momento é crucial, considerando que muitos não se interessam por nenhuma obra. A princípio, isso é devido principalmente às suas dificuldades em ler, o que muitas vezes os deixa inibidos, por isso a necessidade de se pensar em estratégias que mobilizem também esse público, mesmo porque as crianças nos seus primeiros anos de vida respondem de maneira afetiva e esteticamente à palavra e às narrativas de histórias, mas quando se aproximam dos oito, nove anos muitos deles não demonstram gostar de ler. (COLOMER, 2007).

Com as crianças no Fundamental - anos finais as demandas são outras e as cobranças das leituras também e, por medo de não corresponderem às expectativas, os alunos preferem dizer que não sabem ler, ao invés de dizer que não conseguem compreender o que está posto. Colomer (2007, p.103) é incisiva em dizer que “[...] aprender a ler e a escrever é, para muitas delas, a primeira experiência de que podem não alcançar as expectativas de que delas se

espera. E rapidamente, criam defesas para defender sua autoestima [...]”. Por isso, o trabalho com a leitura literária nas escolas, sobretudo quando as crianças ingressam para o Fundamental - anos finais precisam ser vistas com prioridade, o que nem sempre acontece em decorrência de vários fatores, entre eles um planejamento engessado, que não prioriza leitura sem nenhuma cobrança, a escassez de obras literárias e, principalmente, a falta de uma formação literária para os professores que garanta um despertar para a realização de um trabalho consistente com a literatura e que os faça perceber quão rico é o momento da leitura sem nenhuma pretensão.

Infelizmente todos os fatores supramencionados fragilizam o trabalho com a leitura, principalmente quando “ a escola didatiza a leitura de textos literários. ” (BESNOSIK, 2015, p.120). Não deixa de ser uma função da escola trabalhar esses textos e dar conta de outros conhecimentos, o que não impede que se tenha um olhar diferenciado para o trabalho com as obras literárias, possibilitando aos alunos desfrutarem de experiência estética e da beleza que essas leituras proporcionam, sem perder de vistas tantas outras possibilidades de trabalho que a leitura pode proporcionar.

Não tenho a pretensão de dizer que os professores não devam realizar um trabalho com a leitura ou pensar em um projeto de leitura com propósito comunicativo, mas sim deixar minhas impressões acerca da necessidade de um momento em que o leitor se sinta convidado a ler aquilo que deseja, no momento que ele achar melhor e até mesmo desistir dessa leitura no meio e iniciar outra. Pennac (1993, p.139) diz que:

[...] em matéria de leitura, nós, os “leitores” nos concedemos todos os direitos, a começar pelas que recusamos a essa gente jovem que pretende iniciar na leitura: o direito de não ler, o direito de pular páginas, o direito de não terminar um livro, o direito de reler, o direito de ler qualquer coisa. [...]

Se houver por parte do professor um planejamento com as obras literárias previamente selecionadas e for dada aos alunos a liberdade de escolha do livro que eles gostariam de ler, oportunizando o manuseio, a troca, se houver o desejo, esse momento se tornará bastante expressivo, porque assim como tantas outras coisas na vida, “o ato de ler” nasce pelo despertar de um sentimento de desejo, de prazer.

O professor, principalmente o professor de escola pública, tem uma responsabilidade ímpar de propor aos alunos a afinidade com os textos literários, para que eles possam usufruir na escola aquilo o que ela pode oferecer de mais importante e necessário para a busca de uma vida de mais criticidade e, sobretudo, de reconhecimento de si e do seu papel na sociedade, que cada vez mais exige um ser capaz de pensar criticamente.

Para Bravos (2018, p. 84) “ [...] ao se ler, também se cria uma história, amplia-se o acervo individual de experiências que possibilitam ao leitor cada vez mais entender a si mesmo, bem como entender aos demais [...]”. É claro que essa teia de construções não acontece de maneira igualitária, porque a leitura não nos faz melhores nem piores, mas tem o poder de intensificar a nossa maneira de ser no mundo, se assim o desejarmos. Já nos fala Candido em *Vários Escritos* (1995, p. 243), “ [...] a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas [...]”. Dessa forma, o trabalho com a leitura carece de ser intensificado mais ainda nas escolas através de políticas públicas que invistam não apenas em acervos literários, mas que possibilitem ao professor oportunidades de desenvolver diversas ações nas quais as práticas de leitura sejam possíveis, para que todos os alunos indistintamente consigam enxergar o mundo com outros olhos e consigam ser atores da sua própria história. Na visão de Candido, “ [...] na nossa sociedade a literatura tem sido um instrumento poderoso de construção e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo”. (CANDIDO, 1995, p. 243). Tudo isso só será possível, no entanto, se partir da inquietação de professores comprometidos, que almejam a formação de indivíduos mais autônomos e conscientes.

O leitor literário tem a oportunidade de refletir sobre sua própria história de vida e buscar respostas para as situações vividas. Embora viva em uma sociedade excludente, consegue buscar resolver suas próprias demandas e enxergar o mundo com outras possibilidades. Esse leitor tem a tendência de desenvolver mais a sua sensibilidade para o mundo e para a natureza: “ [...] A literatura não tem outro limite que a própria capacidade humana de significar [...]” (COSSON, 2014, p.49). E esse significado é dado pela capacidade de compreensão de cada leitor e da disponibilidade de transformação que ele possibilita a si mesmo, por isso, se faz necessário que seja frequente o trabalho com leituras para que assim desperte o leitor literário, porque esses leitores *surgem como flores do campo*. (PETIT, 2009).

A mediação do professor é crucial para a formação de leitores críticos, mas para que isso aconteça, é preciso que o professor seja um leitor de textos literários, que leia obras variadas, de diferentes autores e procure levar isso para o seu espaço de trabalho. Embora saibamos que os leitores podem surgir em diferentes contextos sociais, desde que eles tenham contato com os livros. “Muitos se tornaram leitores por intermédio de um parente, de um professor”. (PETIT, 2009, p.59).

Talvez um excelente exercício seja rememorar as experiências de leituras de nossos professores e as marcas positivas ou negativas dessas vivências irão ajudar os alunos a

entenderem a maneira como o professor trabalha com os textos em sala de aula e levá-los a repensar as suas práticas, de modo que essas práticas de algum modo ajudem na formação de leitor. Cavalcante (2018, p. 4) sinaliza que:

O leitor se constrói ao longo da vida. Para tal, é necessário que se desenvolvam práticas leitoras educativas, críticas literárias e poéticas que tragam as memórias afetivas e que os indivíduos se reconheçam nessas leituras, evocando liberdade e autonomia. Quando revisitamos nossas memórias, é possível reconhecer que o que construímos criticamente em relação ao conhecimento que possuímos está envolto no que somos e naquilo que experimentamos ao longo da vida.

Daí a importância do reconhecimento de que para que a mediação literária tenha êxito, é necessário partir do princípio de que ser mediador de leitura não é simplesmente fornecer os livros aos alunos e dizer como desejamos que a leitura seja feita. O maior exemplo de tudo isso é a postura que o mediador deve ter frente à leitura. A leitura precisa despertar atenção, curiosidade e, sobretudo, tornar a turma desejosa de conhecer mais profundamente a obra exposta e as demais que precisam ser também apresentadas com a mesma intensidade. Cavalcante (2018, p. 6) é incisiva em dizer que: “[...] No desafio de mediar a leitura, não podemos esquecer a importância das linguagens, pois a mediação é um ato de comunicação entre os sujeitos e de partilha entre interlocutores [...]”.

Evidentemente, não existe mediação sem a comunicação com as partes envolvidas. Daí a necessidade de estabelecer um espaço de harmonia, de acolhimento e, sobretudo, de confiança entre professor e alunos. Isso nasce do fazer diário do professor, do seu modo de se expressar mediante as situações diversas que surgem diariamente, o que nos faz entender que o exercício do fazer docente é uma profissão que exige compromisso.

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, traz um capítulo intitulado “Ensinar exige querer bem aos educandos” (2001, p.159). É esse querer bem que faz do educador um ser que almeja desenvolver a melhor prática pedagógica para que os alunos aprendam um querer bem que motive os professores a mediarem boas leituras de modo a formar leitores desejosos de se apropriarem das leituras oferecidas durante as aulas.

É importante destacar que a mediação literária pode acontecer em qualquer lugar, nas salas de aula, nas bibliotecas, em um espaço escolhido para tal finalidade, pois o mais importante de tudo isso é o modo como vai acontecer esse diálogo entre a leitura e o leitor. Para Iser (1996, p. 15) “[...] o texto literário é considerado, por conseguinte, sob a premissa de ser comunicação. Através dele, acontecem intervenções no mundo, nas estruturas sociais dominantes e na literatura existente [...]”.

Muito se tem discutido sobre a necessidade de um professor mediador de leitura para formar leitores literários, mas é imprescindível dizer que cada pessoa proporciona a leitura de acordo as suas experiências vividas com a leitura, por isso a necessidade de momentos para a formação de leitor que proporcionem discussões sobre quais as melhores estratégias, tomando o próprio formador como exemplo desse mediar o trabalho com proficiência.

Quando nos referimos ao que chamamos aqui de formação do leitor, precisamos deixar claro tratar-se de uma ação educativa, e não de gerar formas ou moldes. “Pensamos nas práticas dialógicas do ato de ler, do leitor como elemento principal dessa prática pedagógica, visto no seu todo como ser que pensa, age, reflete, analisa e decide. (CAVALCANTE, 2018, p. 9).

Evidentemente, o professor mediador é alguém que consegue pensar e tomar suas próprias decisões, considerando que as pessoas que ali se fazem presentes vivem em contextos sociais diferentes e que o estímulo à leitura precisa acontecer de maneira contínua para que provoque no aluno o anseio em conhecer a obra apresentada e tantas outras que serão oferecidas e disponibilizadas ao longo de sua vida, por isso “ [...] o mediador é alguém que toma o texto como um monumento que precisa ser explorado, olhado, analisado, desconstruído se necessário, para que possa emergir a voz, a compreensão singular daquele que lê [...]” (BARBOSA e BARBOSA, 2013, p.11). Esse olhar do texto como um monumento tem uma representatividade ímpar para o professor, considerando que o mesmo precisa de algo que atraia a admiração daqueles que estão à sua volta, ao mesmo tempo em que se torna alvo para ser tocado e utilizado ao seu bel prazer, dando sentido ao objeto apresentado.

Barbosa e Barbosa (2013, p.11), são incisivas em dizer que “ [...] a mediação se materializada como um acolhimento e permite que aqueles que buscam adentrar o mundo da leitura, façam uso dessa hospitalidade para apoiar-se e dar materialidade às suas buscas e desejos de compreensão da palavra, da vida [...]”. Se a mediação for um ato isolado, sem oferecer ao leitor a oportunidade de mergulhar na essência de cada página, usufruindo da sua estética, deixará de ter sentido para quem lê. Talvez seja por isso que muitos jovens não se interessam em ler livros literários.

A Literatura por si só já oferece inúmeras possibilidades de reflexões, oportunizando novas interpretações, mas para que isso aconteça é preciso que os jovens aprendam a ler os textos e as obras oferecidas atentando para as mensagens, e que consigam conversar com elas, relacioná-las com outros textos lidos e até outros momentos vividos. “[...] Um texto evoca outros textos, um título evoca outros títulos [...]”, assim destaca (LERNER, 2002, p. 27).

Quanto mais o leitor conversar com o texto, mais ele desejará se apropriar da obra, considerando, entretanto, que cada leitor tem uma reação frente ao texto lido, pois a emoção despertada para uns pode não ser a mesma para outros e a leitura literária oferece essas oportunidades.

[...] o texto comporta uma concepção que não se esgota nele mesmo, mas no diálogo que provoca com o leitor. O diálogo será tanto mais produtivo quanto mais o texto puder possibilitar condições de identificação do leitor com ele, considerando que o autor, ao criar o texto, não tem objetivo de conformar o leitor, mas de tê-lo como coprodutor, parceiro, dando-lhe também possibilidades de criar outros textos. A obra, então, não é apenas um objeto que apresenta uma visão de mundo acabado, mas um espaço que pode contribuir na formação do leitor reflexivo. (RANGEL, 2009, p. 27 *apud* MARTINS, 2018, p.38).

Assim, o papel a ser desempenhado pelo professor mediador de leitura vai se constituindo no seu fazer pedagógico, através das suas práticas leitoras ofertadas para os alunos e pela busca constante de ajudá-los na compreensão desses textos que nem sempre são de fácil entendimento para eles. A sensibilidade do professor, nesse momento, é de grande importância para que os alunos não percam o estímulo de continuar lendo, mesmo que sejam obras de difícil compreensão. Essa visão mais sensível do educador vem permitindo que a literatura aos poucos ganhe espaço nas aulas de muitos professores, sejam movidos pela exigência cada vez maior de leitores proficientes ou pelo alto índice de pessoas que ingressam no ensino médio ou até mesmo nas universidades sem conseguir exercer com proeza a habilidade de ler. “A importância da literatura, pois, é uma ideia aceita, hoje em dia, por todos os agentes sociais.” (COLOMER, 2007, p.105). E isso vem fortalecendo cada vez mais as discussões a respeito de um trabalho mais pautado nas práticas de leitura, a necessidade de permitir a todos o acesso aos livros. Isso tem um envolvimento muito forte com o que já foi mencionado anteriormente, a necessidade de momentos formativos de leitores, onde exista um repensar sobre o fazer pedagógico motivado pelo desejo de transformação e aceitação de novas possibilidades leitoras, afinal todos precisam inovar continuamente. Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* compartilha conosco que “ [...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática [...]”. (FREIRE, 2001, p.43-44).

É interessante salientar que existem hoje muitas discussões em torno da necessidade de realizar momentos de formação para aqueles que almejam refletir sobre as suas práticas leitoras ou na formação de leitores, e muitos teóricos que já trazem essa discussão abrindo,

assim, um leque de possibilidades que ajudarão nessa reflexão. Apesar de existir o querer e os arcabouços teóricos, os encontros formativos na sua grande maioria são voltados para as estratégias metodológicas, deixando em segundo plano a formação de leitores, principalmente, leitores literários, principal gargalo na educação pública do nosso país. Enquanto essa possibilidade estiver distante da vida profissional da maioria dos professores, é preciso encontrar outros caminhos para que a mediação do trabalho com a leitura de literatura flua nos espaços escolares e que essa seja significativa para os alunos. Ipiranga (2018, p.45) enfatiza que:

A leitura literária é capaz de capacitar o(a) leitor(a) a produzir inferências e ler o que está nas entrelinhas, nos intervalos entre as palavras, naquilo que não está escrito. Assim, a leitura literária traz, para o universo do leitor, possibilidades novas de sentido, colocando em questão suas verdades, desestabilizando-o e levando-o a reestruturar-se.

Ipiranga (2018) apresenta a leitura literária com amplas possibilidades desde que o professor seja um mediador e entenda que é de sua responsabilidade a função de despertar nas crianças a vontade de ler, reafirmando o que diz Bragatto Filho (1995, p.16 *apud* MAIA, 2007, p.17): “[...] a literatura é um produto de um trabalho estético com a linguagem que, ao representar a realidade, o faz assegurando o princípio da polissemia, isto é, a possibilidade do leitor extrair múltiplos sentidos [...]”, sentidos esses que partem do entendimento de leitura de cada um, de suas reflexões embasadas em conhecimentos adquiridos anteriormente.

### 3 DELINEANDO A PESQUISA: O TRAJETO, O *LÓCUS*, OS SUJEITOS

Realizar uma pesquisa é algo que, a princípio, traz certo estranhamento, porém é necessário para que nos permitamos reflexões para algumas inquietações. Ela surge do desejo, da busca por explicações para algo que suscita questionamentos. Contudo, navegar por esses caminhos não é nada fácil, eles precisam ser planejados para encontrar a melhor trilha a seguir. Às vezes, essa trilha se torna densa, surgem empecilhos e se, isso acontecer, é imprescindível recuar e seguir pensando qual o melhor caminho para encontrar respostas, ciente de que “ [...] a única maneira de começar a nadar é entrar na água [...]” (BECKER, 2015, p. 114). É se encorajar e seguir em frente, remando contra a maré até encontrar a corrente que está a seu favor e, assim, seguir a sua busca até chegar no seu intento satisfatoriamente. Para Pesce e Abreu (2013, p. 26):

Os momentos preliminares de uma investigação em que o pesquisador traça o diagnóstico da realidade a ser observado, o modo de organizar os dados coletados e a delimitação da problemática de investigação são feitos sempre a partir da materialidade histórica do pesquisador e das suas escolhas teóricas e metodológicas.

Tais escolhas devem ser feitas cuidadosamente pelo pesquisador, que precisa ser fiel no seu processo de atuação, resguardando tudo o que lhe foi confiado, deixando os envolvidos nessa ação à vontade para delinear a respeito do que foi questionado. Tendo essa clareza, faz-se necessário considerar o *lócus* da pesquisa, conhecer um pouco da sua historicidade, aproximar-se dos sujeitos envolvidos, criar um elo para que todos se sintam à vontade para se envolver nesse “mundo acadêmico” que, segundo Becker (2015, p. 119) guarda uma profunda “ambivalência”. Dada essa confiança mútua, a metodologia escolhida deve ser aplicada, considerando que terá resultado se todos forem protagonistas da história.

#### 3.1 O CAMINHO METODOLÓGICO

Os caminhos existem para serem trilhados por viajantes sonhadores, cheios de esperança, que sabem que a cada passo dado poderá encontrar “pedras no caminho” como no poema de Drummond, mas que elas serão retiradas pela persistência dos sujeitos. Realizar esse percurso exige do pesquisador um olhar atento para que os resultados sejam o mais original possível. É o momento de novas (re) descobertas em relação a algo que suscita indagações. Para essa insólita busca, o pesquisador precisa decidir qual o melhor trajeto a seguir, embora algumas vezes o caminho possa se tornar árduo mediante as indecisões provenientes da própria pesquisa, pois é necessário que o pesquisador decida qual o melhor

método, os instrumentos a serem utilizados e a abordagem metodológica frente às teorias discutidas e, assim, vão surgindo pistas de qual a melhor rota a adotar para chegar à pesquisa, não desconsiderando a vivência e a especificidade de cada um. Ciente disso, trago contribuições dos professores e alunos, colaboradores da pesquisa, buscando entender como acontece a mediação literária nos espaços de sala de aula e se de algum modo essa prática tem influenciado o desenvolvimento de competências leitoras. Por isso, é imprescindível uma escuta cuidadosa para que possamos confirmar ou não as hipóteses levantadas.

Entendendo que a pesquisa tem um viés ambíguo, tentei delinear a minha trajetória. Com o propósito de alcançar os objetivos propostos, optei pela pesquisa de campo com abordagem qualitativa, por entender que essa abordagem possibilita uma melhor compreensão e interpretação dos fatos, considerando suas particularidades e sem perder o rigor científico. A pesquisa qualitativa, segundo Bogdan e Biklen (1994, p.51 *apud* Pesce e Abreu, 2013, p. 25), ampara-se em outros princípios, como a não neutralidade do observador. Segundo Pesce e Abreu “[...] o processo de condução da investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dados estes não serem abordados de forma neutra”. (2013, p. 26).

Comungo com a ideia dos pesquisadores tendo em vista que a minha opção pela pesquisa de cunho qualitativo não surgiu de forma isolada, mas emanou da possibilidade de dialogar com os meus colaboradores a respeito da mediação com a leitura nos espaços de sala de aula de maneira clara, com liberdade para eles se expressarem tranquilamente. Essa modalidade de pesquisa também possibilita uma ação flexível dos participantes dentro de um contexto, embora ainda haja necessidade de maiores discussões a respeito da pesquisa qualitativa, tendo em vista que “[...] muitos cientistas sociais acusem a pesquisa qualitativa de não apresentar padrões de objetividade, rigor e controle científico, já que não possui testes adequados de validade e fidedignidade [...]” (GOLDENBERG, 2004, p.45).

Talvez as críticas à pesquisa qualitativa sejam pelo fato de a modalidade levar em consideração as constantes mudanças que são inerentes ao ser humano e não ser vista como algo imutável, definitivo, concreto, ou seja, esse tipo de pesquisa oferece múltiplas oportunidades de construção e reconstrução dos fatos, sempre que necessário. Este trabalho tem abordagem de cunho qualitativo e se apoia também nas bases epistemológicas que orientam a reflexão acerca do trabalho com a Literatura mediada pelos professores na sala de aula.

Para mediar o trabalho com a leitura, o professor precisa não apenas gostar de ler, mas se encantar com os textos lidos e extrair deles a melhor mensagem que possam oferecer,

construindo possibilidades de entender melhor o mundo que o rodeia e também a si próprio. A leitura literária fomenta no ser humano o desejo por uma busca incessante de saber, um saber construído paulatinamente pelas experiências das leituras lidas e ouvidas e pelas reflexões que proporcionam, principalmente pelas relações que são construídas ao longo da caminhada. Daí a necessidade de que o professor desperte, nos seus espaços de sala de aula, o anseio pela leitura não como algo para o cumprimento de uma atividade, mas pelas possibilidades de transformação que ela propicia a cada ser humano.

A reflexão acerca do trabalho mediado pelos professores nos espaços de sala de aula justifica a base epistemológica que sustenta a minha pesquisa, considerando a necessidade de adentrar nas vivências dos sujeitos envolvidos de modo a compreender todo o processo que se pretende investigar em um determinado tempo. Para Husserl (1996, p.207 *apud* Cavalcanti, 2014, p.991): “[...] o conhecimento começa com a experiência de coisas existentes, de fatos, de fenômenos que se apresentam à consciência [...]”. Considerando que cada pessoa é um ser único e subjetivo é que o meu olhar enquanto pesquisadora não pode ser visto como algo definitivo. Como referencial filosófico, o presente texto será norteado pela fenomenologia, visto que:

O fenomenólogo compreenderá também que o fenômeno que estuda não é uma “coisa”, mas envolve a vivência humana daqueles que estão implicados no fenômeno. Portanto, o pesquisador buscará a vivência, a experiência dos sujeitos que vivenciam o fenômeno numa situação real. (CAVALCANTI, 2014, p.993).

A partir dessa compreensão, o pesquisador precisa equacionar o objeto de seu estudo aos saberes dos sujeitos envolvidos buscando sentido em tudo o que é posto, considerando principalmente que os resultados adquiridos não são uma visão isolada, abrindo possibilidades para novas interpretações do fenômeno estudado. Tendo ciência dessa importância, fiz a minha escolha metodológica tomando como base a reflexão de alguns teóricos já mencionados anteriormente e que trouxeram subsídios para que eu me aproximasse mais do meu objeto de pesquisa. Sabedora de que se trata de uma teoria baseada na mediação do professor que possibilita uma ação dialógica entre o leitor e o texto, e que tal relação é cheia de intersubjetividade, percebi que adentrar por esse viés teórico-metodológico não é nada fácil, por isso, faz-se necessário esclarecer a metodologia aplicada neste trabalho. Mediante essa compreensão, optei pela utilização da entrevista semiestruturada como um dos procedimentos metodológicos que acredito atender à intencionalidade da pesquisa.

A entrevista semiestruturada, como fala Gamboa (2003, p.121) permite “ [...] um horizonte de interpretações [...]”. Esse instrumento possibilita ao entrevistado se colocar de maneira tranquila frente às questões proferidas pelo pesquisador.

Para iniciar a minha pesquisa, precisei retornar ao campo empírico: a Escola Municipal Mário Campos Martins (EMMCM), só que agora como pesquisadora. A minha primeira visita à instituição aconteceu no início do segundo semestre de 2019, com a intenção de conversar com a direção da escola, falar do meu propósito e pedir permissão para conversar com os professores. Em outro momento, fui à escola com dia e data previamente marcados. Conversei com os professores sobre minha pesquisa acadêmica, falei do meu desejo da participação deles na pesquisa, apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) para que eles lessem e assinassem caso aceitassem participar da entrevista, o que possibilitou a continuidade do meu trabalho. Logo feito o convite, todos se colocaram à disposição para participar e, por conseguinte, contribuir com minha investigação.

Faz-se necessário esclarecer que o momento que se vai a campo é deveras imprevisível, mediante as dificuldades e os entraves que podem surgir durante a caminhada, mas é preciso persistência para que os resultados sejam fidedignos. O período previsto para a minha entrevista foi no segundo semestre de 2019, porém não foi possível que fosse realizada nas datas previstas que, embora agendadas, foram remarcadas e só no final do mês de outubro pude realizar a primeira etapa da entrevista com três professores. Com os demais, só pude realizar a entrevista no final do mês de dezembro de 2019. Dividi a entrevista em duas etapas: na primeira, as questões suscitadas tinham um viés mais pessoal, a respeito da apropriação da leitura (Apêndice A) e na segunda o meu olhar foi voltado para questões profissionais. (Apêndice B).

Cada entrevista durou em média de 10 a 33 minutos aproximadamente, sendo que na primeira etapa ficou evidente que professores estavam emocionados, pois o roteiro da entrevista mexia muito com as lembranças deles. Já na segunda etapa, eles estavam bem mais tranquilos, já que o foco da entrevista eram as suas experiências com a leitura nos seus respectivos processos de formação.

Para deixar os sujeitos da minha pesquisa à vontade, solicitei da direção da escola um espaço que fosse tranquilo e onde não houvesse nenhum tipo de interrupção. A direção foi muito solícita e permitiu que fosse usada a sala do laboratório de informática e, assim, sempre que precisei, agendava previamente. Tive também o cuidado para que as entrevistas acontecessem no horário em que os professores não tivessem aula. Como toda e qualquer pesquisa pode passar por alguns imprevistos, precisei agendar outro espaço para realizar a

entrevista com um professor, pois ele tinha todos os seus horários fechados na escola. Porém, a entrevista aconteceu com muita tranquilidade. Ao término das entrevistas, todos os entrevistados demonstraram satisfação em contribuir com este trabalho.

Outro cuidado foi pensar no pseudônimo para cada um dos meus colaboradores, entretanto, essa escolha não poderia ser feita de forma aleatória, considerando que o campo empírico da minha pesquisa é bastante especial para mim, assim como os profissionais que lá atuam. Não por acaso, denominei cada um deles com nomes de flores a fim de preservar a identidade dos profissionais. A escolha por nomes de flores se deu porque acredito que cada um dos profissionais está ali para trazer beleza e luz para a escola.

A pesquisa, às vezes, passa por caminhos imprevisíveis, o que significa que em determinado período precisamos adentrar em outra trilha para chegar ao final da caminhada e foi isso que aconteceu. Após a qualificação que ocorreu no primeiro semestre de 2020, foi sugerido que alguns alunos fossem convidados para participar desta pesquisa por meio de uma entrevista em que os alunos deveriam responder apenas uma questão. A ideia era que eu pudesse conhecer melhor o trabalho realizado com a leitura pelos professores. No entanto, seguir percorrendo essa trilha foi bastante difícil em virtude do cenário que o mundo e o país estão vivendo em relação à pandemia da Covid 19, doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-COV2, responsável por causar um espectro clínico assintomático e quadros graves, levando muitas pessoas a óbito.

Diante da gravidade da pandemia, medidas urgentes foram tomadas para evitar a disseminação do vírus, inclusive o fechamento das instituições de ensino. Foram momentos difíceis e, apesar de já ter tido aulas presenciais do mestrado em 2019, iniciado o meu trabalho de campo e passado por algumas orientações, me adaptar a essa nova modalidade de orientação, fazendo uso de recursos digitais não nada fácil. Apesar de ter minha caminhada interrompida, consegui dar continuidade ao trabalho iniciado no ano anterior.

Realizar a entrevista com os alunos, sujeitos desta pesquisa também não foi fácil, já que eles também não estavam tendo aulas presenciais e fazer uso dos recursos tecnológicos ainda era uma grande dificuldade para muitos, devido principalmente à falta desses recursos. Nesse período de isolamento social e com o intuito de reduzir os impactos negativos, os alunos recebiam as atividades on-line através de uma plataforma que foi criada para esse fim, ou através de grupos *de whatsapp* criados nas escolas.

Os pais que não conseguiam imprimir as atividades se dirigiam às escolas no dia do plantão pedagógico que acontecia quinzenalmente às terças-feiras para buscar as atividades e tirar possíveis dúvidas. Essas atividades eram preparadas pelos professores juntamente com os

coordenadores via *whatsAap* e encaminhadas ao supervisor pedagógico que discutia com os coordenadores fazendo uso desse mesmo recurso, e depois enviava para o diretor pedagógico, que fazia toda a revisão antes da atividade ser postada.

Ciente de toda rotina da escola e das dificuldades e adaptações, precisei seguir caminhando para dar prosseguimento a esta pesquisa. Assim, solicitei da direção da escola o contato de alguns pais do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental – anos finais para que eu pudesse pedir autorização para conversar com seus filhos, já que são menores de idade. Não foi fácil conseguir isso, tendo em vista que alguns pais não se dispuseram a autorizar a participação dos alunos. Consegui outros contatos com uma professora que não trabalha na escola *locus* da pesquisa, o que explica o fato de que apenas três localidades estejam presentes nesta pesquisa.

Depois de conseguir os contatos, liguei para cada um deles, explanei a minha intencionalidade na pesquisa e, posteriormente, conversei com cada estudante, os quais receberam nomes de cores, para que a sua identidade fosse preservada. Esses pseudônimos foram escolhidos com muito carinho, considerando que cor é vida, é esperança, assim como cada um desses participantes, que trazem consigo a possibilidade de um futuro mais promissor, com ideias claras e muita luz. Os alunos sujeitos da pesquisa também estavam se adaptando à nova maneira de estudar, já que as aulas não poderiam ser presenciais.

Para analisar e interpretar os dados empíricos desta pesquisa, procurei ouvir cada etapa da entrevista com bastante atenção para não perder de vista aquilo que meus colaboradores trouxeram e que foi crucial para o enriquecimento desse trabalho. Outro aspecto que considerei de grande relevância após a qualificação foram as reflexões a respeito das categorias que haviam, a princípio, direcionado esse meu trabalho acadêmico, que foram: prática docente, leitura literária, estética da recepção. Após as reflexões trazidas pelas professoras que coordenaram a banca, e das inúmeras leituras que fiz ao longo desse processo, fui percebendo que o caminho metodológico que estava trilhando me conduzia para a mediação dos professores com a leitura literária, o que levou à mudança na última categoria de análise.

Apesar de já ter visitado o espaço que seria o *locus* da minha trajetória e realizado entrevista com os meus colaboradores, a qual foi gravada para a obtenção dos dados, senti também necessidade de fazer um questionário via *WhatsApp* com a direção da escola (Apêndice C) para obter mais informações das condições oferecidas para a realização do trabalho com a leitura, já que, devido à pandemia, as condições presenciais eram inviáveis. O

questionário trouxe muitos esclarecimentos, os quais foram de suma importância para que eu pudesse conhecer um pouco mais da instituição de ensino e observar algumas questões.

A primeira observação que fiz foi relacionada à inexistência, no EMMCM, de um projeto de leitura institucionalizado, ainda que a instituição promova ações diversificadas e pequenos momentos de leitura ocorram durante o trimestre, a exemplo das tertúlias dialógicas, sessão simultânea de leitura, além dos momentos em sala de aula.

Mesmo sendo uma escola pública, a EMMCM possui uma biblioteca com um pequeno acervo literário que, no entanto, é muito utilizado pelos alunos. O espaço da biblioteca também é utilizado para pesquisa e para o empréstimo dos livros do acervo, o que de certa forma revelou um pouco desse contexto leitor que a escola pode oferecer.

Após todo esse caminhar, percebo quão válida foi cada estratégia metodológica utilizada, desde o diálogo presencial com os professores até as informações via *WhatsApp* que precisei realizar com a direção da escola e com alguns alunos, o que me ajudou a entender mais a respeito do objeto desta pesquisa e para que a minha investigação tivesse um respaldo científico. Sinto a necessidade de continuar nesta busca, delineando o do *lócus* escolhido para que meu trabalho se tornasse possível.

### 3.2 O LÓCUS DA PESQUISA

Antes de traçar o perfil da escola *lócus* da minha pesquisa, é importante uma referência ao Município de Irará e ao Distrito de Bento Simões onde a instituição está inserida. Irará significa “nascido da luz do dia”, nome de origem indígena que vem da palavra arará, espécie de formiga que aparece depois de uma trovoadas. O território iraraense teve como seus primeiros habitantes os índios Paiaiaás. De acordo com Cruz (2017, p.39), Irará “está situada numa faixa de transição entre o Recôncavo e o Sertão da Bahia e tem em sua história as marcas de um passado que não difere das demais cidades que se construíram no perverso processo de colonização brasileira”.

Segundo informações do Portal do Sertão, Irará fazia parte da Capitania de Todos os Santos, na sesmaria de Garcia D'Ávila. Suas terras foram exploradas pelos padres jesuítas que chegaram pelo Norte, atual município de Água Fria. Duas correntes favoreceram o desbravamento da região: uma na direção Oeste, pela serra de Irará (na busca de ouro e pedras preciosas) e outra, ao leste, na caça ao gentio. A partir desse desbravamento, foram construídas aqui duas Igrejas: uma no Distrito de Bento Simões e a outra no Povoado da Caroba.

O município de Iará vem crescendo consideravelmente e tornou-se conhecido em todo o mundo pelo viés cultural da música, da arte e do futebol. As festas juninas e as festas de fevereiro são as maiores atrações do Município.

De acordo com dados encontrados no *site* do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE, 2020), Iará tem uma população estimada em 29.173 pessoas e, conforme os dados do censo de 2020, ela possui uma extensão territorial de 269,880 km<sup>2</sup>. A distância da cidade para a Capital do Estado da Bahia é de 137 km.

A população do Município vive na sua grande maioria da agricultura, e muitos dos produtos agrícolas são comercializados nas feiras livres que acontecem, principalmente, aos sábados. Seus produtos são comercializados para os iraraenses e para as pessoas das cidades próximas. O município de Iará está localizado no território Portal do Sertão<sup>9</sup>.

A Vila de Bento Simões, lugar onde fica situada a escola *lócus* da minha pesquisa, me trouxe lembranças que me emocionaram pela saudade e pelas marcas que foram deixadas ao longo da minha caminhada. Vivi toda a minha infância e a minha adolescência desfrutando da sua beleza e tranquilidade! O meu “lugarzinho” não é mais o mesmo porque o progresso chegou e o transformou. Esse fato, de certa forma, me deixou triste porque eu não poderia mais pisar na areia da minha rua e nem fazer currais com as frutas do oiti, embora mais tarde compreendesse que o progresso era necessário para a melhoria do espaço em que vivemos e também para oportunizar qualidade de vida para os moradores.

Como diz Teixeira (1978, p.102), “ [...] o progresso não consiste nas mudanças materiais que sofre a vida, mas no enriquecimento dela em seu sentido, em amplitude, em maneiras mais finas de apreciar e compreender [...]”. Essa vila, capaz de encantar e deixar lembranças tão fortes que se tornaram imortais para mim, é deveras mágica e muitas vezes me faz sentir como Ponciá Vicêncio, personagem do romance homônimo de Conceição Evaristo, necessitada de retornar ao local de origem e reviver as lembranças que ficaram para trás, deixando que as emoções renovem as energias desgastadas ao longo dos anos.

Teixeira fala “ [...] que não se torna a viver a vida, [...] mas se recorda do passado que é interessante ou que fazemos interessante [...] e que recordar é, porém, quase sempre amável, repousado e florido. Exercício mais de fantasia do que de inteligência [...]” (1978, p.134). Movida pelas minhas inquietações e pelo desejo de entender como a literatura é mediada

---

<sup>9</sup> O Portal do Sertão é um dos vinte e sete territórios de Identidade do Estado da Bahia, instituído pelo Decreto 12.354, de 25.08.2010, com a finalidade de promover o desenvolvimento econômico e social dos municípios baianos. (BATISTA, 2016, p.36).

pelos professores é que escolhi uma instituição de ensino nesse lugar para realizar a minha pesquisa, porque a escolha diz muito da minha trajetória pessoal e também profissional.

Consoante às informações do IPAC-BA – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia:

[...] o atual povoado de Bento Simões, no distrito de Irará-BA, fazia parte do morgado de Bento Simões, português de nascimento, originário de S. Cosme do Vale, Braga, e que se fixou no Brasil provavelmente no início do século XVIII, em terrenos adquiridos ao Coronel Francisco de Souza. Embora a interpretação geográfica atual não mais nos autorize a considerar a região como integrante do Recôncavo, está situada no mapa organizado por Teodoro Sampaio para a referida região, e integrada no movimento da economia açucareira ou do ciclo da cana-de-açúcar, o que se evidencia pelo número de engenhos construídos. Tendo Bento Simões morrido entre os anos de 1726 e 1729, a propriedade passou para os seus herdeiros, entre eles, o padre José Simões, seu irmão, enterrado na entrada da capela, onde uma lápide de lioz assinala a data de 1763 como a do desenlace. Se bem que não sejam conhecidos os laços de parentesco, cujas raízes estão além-mar, sabemos que Antônio da Costa Pinto, também português, nascido por volta de 1760, recebeu o encapelado na segunda metade do século XVIII, havendo continuidade de posse da família até os dias atuais, embora dividido entre os seus herdeiros, após a extinção dos morgados, em 1836. A continuidade de administração sofrida pelas propriedades dentro da mesma família e o sepultamento de vários membros ilustres dentre seus componentes na Capela de Nossa Senhora da Conceição, podem ser considerados, no nosso entender, de efeito bastante positivo para o monumento, visto que foi a Capela conservada piedosamente através dos tempos, sendo inclusive objeto de algumas reformas como a de 1942 e que não parecem, felizmente, ter afetado substancialmente o conjunto. (IPAC, 20--?).

A Igreja de Bento Simões (Anexo B) fica localizada na Praça de Bento Simões, Irará-BA, faz parte do Território de Identidade do Portal do Sertão e foi tombada devido a sua importância cultural. “ [...] Bento Simões, único distrito do Município, há aproximadamente 11 km da sede, embora esteja localizado fora do perímetro da sede, é considerado urbano [...]” (BATISTA, 2016, p. 40).

De acordo com o IBGE, desde 1938, através do Decreto-lei nº 311, ficou estabelecido que as cidades (sedes de município) e as vilas (sedes de distrito) são urbanas e que o restante do território é rural. Com base nessa afirmativa, o distrito de Bento Simões é considerado

zona urbana, entretanto a maioria dos moradores vive da agricultura, assim como as famílias da maioria dos alunos que frequentam a EMMCM.

Além da igreja, outro ponto turístico do lugar, é “a bica de Bento Simões<sup>10</sup>”, (ANEXO C) como é conhecida. Apresenta uma bela paisagem e é cercada por bambus e outras plantas nativas. Nos finais de semana, há um grande número de visitantes que vão a essa fonte em busca de lazer e diversão. Como eu nasci e me criei nesse lugar, sei da importância dessa fonte para os moradores, principalmente em tempos longínquos onde não se tinha facilidade para abrir poços artesianos como hoje. Os moradores utilizavam a água para o consumo diário. Inclusive, durante um bom tempo, a água encanada que tínhamos em casa era dessa fonte. As comunidades vizinhas também vinham buscar água para o consumo e para o rebanho no período de longas estiagens.

Outro local extremamente importante é a Escola Municipal Mário Campos Martins, *locus* da minha investigação. A escola fica situada na Rua Campos Martins, S/N. Segundo dados fornecidos pela gestão da escola, a instituição recebeu esse nome porque o terreno foi doação do senhor Mário Campos Martins, morador da localidade. De acordo ao histórico (Aut. Nº 2876/81, p.1), fornecido também pela gestão, a escola era vinculada à Superintendência Regional de Educação (SURED) 02 e foi inaugurada no ano de 1945 e funcionou até 1971.

A partir do ano de 1972, a Unidade passou a funcionar com professores mantidos pelo Município até 1976, quando foi restaurada e voltou a funcionar com professores mantidos pelo Estado. Em 1980, diante das demandas dos alunos da região, foram construídas mais duas salas de aula. Em 1984, foi feita restauração nas salas já existentes (quatro) e construídas mais duas outras salas. No ano de 1999, a escola foi municipalizada, tendo como órgão mantenedor a Prefeitura Municipal de Irará: hoje com dez salas, a escola conta com um quadro efetivo de 25 funcionários e 06 prestadores de serviços temporários (PST), sendo que desse total, 13 são professores efetivos e 04 são professores contratados.

A EMMCM atende alunos dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e a modalidade Tempo Juvenil (TJ), com o intuito de correção de fluxo. Como não houve demanda para o noturno, essa modalidade passou a funcionar apenas no diurno. A matrícula da escola nos últimos cinco anos vem oscilando bastante, como é possível comprovar no quadro abaixo.

---

<sup>10</sup> Cf. [www.irara.ba.gov.br/ponto-turistico/5/bica-de-bento-simoes](http://www.irara.ba.gov.br/ponto-turistico/5/bica-de-bento-simoes).

**QUADRO 1-** Demonstrativo da matrícula dos últimos cinco anos da EMMCM

<b>ANO</b>	<b>TOTAL DE MATRÍCULAS</b>
2016	275
2017	376
2018	355
2019	329
2020	300

Fonte: Dados fornecidos pela SEDUC (2020)

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola (EMMCM, 2018)<sup>11</sup>, a instituição tem como missão:

[...] oferecer um ensino de qualidade, garantindo a participação ativa da comunidade escolar e contribuindo para a formação integral dos alunos, a fim de que se tornem cidadãos críticos, conscientes, participantes, capazes de agir construtivamente na transformação do meio em que vivem [...]. (EMMCM, 2018, n.p.)

**FIGURA 2** -Escola Municipal Mário Campos Martins

Fonte: <https://www.facebook.com/escolammcm/>.

Na escola existe uma biblioteca e dois funcionários que são destinados para trabalhar no espaço, porém o acervo é precário e os livros que lá existem são provenientes do Ministério

<sup>11</sup> Os dados do PPP da escola foram disponibilizados pela gestão da instituição.

da Educação e Cultura (MEC) e adquiridos também através de doações. Pelo fato de o acervo ser bastante limitado, os alunos fazem uso dele apenas para pesquisa. Infelizmente, as escolas públicas em nosso país, na sua grande maioria, passam por esse problema e, por falta de políticas públicas para fomentar a aquisição de novas obras literárias, os alunos tendem a limitar as suas leituras, principalmente aqueles que são desprovidos de capital cultural.

Já nos fala Bourdieu (2007, p.74-75) “ [...] o capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa [...]”. São poucos que usufruem desse capital e, devido a essa falta, muitos não conseguem se apropriar das discussões feitas no espaços de sala de aula e acabam sendo considerados os “excluídos do interior”<sup>12</sup>, ou seja, eles se fazem presentes nos espaços que são fomentadas as discussões, mas não conseguem dialogar com o que lhes é proposto por causa da fragilidade do seu repertório cultural. Tal situação é advinda da falta de políticas públicas que assegurem a todos, indistintamente, o acesso aos livros, assim como a disponibilidade de um tempo maior para que os professores desenvolvam ações que mobilizem o contato dos alunos com os acervos existentes na biblioteca da escola.

A escolha da escola para o desenvolvimento da pesquisa, portanto, não foi por acaso, já que a instituição tem uma relevância muito grande para mim, não apenas pelo fato de ter nascido na Vila onde ela fica localizada, mas também por ter estudado ali até concluir o Ensino Fundamental – anos finais e regressado para trabalhar depois de ter concluído o Magistério. O público da escola também pesou muito na escolha: os alunos que a escola recebe são, na grande maioria, oriundos da zona rural e, claro, muitos são filhos ou netos de pessoas com as quais convivi durante a minha infância.

Retornar à EMMCM hoje, como pesquisadora, requer de mim um olhar cuidadoso e minucioso para ver aquilo que não consegui ver nos momentos que me fiz presente naquele espaço, salientando que faz exatamente três anos que estou afastada da referida instituição de ensino para exercer outra função na SEDUC, na sede do município, trabalhando com um grupo de coordenadores.

A maioria dos sujeitos da minha pesquisa reside no Município de Iará e outros se deslocam de cidades vizinhas para trabalhar na escola, a exemplo das localidades de Coração de Maria e Santa Bárbara. São pessoas que compartilham suas vivências e experiências porque foram aprovados no concurso público municipal do município. Esses professores têm a faixa etária entre 25 e 50 anos, e o tempo de atuação como professores varia de 05 a 33

---

<sup>12</sup> Cf. CATANI, A.; NOGUEIRA, M.A. (org.). **Pierre Bourdieu: escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

anos. Apesar de alguns deles terem menos tempo na docência, todos demonstraram fazer uso de estratégias de leitura para mediar suas aulas. Todos os professores são graduados nas áreas em que atuam.

**Quadro 2:** Demonstrativo do perfil dos professores sujeitos da pesquisa

<b>Localidade onde residem</b>	<b>Situação funcional</b>	<b>Tempo de atuação</b>	<b>Graduação</b>
Irará (03 professores).	2 efetivos e 1 PST	1 professor 03 anos 1 professor 25 anos 1 professor 33 anos	02 em História 01 em Língua Portuguesa
Coração de Maria (01 professor)	Efetivo	25 anos	Língua Portuguesa
Santa Bárbara (01 professor)	Efetivo	33 anos	Língua Portuguesa

Fonte: Dados fornecidos pela gestão da escola (2020).

Mediante os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Coração de Maria integrava a fazenda de Bento Simões. Seu povoamento iniciou-se na primeira metade do século XIX, quando João Manoel da Mota, Nacriano Simões Ferreira e Antonio Fidelis de Cerqueira construíram no lugar “Lajes” a capela do Santíssimo Coração de Maria. Segundo o IBGE (2021, n.p) “[...] Em 1848, o missionário jesuíta Paulo iniciou a construção da Igreja Matriz, elevada à freguesia, em 1953. O arraial sede da freguesia foi elevado à vila, em 1891, com o nome de Santíssimo Coração de Maria. Em 1944, o nome foi simplificado para Coração de Maria [...]”. Ainda de acordo com o IBGE, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade é de 98,8% (2010) e uma população estimada em 2020 de 22.495 pessoas.

O município de Santa Bárbara, segundo informações do Portal do Sertão (20??, n.p):

Segundo relatos de antepassados, o povoamento do território começou na primeira metade do Século XIX, por desbravadores que ali se estabeleceram, desenvolvendo a agropecuária. Santa Bárbara era um povoado de Feira de Santana que era conhecido como Freguesia de Santa Bárbara. Em 1943

passou a ser chamada de Pacatu, em referência a corrida de cavalos. Pela Lei Estadual nº 1576, de 14 de dezembro de 1961, o Distrito de Pacatu foi desmembrado do Município de Feira de Santana e elevado à categoria de município com a denominação de Santa Bárbara. Mas, há controvérsia com a origem da cidade, já que não há certeza de quem a fundou - se foram os portugueses ou um grupo de vaqueiros que acampavam na região em busca de abrigo para as tempestades. Santa Bárbara possui uma culinária diversificada. Contudo a produção e a comercialização do requeijão é o marco forte da cidade. Quando se menciona Santa Bárbara, o adjetivo “terra do requeijão” é claramente subentendido. Milhares de pessoas param, diariamente, nas lanchonetes locais para apreciar e comprar o famoso requeijão e os doces e compotas.

Outro público bem interessante que contribuiu com a minha investigação foram alguns alunos da escola *locus* da pesquisa que residem em Irará, alguns no distrito de Bento Simões e outros em localidades próximas – Juazeiro e Sonhém. Para a obtenção dos dados da comunidade do Juazeiro, entrei em contato via *whatsApp* com a presidente da Associação Rural, fiz uma breve explicação sobre meu trabalho acadêmico e a necessidade de conhecer a respeito da comunidade, tendo em vista o fato de alguns alunos participantes da pesquisa residirem ali. Ciente da minha necessidade de obtenção dos dados, ela me enviou, por *e-mail*, um material da Associação Rural Comunitária do Juazeiro (ARCJ) que continha informações importantes a respeito dessa comunidade. Antes de me enviar o documento, a presidente da Associação entrou em contato com a Diretoria e com as professoras Andrea Alcântara e Marize Damiana Moura Batista<sup>13</sup>, responsáveis pelo trabalho.

De acordo os dados presentes no material fornecido, a comunidade do Juazeiro está localizada na sub-região sul do Município de Irará, Bahia, sendo cortada pela BA 084, que liga o município à BR 324. O tempo gasto no trajeto da comunidade para a sede do município é de aproximadamente 10 min. A comunidade é banhada pela bacia do Rio Paramirim, bacia hidrográfica de significativa importância para o município de Irará, cujas águas, na comunidade do Juazeiro, são utilizadas especialmente para a produção de hortaliças. No entanto, em tempo recente, o rio tem sofrido baixas devido ao constante processo de retirada da vegetação nativa que beira suas margens e encostas.

Segundo dados dos Agentes de Saúde, a comunidade possui aproximadamente 220 famílias de pequenos agricultores. O perfil de trabalho agrícola, produção familiar e ajuda mútua das famílias expressam seu modo de vida. Na comunidade, a realidade fundiária se expressa através de situações como a existência de número significativo de agricultores familiares que não possuem a documentação da propriedade rural, o que se torna um fato agravante no acesso às políticas públicas e um entrave no processo de desenvolvimento local.

---

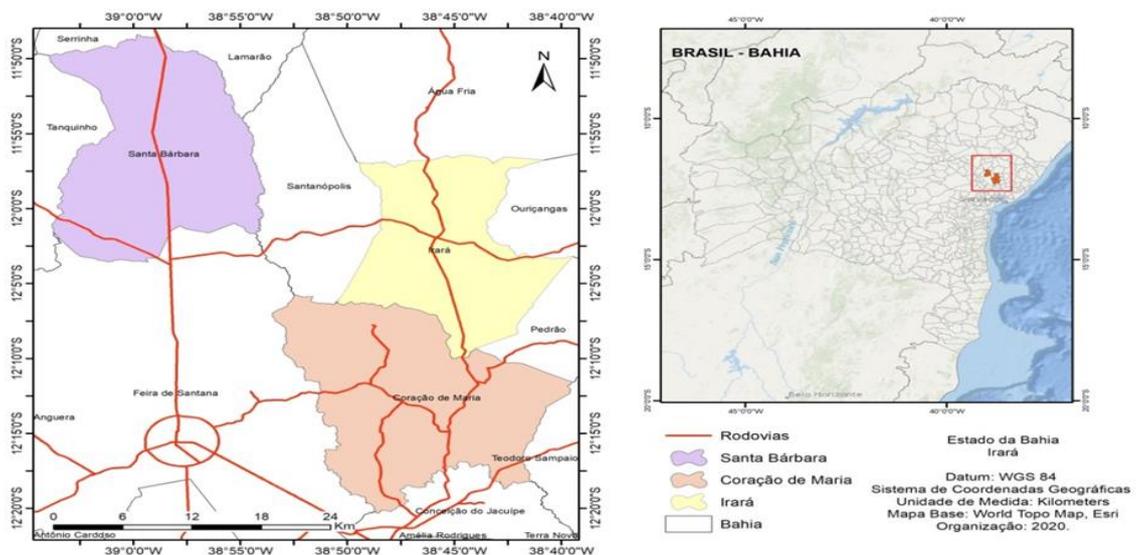
<sup>13</sup> Respectivamente Mestre e Doutora em Geografia pela Universidade Federal da Bahia.

Para a obtenção dos dados da comunidade do Sonhém, entrei em contato com uma moradora, falei de minha pesquisa e expus a necessidade de conhecer um pouco da localidade. A pessoa com a qual conversei se mostrou muito solícita e, através do aplicativo *whatsApp*, obtive algumas informações, as quais foram passadas de geração para geração através da oralidade, reafirmando a importância das fontes orais para o enriquecimento da pesquisa.

A comunidade do Sonhém fica bem próxima à Vila de Bento Simões, e os moradores de lá estudam na Vila. O nome Sonhém teve origem através dos primeiros habitantes que, ao chegarem para construir suas casas, encontraram um lugar bastante deserto, sem nenhuma casa ou estradas e aí deram esse nome. Hoje a comunidade tem aproximadamente quinhentos e trinta e quatro moradores que, na grande maioria, vivem da agricultura. As pessoas desse lugar costumam, nos finais de semana, ir à casa dos vizinhos para conversar e dar muitas risadas. Diante disso, percebemos o quanto a ausência de práticas culturais disponíveis termina limitando as pessoas a outro tipo de lazer.

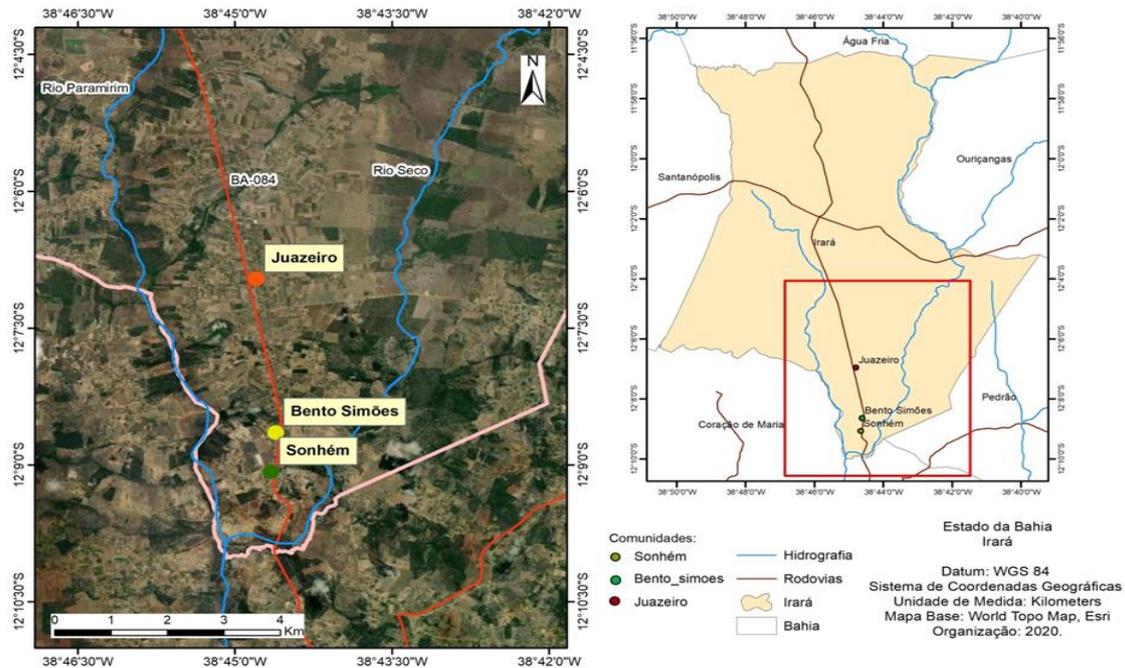
Os mapas abaixo mostram os três municípios e as comunidades nas quais vivem os sujeitos da pesquisa.

**Figura 03-**Localização dos municípios onde residem os professores sujeitos da pesquisa.



Elaborado por Sarah Moura Batista com informações do Sistema de Informações Gerenciais do Estado da Bahia (SigBahia) , 2017.

**Figura 04** - Localização das comunidades onde residem os alunos sujeitos da pesquisa



Elaborado por Sarah Moura Batista com informações do Sistema de Informações Gerenciais do Estado da Bahia (SigBahia), 2017.

### 3.3 OS SUJEITOS ENVOLVIDOS

A escolha dos sujeitos considerados em minha trajetória investigativa foi bastante tranquila, tendo em vista que a escola *lócus* da pesquisa é de médio porte e atende aos alunos do Fundamental – anos finais e Tempo Juvenil, e o número de professores que atendem às crianças e adolescentes não são muitos. *A priori*, pensei em convidar os três professores que lecionam a disciplina de Língua Portuguesa, porque a minha intenção era saber como a prática leitora estava assegurada em suas aulas, já que uma das competências específicas do componente Curricular de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, proposta pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é:

[...] ajudar os alunos a envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial

transformador e humanizador da experiência com a literatura [...] (BNCC, 2017, p. 85).

Outro público que escolhi foram os professores que atuam na área de Ciências Humanas: um que leciona História e outro em Geografia, já que o número de professores escolhidos a princípio não foi suficiente. Não foi uma escolha aleatória, pois partiu da concepção que essas disciplinas devem promover uma discussão ética, filosófica e de conhecimento de mundo, respaldada também no que traz a BNCC:

Ao longo de toda a Educação Básica, o ensino das Ciências Humanas deve promover explorações sociocognitivas, afetivas e lúdicas capazes de potencializar sentidos e experiências com saberes sobre a pessoa, o mundo social e a natureza. Dessa maneira, a área contribui para o adensamento de conhecimentos sobre a participação no mundo social e a reflexão sobre questões sociais, éticas e políticas, fortalecendo a formação dos alunos e o desenvolvimento da autonomia intelectual, bases para uma atuação crítica e orientada por valores democráticos. (BNCC, 2017, p. 352).

Ciente disso, vejo quanto todas as áreas do conhecimento podem ajudar os alunos na construção crítica e na reflexão sobre questões acerca da sociedade em que vivemos, e a leitura, com certeza, pode potencializar todo esse conhecimento. Faz-se necessário uma apresentação mais formal de cada professor que participou dessa pesquisa:

[...] Nasci e fui criado em Salvador...O lazer que eu tinha eram as brincadeiras de rua, no ambiente escolar e em casa com meus irmãos. Tenho pai, mãe e irmãos, só que minha família é de pais separados, fui criado apenas com minha mãe. Quando eu viajava nas férias, eu tinha uma avó que contava as histórias do tempo dela e outras que a gente sabia. Minha mãe sempre leu e sempre incentivou, apesar de não ter um grau de escolaridade alta, porque minha mãe só teve até o fundamental I[...]. Na verdade, eu escolhi ser professor quando eu fui reprovado na 7ª série. Tive uma excelente professora....ela passou vários livros como o Capitães de Areia, O menino no espelho, entre outros. Não me lembro agora, a inspiração mesmo passou dela, dessa professora que me incentivou no ano seguinte. O livro que marcou a minha vida foi o de Zíbia Gasparetto, Só o amor consegue. Quem marcou a minha vida mesmo foi a minha mãe... (. LÍRIO,2019).

Eu sou natural de Alagoinhas, moro no município de Coração de Maria na zona rural... Na minha infância não tinha contato assim com leitura... com literatura ...brincava com os primos, mas tive uma infância feliz. Sou a 2ª de cinco irmãs, a gente brincava muito. [...]não tinha essa leitura porque naquela época, na verdade o acesso que a gente tinha com os livros era a cartilha, então eu ficava encantada com aqueles textos que a cartilha trazia, mas não tinha assim esse contato com a leitura, não tinha alguém que lesse para mim. O texto que marcou a minha vida foi um texto de um menino que amava a árvore. Ele brincava, ele tratava a árvore como se fosse um amigo, um irmão... [...] Eu tive colegas mais velhos, quando eu via lendo assim, eu

ficava curiosa foi quando eu comecei a me interessar, a pegar emprestado porque a gente não tinha, eu pegava muitos livros emprestados. (AMARÍLIS, 2019).

Eu nasci no povoado chamado Boa Espera, esse povoado pertence a Santanópolis, aí mas logo cedo eu fui morar em Santa Bárbara. Concluí o Fundamental II e o Ensino Médio, tem mais ou menos 12 anos... Tenho pai, não tenho mãe. Minha mãe era professora... Ela contava histórias, ela comprava aquelas histórias de antigamente, ela reunia todo mundo assim e ia contando. Essas leituras me marcaram porque a gente vivia aquele momento, a gente viajava literalmente. Mas o marco mesmo foi o cordel, eram muitos cordéis. Leio romance espírita e tenho muitos. Atualmente, leio Zíbia Gasparetto- o Matuto. Essas leituras fazem com que eu tenha um olhar diferenciado em sala de aula. (CRAVO, 2019).

[...]Eu nasci aqui na Vila, meus pais se casaram, vieram de Pedrão pra cá, eu e meus irmãos, depois eles resolveram trocar a casa daqui por uma casa lá na zona rural que é bem próxima daqui... Nós fomos morar lá na Fazenda Alecrim. A infância foi uma infância normal...Meu pai era motorista, minha mãe costurava pra fora e além de fazer os afazeres domésticos...porque eu tenho dois irmãos, um homem e uma mulher e a gente teve uma infância onde a gente vivia dentro dos limites daquilo que os pais permitiam. Na juventude eram os estudos, era um dos compromissos que a gente tinha... Minha mãe estudou pouco e não era dada a essas coisas de leitura... Mas ela fazia questão que a gente estudasse, que a gente tivesse uma vida melhor [...]. O hábito de leitura quem desenvolveu fui eu mesma... eu já estava na adolescência e eu comecei lendo os romances da minha época, que eram chamados de Julia, Sabrina, Bianca, então eu comecei lendo...essas leituras elas acabaram me despertando, né, não sei se por conta de todo romantismo...aí eu comecei a ler e foi despertando o gosto pela leitura... (Essa colaboradora está se referindo à Vila de Bento Simões). (BEGÔNIA,2019).

Olha só, eu nasci aqui em Irapá mesmo, na zona urbana. A minha infância foi uma infância normal de crianças de famílias simples e no meu caso éramos muitos filhos, somos um total de onze, sou o décimo, então tinha muita gente já em casa pra brincar... Então a nossa infância foi uma infância bastante saudável, muitas brincadeiras, a gente além de ter muitos irmãos na vizinhança também tinha muitas crianças... Olha, o meu pai tem 24 anos de falecido. Minha mãe ainda está aí, ativa, com dificuldades motoras pela idade... e com relação à leitura na minha infância, se alguém lia pra mim. Meus irmãos mais velhos, especialmente o mais velho, eles eram assinantes do “clube de livros.”. Não me lembro, “círculos de livros”, então eu tinha certo acesso à literatura... meu primeiro contato com leitura propriamente dita foi com gibi, principalmente gibis italianos...Então essa foi a minha primeira literatura de consumo de fato e depois os bons livros, os livros de bolsos, especialmente livros de faroeste, foram assim as minhas primeiras leituras. (LISIANTO, 2019).

O momento de efetivar a pesquisa é bastante subjetivo e marcado por emoções provenientes das questões suscitadas. Esses sentimentos ficaram explícitos no olhar de alguns participantes quando eles precisaram falar a respeito de suas origens. Rememorar fez com que

revivessem as saudades de pessoas queridas, as perdas daquelas que não se encontram mais nesse plano, mas também conhecer as histórias de superação. Nesse primeiro momento, precisei ser forte, porque eles não reviveram isso sozinhos: cada palavra mencionada me transportava também para um passado não muito distante, em que a saudade pela perda de alguém tão especial me sufocava, ao mesmo tempo em que me faz sentir feliz por estar ali, comungando com eles a caminhada.

Durante a entrevista, senti necessidade de perguntar se eles queriam parar para dar continuidade depois, porque percebia que eles estavam emocionados, mas eles demonstraram tranquilidade e assim tudo fluiu naturalmente. Segui com as entrevistas, que foram gravadas com a permissão dos entrevistados. Elas trouxeram informações valiosas, pois pude constatar que os sujeitos envolvidos na minha pesquisa tiveram, de algum modo, contato com a leitura literária: através dos pais, avós ou irmãos, uns mais cedo do que outros, o que garantiu que cada um despertasse o gosto pela leitura de maneira muito particular.

É importante mensurar que a relação tardia com os livros é proveniente das condições socioeconômicas e culturais que muitos jovens viviam e, principalmente, da falta de políticas públicas que assegurassem livros literários nas escolas, já que as famílias não podiam oferecer. Mesmo assim, muitos indivíduos conseguiram driblar as dificuldades e encontrar nos estudos uma maneira de superar os desafios e se tornaram leitores. Uns desenvolveram esse encanto sozinhos, já na adolescência, ouvindo leituras proferidas por um colega, um professor, de gêneros literários diversos, o que demonstra que toda e qualquer leitura pode nos transformar em um leitor, pois os livros têm esse poder.

De acordo com Petit (2009, p.59) “[...] os leitores surgem como flores do campo [...]”. Apesar de terem tido pouco contato com os livros, tornaram-se leitores por intermédio de um parente ou de um professor. Inúmeras são as pessoas que se transformaram em leitoras na adolescência ou na fase adulta, quando lhes foi possibilitado o acesso aos livros, embora na grande maioria elas já trouxessem no seu inconsciente um desejo eminente pela leitura, pois ouviam histórias lidas ou contadas pelos mais velhos.

Durante o itinerário de pesquisa, precisei ouvir as vozes de alguns alunos da EMMCM, sob a permissão dos pais. A conversa que tive com cada um deles trouxe elementos que certamente abrilhantaram mais esta pesquisa, os quais serão apresentados no 4º capítulo, na seção 4.

#### 4 LEITURA LITERÁRIA: A MEDIAÇÃO FEITA PELOS PROFESSORES

*“Na literatura encontramos outros caminhos de vida a serem percorridos e possibilidades múltiplas de construir nossas identidades.”*

COSSON, 2014, p. 50

Este capítulo versa sobre a leitura literária e o olhar dos professores nesse processo, por isso comungo com a ideia de Teresa Colomer: “Literatura não é luxo. É a base para a construção de si mesmo” (2015, n.p). Sendo assim, aproximar os alunos dos textos literários tem uma relação com o olhar sensível dos professores e das experiências que eles tiveram com o livro no decorrer de sua vida, o que ajuda na relação entre o professor e o ato de mediar a leitura que ele almeja explorar, oportunizando a todos experimentar novas sensações e a construir e/ou reconstruir sua própria identidade.

Ter acesso às obras literárias, folheá-las, saborear cada página não é “luxo”, é algo muito maior, é exercitar o reconhecimento de si mesmo através das mensagens proferidas pelo autor. Faz-se necessário, entretanto, que cada vez mais os educadores se tornem agentes responsáveis por apresentar aos seus alunos a Literatura de tal forma que desperte no outro o interesse em tomá-la para si como um objeto desejado. Zilberman (2007), à luz da teoria literária, reflete sobre a necessidade de um enfoque estético na abordagem do livro para a criança. Segundo a autora:

formar o leitor crítico é uma atribuição do professor, e, nessa tarefa, a literatura realiza uma função formadora que não se confunde com a missão pedagógica. Isto é a obra que apresenta qualidade literária - que leva o leitor a tomar consciência do real, a posicionar-se perante a vida, a perceber os temas e os tipos humanos presentes na trama ficcional, a conviver com “realidades”, fruto do imaginário- essa obra permite amplas possibilidades de romper a subserviência da arte em sua relação com a educação. (ZILBERMAN, 2007, p. 49 *apud* MAIA 2007, p. 56).

Literatura também é arte, o que significa dizer que, ao apresentar o livro para os alunos, o material precisa ter qualidade, ser uma obra que possibilite ao leitor um desbravamento da essência do Belo, mas que também seja ponto de partida para a busca de novos saberes, novos entendimentos que demandam uma constante reflexão, rompendo com composições predeterminadas. O educador, através da Literatura, pode ajudar os alunos a construir alicerces que, mais tarde, serão de grande importância na composição de suas caminhadas enquanto seres humanos com capacidade de desenvolver a criticidade. Se o texto

for apresentado ao aluno como um objeto de infinitas possibilidades, o leitor vai se configurando no processo da leitura e da compreensão: “[...] As leituras ouvidas influenciam e influenciaram a minha busca pelo conhecimento e influenciam hoje a minha maneira de compreender o ato de educar, de transmissão de conhecimento... Eu tenho isso muito presente na minha prática de sala de aula. [...]” (LISIANTO, 2019). A fala de Lisianto demarca a forma como a leitura se tornou significativa para ele e corrobora com o que Iser apresenta: “O texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo da leitura”. (ISER, 1996, p.15). Esses efeitos confirmam mais para uns do que para outros, e isso tem uma relação com a vivência particular de cada pessoa:

[...] O que a gente ouviu muito é os alunos falarem que não gostam de ler, que detestam ler... Eu volto para uma experiência que eu tive no 1º ano do Ensino Médio, quando a professora pediu que a gente lesse um livro de Jorge Amado, *Mar Morto*, ela foi tão rigorosa [...] que seria uma nota, eu comecei a ler e não consegui terminar [...]. Eu sei que preciso vencer isso. (AMARÍLIS, 2019).

A declaração de Amarílis proporciona uma recordação da leitura de maneira negativa, pois o livro foi apresentado como um objeto cuja finalidade era simplesmente retirar algumas informações que seriam relevantes posteriormente, não tendo por parte do professor nenhum tipo de apresentação para que os leitores se sentissem próximos à obra. Para Martins (2018, p.43) “[...] a mediação da leitura literária se refere a diferentes práticas de aproximação entre leitores e textos literários [...]”. Para isso, a princípio, é importante saber que a leitura literária, discussão proeminente neste capítulo, consiste na busca por uma leitura que não apenas desenvolva nos alunos os comportamentos leitores, mas que os leve à reflexão, à descoberta de sua própria identidade, assim como à reconciliação consigo mesmos.

Segundo Cosson (2014, p. 50), “[...] a leitura literária conduz à indagação sobre o que somos e o que queremos viver, de forma que o diálogo com a literatura traz sempre a personalidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade. [...]”. Tais valores são construídos ao longo do tempo e têm uma afinidade muito forte com a formação cultural de cada um. A literatura possibilita a reflexão de tudo que é constituído e traz um repensar das atitudes e ações:

Minha mãe sempre leu e sempre incentivou... (LÍRIO, 2019)

[...]O acesso que a gente tinha com os livros era a cartilha, aí eu gostava de ler aqueles textos que a cartilha trazia, mas não tinha assim esse contato com a leitura, não tinha ninguém que lesse pra mim. (AMARÍLIS; 2019)

O meu hábito de leitura quem desenvolveu fui eu mesma. (BEGÔNIA, 2019)

Na minha primeira infância... pelo interesse dos irmãos mais velhos a gente teve acesso a livros relativamente cedo para o período. (LISIANTO, 2019).

Os professores sujeitos da minha pesquisa tiveram uma relação com a leitura literária, uns com mais assiduidade do que outros devido, principalmente, ao contato que as famílias tinham com os livros. Entretanto, essa “fragilidade” no que se refere principalmente à falta de acervos literários, não impediu que eles se tornassem professores, tampouco que deixassem de trabalhar com a literatura durante as suas aulas, porque suas experiências de leitura, embora de gêneros distintos, foram muito significativa e essa relação os ajudou a se tornarem leitores desejosos de despertar na turma a vontade ler. Para Candido (1995, p.242),

A literatura, de maneira mais ampla possível, são todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Essa literatura tão diferenciada precisa aparecer nos espaços de sala de aula de maneira sucessiva, para que seja a porta de entrada de saberes que possibilitem ao ser humano buscar outras possibilidades, para que consigam se apropriar de textos mais complexos e que principalmente os ajude no momento da intertextualização. Além disso, é importante ensinar os alunos a valorizar outros tipos de textos para que percebam que a formação do leitor vai além da leitura dos textos canônicos, mas que também se dá através dos textos que circulam na tradição oral, presença marcante na vida de um professor sujeito da minha pesquisa, que despertou para a leitura ouvindo de sua avó literatura de cordel: Todo mundo se envolvia, uma ou duas vezes por semana à noite a gente ia para casa dela, para ouvir história, ouvir cordel. O marco mesmo foi o cordel. Eram muitos cordéis. (CRAVO, 2019).

Os cordéis são folhetos que relatam situações vividas por um povo em determinada época, e conseguem atrair o público para ouvi-los pela maneira poética – e muitas vezes curiosa – como são estruturados. Cravo começou a ter interesse pelo mundo das letras através da leitura dos livros de cordel que a sua avó realizava, afirmando mais uma vez que toda e qualquer leitura quando mediada deixa marcas importantes.

Num olhar sobre a Literatura de Cordel enquanto gênero textual, percebemos a variedade de nuances que a constitui. Nela temos uma fusão de realidade e ficção, há conhecimento científico e saber popular, há diversidade de linguagem, ora apresentada num registro culto próximo do padrão escrito formal oral, na maioria das vezes, nas variedades regionais menos

monitoradas e próximas da oralidade informal de determinada região, mais notadamente a região Nordeste. (CAVALCANTE, 2019, p.32).

Pelo fato de ser um gênero literário que geralmente narra fatos, acontecimentos de um determinado povo e lugar de forma bastante criativa através das rimas de seus versos, o cordel desperta a atenção para ser lido e ouvido. Vejamos o que diz Lisianto (2019): [...] Eu busco trazer o cordel, aí muitas vezes começo a leitura do cordel que traz um enredo que chame atenção, pela temática. [...]. Como mencionou Lisianto, o cordel traz uma fusão de conhecimentos, valorizando também a cultura popular de modo que para muitos alunos ouvir essa leitura é também uma maneira de os atrair para tantas outras que serão necessárias para a vida estudantil.

Oportunizar aos alunos o acesso às diversas literaturas é ajudá-los a sonhar, a viajar por um mundo imaginário que, muitas vezes, é necessário para que a vida tenha mais sentido, principalmente para aqueles que não disponibilizam desse bem cultural no seio familiar. “[...] a leitura consola, acalma [...]” (PETIT, 2009, p.48) e nos ajuda a transcender para o mundo onde existem múltiplas possibilidades, entendendo que essa busca interior é marcada pelo desejo de um entendimento de si e do outro com o qual convivemos constantemente.

A Literatura fomenta desejos, inquietações e promove um exercício interior capaz de autorizar um repensar sobre as ações, assim como na formação da personalidade, tornando os leitores cidadãos críticos e reflexivos. A mediação dos textos deve promover um despertar para a leitura tendo em vista que elas são um veículo de informação, sedução e conhecimento levado por uma amorosidade constante: [...] Eu tive colegas mais velhos que, quando eu via lendo assim, eu ficava curiosa, foi quando eu comecei a me interessar, a pegar emprestado porque a gente não tinha, eu pegava muitos livros emprestados. (AMARÍLIS, 2019).

Inúmeras são as maneiras pelas quais se pode despertar em uma pessoa a vontade de ler um livro. Para Amarílis, esse interesse veio através da curiosidade das leituras que ela ouvia de colegas e, mesmo não tendo facilidade de obter os livros, ela não deixava de ler. Para algumas pessoas, o mistério que um livro pode revelar se torna atrativo pelo fato de mexer com emoções que os possibilita viajar no mundo da imaginação, situação muito comum para as crianças e, ao se tornarem adultas, geralmente buscam nas leituras um entendimento que vai além do que está explícito em cada linha. Segundo Oliveira (*apud* Cosson; Maciel; Paiva, 2010, p.41), “[...] a obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o por intermédio do ponto de vista do narrador ou do poeta e manifesta no fictício e na fantasia um saber sobre o mundo, oferecendo ao leitor modos de interpretá-los. [...]”. Essa interpretação é livre, cada um consegue entender a mensagem a partir do seu repertório cultural construído ao longo da vida,

o que de certo modo pode ajudar a aprender a viver, a se humanizar em um mundo com contextos sociais e culturais tão diversos.

A humanização é o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.[...] (CANDIDO, 1995, p. 249).

A citação de Candido reafirma para nós a importância do trabalho com a literatura na escola e o que ela pode proporcionar às pessoas que, além das práticas escolares, usufruem desse bem precioso sempre que a vida lhes oportuniza. Frente a isso, faz-se necessário entender como o campo empírico da minha pesquisa e os seus protagonistas pensam sobre a leitura literária e como essas narrativas ganham vida no contexto da sala de aula.

#### 4.1 O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR: A FAMÍLIA, A ESCOLA

Oh! Bendito o que semeia livros...livros à mão cheia..

Castro Alves

Sábias palavras de Castro Alves e, parafraseando o autor direi: Oh! Bendito é aquele professor que semeia livros nas escolas para que brotem e floresçam entre as turmas. Bendito são aqueles que percebem a importância da disseminação dessa semente também nos espaços formativos, tendo em vista que a formação de professores leitores pode ser um processo contínuo de aperfeiçoamento dos conhecimentos necessários ao longo da vida profissional, considerando que esses conhecimentos são temporais e a eles precisam ser incorporados novas discussões e reflexões mobilizando, assim, os saberes adquiridos, tendo em vista que muitos professores já possuem uma trajetória marcada pela presença da leitura antes mesmo do seu ingresso nas escolas.

Formar o leitor literário, com vista a evocar nos alunos o desejo pela obra, é uma tarefa bastante complexa, porém necessária para que os professores possam ajudar meninos e meninas a se apropriarem dos livros e para que vejam nesse “objeto” condições para seguir o seu itinerário com mais tranquilidade. Por isso, comungo da ideia de Nóvoa, para quem “[...] ser professor requer uma busca constante da identidade profissional, não aceitando passivamente os papéis que a nós estão instituídos pelo sistema educativo”. (NÓVOA, 1999).

Fica evidente que a formação docente e profissional deve ser realizada para compreender as mudanças e incertezas que ocorrem no ambiente escolar e formar leitores competentes, capazes de atribuir sentido ao que leem. É uma tarefa que exige muito mais do que se debruçar nos livros para buscar informações que serão necessárias ao longo da vida ou não, embora saibamos que ninguém forma ninguém, as pessoas aprimoram seus saberes quando existe um querer, um desejo por aquilo que está sendo apresentado, por isso essa apresentação precisa favorecer emoções e assegurar continuidade para que haja êxito. Assim, diz Cravo: No meu processo de formação tenho lido os livros paradigmáticos. (CRAVO, 2019). Já Begônia pontua: Alguns livros lidos davam prazer [...] Outros textos eram obrigatórios. Mas a gente lia. (BEGÔNIA, 2019).

Comumente, no processo formativo, os livros apresentados pelos professores têm uma aproximação muito grande com as discussões dos temas conceituais que eles pretendem abordar, como mencionado por Cravo, o que não é uma regra, afinal de contas encontramos professores que conseguem trazer outras leituras nesses momentos e elas se tornam tão necessárias, facilitando o entendimento de outras leituras densas que são também necessárias, como nos relata Begônia.

Se levarmos em consideração que nem sempre o acesso à leitura teve início no seio familiar, onde a leitura se inicia de maneira ingênua, descomprometida, faz-se necessário que esse repertório seja enriquecido ao longo da caminhada no contato com a leitura na adolescência ou até mesmo um pouco mais tarde, no processo formativo, sempre assinalado por uma leitura lida ou proferida por alguém de um texto que marcou de alguma maneira.

Olha, no meu processo de formação tenho livros que me marcaram muito [...]. Os de Paulo Freire, não só Pedagogia do Oprimido, mas também Pedagogia da Autonomia. É um livro volta e meia a gente tá voltando lá para rever e realmente a gente entende bem, como é que a gente pode andar por aqui e nessa situação específica. [...]. (LISIANTO, 2019)

Para Lisianto, os livros de Freire tiveram e ainda têm uma relevância muito grande na vida, e ele os vê com um indutor para a reflexão da sua prática. Assim como esse professor, muitos são os educadores que tiveram uma apropriação de algum livro no período de sua formação e que conseguiram absorver as ideias que estavam sendo transmitidas, trazendo um novo olhar para o seu fazer pedagógico. Outro ponto a considerar é o acesso de muitos desses livros nas bibliotecas municipais, tornando acessível para todos os interessados. Assim, menciona Begônia: Eu li Casa Grande e Senzala, Cidade Febril, Don Omar seguido da África [...] Li durante o processo de formação, todos voltados para minha área. (BEGÔNIA, 2019).

Begônia trouxe para nós a sua experiência com a leitura de livros que havia sendo pensados mais precisamente para sua área de formação, o que não invalida a sua importância, considerando que esse tipo de literatura traz uma trajetória a respeito de determinado período e de um determinado povo e que vai prendendo a atenção do leitor. Para Maia (2007, p.20), “[...] todo trabalho com leitura traz subjacente uma concepção de linguagem que ilumina essa prática [...]”. Amarílis relata que “ [...] Um livro que eu gostei muito e que até hoje indico muito para meus alunos, esse livro marcou a minha vida estudantil, foi a *Moreninha*” (AMARÍLIS, 2019).

Amarílis se envolveu tanto com a Literatura Brasileira que ela diz veemente. “ [...] Até hoje indico para meus alunos [...]”, devido às marcas positivas que foram deixadas, o que demonstra um sentimento de bem-querer aos seus alunos, pois “ [...] a atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. [...] ”. (FREIRE, 2001, p.160).

“ [...] Eu li vários livros, os que eu lembro mesmo é um livro de variações linguísticas, a *Língua de Eulália* que marcou bastante pra entender variações linguísticas, eu li muitas literaturas brasileiras [...]” (LÍRIO, 2019). Trago recordações dos sujeitos e suas experiências com a leitura no seu processo de formação e, apesar dessas referências serem diversificadas, cada um tem um modo particular de dizer o quanto essas obras foram significativas para eles.

É importante salientar que praticamente todos os livros lidos pelos professores entrevistados tinham uma intencionalidade: ou era para conhecer um pouco da história daquele povo que o conteúdo abordava ou para refletir sobre a prática do professor em sala de aula, com exceção da Literatura Brasileira, *A moreninha*. Todos os livros trabalhados com diferentes intenções se tornaram referências para o processo formativo desses professores.

O processo formativo, quer seja na família ou na escola, tem uma representatividade muito grande na vida das pessoas que pode ser positiva ou não, a depender do jeito que for direcionada, por isso a necessidade de que os espaços formativos sejam pensados de modo a contemplar o público envolvido. O responsável por essas formações tem a responsabilidade de assegurar a presença da leitura constantemente, para que ela seja também garantida nos espaços de sala de aula.

Cosson (2014, p.36) reafirma que “ [...] a leitura é um processo de compartilhamento, uma competência social [...]”. Uma das principais funções da escola deve ser justamente constituir-se como um espaço onde aprendemos a partilhar, a compartilhar, a processar a leitura. O processo formativo exige do educador uma responsabilidade e uma maturidade muito grande, advinda das suas experiências com o seu fazer pedagógico, experiências que

vão constituindo a pessoa do formador e possibilitando uma maior reflexão da sua prática para que o profissional possa qualificar cada vez mais o seu trabalho. O processo formativo do leitor emana de um olhar sensível para todos os envolvidos, o que deve ajudá-los a ver, nas suas ações, um ato de emancipação e possibilitar aprendizagens que oportunizem o desenvolvimento do espírito democrático.

Muitos professores que trabalham em escolas públicas encontram dificuldades em levar para a sala de aula obras literárias, e as bibliotecas ou cantos de leituras que existem nesses locais não disponibilizam material suficiente para que o trabalho com a leitura seja eficaz, o que de alguma maneira repercute nos alunos que, na grande maioria, não dispõe de acervo cultural, ou pela falta de conhecimento sobre o valor que a leitura representa. Aí reside a importância da escola como espaço que promove propostas que desenvolvam o hábito de ler. Begônia recorda: “[...] minha mãe estudou pouco, também não era dada a essas coisas de leitura, aos hábitos de leitura, mas ela fazia questão que a gente estudasse, que a gente tivesse numa vida melhor, mas...o meu hábito de leitura quem desenvolveu fui eu mesma.” (BEGÔNIA, 2019).

Percebe-se a relevância da família no processo de educar os filhos, marcada pela crença que os estudos têm condição de lhes possibilitar uma vida promissora, o que fica evidente na fala de alguns sujeitos da pesquisa que, apesar de não terem representações de leitores na família, os responsáveis costumavam influenciar de alguma forma para a descoberta da leitura, o que nos leva a concluir que o que há de subjacente à postura desse leitor, que é a referência para os professores, são as suas vivências com a leitura. É o que os motiva a serem mediadores de leitura que buscam fazer com que os seus alunos leiam e gostem de ler, principalmente, aqueles que não dispõem de acervos no seio familiar.

Segundo Bourdieu (2007, p. 223), “[...] os alunos ‘bem-nascidos’, que receberam da família um senso perspicaz do investimento, assim como os exemplos, os conselhos capazes de ampará-los em caso de incertezas, estão em condições de aplicar seus investimentos no momento e no lugar certo[...]”. Isso é bem visível nas afirmações de Begônia, quando ela menciona que a mãe exigia que ela estudasse e essas “exigências” fizeram com que fosse despertado o desejo pelos estudos, pelos livros, movidos pela esperança de uma vida próspera.

É importante abrir discussões nos momentos formativos a respeito da importância de o professor ser um leitor para que ele provoque nos seus alunos o desejo não só de ler, mas também em dialogar com o texto lido. O compromisso com o fazer pedagógico dos professores humaniza o ser humano no sentido mais nobre da palavra, e renova a certeza de que somos nós, educadores, os responsáveis por formar pessoas conscientes e capazes de

fazer suas próprias escolhas, contribuindo, assim, para a sua formação pessoal, levando-os a perceber a importância do diálogo entre leitor e receptor.

Paulo Freire (2001, p. 80) nos diz que: “ A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria [...]”. Podemos sim, fazer a diferença na vida de muitas pessoas que são “desprovidas de capital cultural<sup>14</sup>”, ou seja, que são despojadas daquilo que a escola reza ser necessário para a vida em sociedade, e ensinar-lhes que todos têm capacidade de aprender o que lhes é proposto, desde que essa transmissão de ensinamento sensibilize cada um e mova conhecimentos adormecidos no íntimo de cada ser. É papel da escola se empenhar de diversas maneiras para que possa desenvolver nos seus alunos a aproximação com a leitura de maneira ampla, mesmo que o seu público a princípio não demonstre maiores interesses, daí a importância de que o professor faça essa mediação e os ajude a descobrir o desejo de se aventurarem por novas buscas.

Formar leitores, desbravadores de mistérios através dos livros lidos ainda é um desafio, fundamentalmente porque vivemos em um país onde a prática cultural da leitura é pouco disseminada e onde muitos leem apenas o que é solicitado pela escola como mero ato de exercitar um conteúdo trabalhado. A escola é capaz de atender às demandas e os papéis que lhe são atribuídos e ser uma instituição inovadora e criativa, que oportuniza a todos o acesso ao conhecimento. Isso perpassa pelo querer da comunidade escolar e de todo investimentos que propicie uma aprendizagem significativa. Entretanto, é preciso considerar que, no Brasil, as pessoas ainda consomem pouco material de leitura devido ao alto custo dos livros e a inúmeros fatores bastante visíveis que são também mencionados por Zilberman (1989, p. 35): “[...] a elevada taxa de analfabetismo, o reduzido poder aquisitivo, a ausência de uma política cultural contínua e eficiente, a influência cada vez maior dos meios audiovisuais, de comunicação de massa [...]”. Para além disso, existe uma fragilidade nas formações no que tange às práticas de leitura e isso impossibilita ao professor um repensar sobre o seu fazer pedagógico.

Parafraseando Freire (2001, p.75), “[...] todo educador-formador precisa perceber que ao educar, ele se educa mutuamente [...]”. Missão belíssima, exercida apenas por pessoas que têm como princípio a formação de um ser humano inacabado, mas que no seu

---

<sup>14</sup> Cf. CATANI, A.; NOGUEIRA, M.A. (org.) **Pierre Bourdieu: escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

“inacabamento”, sejam capazes de se completar através da ação-reflexão. Podemos perceber isso na fala de Lisianto, quando ele diz com firmeza:

Tem meninos que quando a gente assim, narra um livro, você vê um brilho no olhar e depois ele volta e ...professor o senhor me empresta tal livro, mas a maioria não tem uma reação muito animada [...] .São poucos aqueles que depois pedem e buscam, mas a gente vai semeando. (LISIANTO, 2019).

Essa certeza de Lisianto vem reconstruindo a ideia de que todo educador, quando exerce sua prática certo de suas convicções, não se deixa abater por aqueles que, a princípio, não demonstram interesse em aprender algo, mas vai se reconstruindo pela esperança daquilo que ele almeja alcançar. O livro tem o poder de transformar em palavras o silêncio escondido entre as páginas, o de modificar as pessoas em criaturas mais humanas, se essas de fato se permitirem ver o mundo com outros olhos e forem capazes de refletir sobre suas ações e perceberem a possibilidade de se tornarem pessoas melhores.

O processo de formar leitores proficientes, capazes de ler, interpretar e arguir sobre a leitura feita é bem mais complexo do que simplesmente despertar para o ato de ler. Essa é uma função social da escola, que tem o dever de formar pessoas reflexivas e com uma vertente para a sua emancipação. O formador, com toda a sua experiência, vai tomando posse de subsídios para adentrar na essência do outro e fazer com que ele atribua sentido ao que é visto e discutido, fomentando reflexões, principalmente nessa sociedade em que vivemos hoje, em que as pessoas visam mais para o ter do que o ser. Tal comportamento é fruto de uma sociedade burguesa e capitalista na qual muitas crianças são desprovidas de bens essenciais à sua existência e o livro, nesse contexto, é um “artigo de luxo”. Por isso vejo a necessidade de um trabalho mais sistematizado de leitura nos espaços de formação para que os docentes se sintam motivados a desenvolver nos seus espaços de sala de aula essa prática, oportunizando a todos o direito de ler e ouvir algum tipo de leitura, desde que isso desperte no outro algum tipo de emoção proveniente da própria leitura.

Amarílis (2019) iniciou seu trabalho com a leitura sendo ledora para despertar curiosidade da turma: [...] No 6º ano, eu costumava trazer um livro e ler por capítulos, fazer aquela leitura para que eles tivessem curiosidade pra saber o que iria acontecer, trazia histórias em quadrinhos[...]. Essa estratégia muito particular de Amarílis, com vista a despertar a curiosidade da turma, ora realizando leituras por capítulos e ora oferecendo o gênero quadrinhos teve um resultado significativo para alguns alunos, segundo ela acrescenta: Tive alunos que no 7º ano chegou a ler livros de quase 300 páginas em pouco tempo. Eu

ficava assim encantada. O interessante é que essa prática começou a despertar neles o interesse deles procurarem em casa e trazerem para compartilhar na sala. (AMARÍLIS, 2019). Essa prática de compartilhar livros por alguns colegas entre si é bastante interessante, tendo em vista que no momento desse compartilhamento estão em jogo as diversas razões pelas quais os alunos encontraram motivações para lerem este ou aquele livro, além de desenvolverem habilidades diversas, tais como a oralidade, a entonação de voz, as pausas quando necessárias, a postura ao ler para outro colega ouvir, e tudo isso pode servir de fonte inspiradora para os demais colegas que ainda não se arriscaram nessa aventura:

Para a escola, as atividades de compartilhar são as que melhor respondem a esse antigo objetivo de “formar o gosto” a que aludimos; porque comparar a leitura individual com a realizada por outros é instrumento por excelência para construir o itinerário entre a recepção individual das obras e sua valorização social. (COLOMER, 2007, p. 144).

A experiência de compartilhamento de leitura à qual se refere Colomer é viável também para os professores porque quando essa troca acontece, os colegas se sentem condicionados a buscar o livro para ler e comentar, por isso a necessidade de momentos de formação onde os professores possam tematizar sua prática, trazendo um pouco de suas experiências que fluíram positivamente.

Imbérnon (2009, p.34) sinaliza que “ [...] em todos os países, em todos os textos oficiais, em todos os discursos, a formação permanente ou capacitação começa a ser assumida como fundamental para alcançar o sucesso nas reformas educativas [...]”. Essas reformas nem sempre atingem o propósito desejado, pois quem fica à frente muitas vezes não acredita que mudanças são possíveis, mas mudanças só podem acontecer se o formador tiver um olhar sensível, acolhedor e for dialogado com todos os envolvidos, e que esses se sintam capazes de multiplicar os conhecimentos adquiridos.

Se o educador fizer uso de obras literárias de maneira permanente, esse exemplo pode despertar nos alunos o desejo pela aquisição de livros e motivos para que eles continuem nessa busca e, assim, talvez tenhamos uma sociedade de pessoas mais conscientes e com mais criticidade. “[...] Às vezes, sempre estou fazendo um estudo...na biblioteca, levo os meninos pra lá, pra fazer a leitura, depois eles fazem a roda, eles comentam, os autores principais [...]” (CRAVO, 2019). Para esse professor, sujeito da pesquisa, o momento dedicado à leitura na biblioteca é muito importante para a turma, já que os alunos podem manusear outras obras e depois tecerem comentários a respeito delas. “[...] O momento literário deve proporcionar um momento generoso com o livro. ” (OLIVEIRA *apud* PAIVA, MACIEL, COSSON, 2010, p.

47). Assim sendo, a leitura se torna significativa e a busca posterior poderá acontecer espontaneamente.

Ao compreendermos que o maior desafio hoje é formar pessoas que sintam o desejo de ler, é que se intensifica mais a responsabilidade do educador de ensinar comportamentos leitores, substancialmente se entendermos que o acesso à leitura é um direito que a escola precisa assegurar para que todos se sintam incluídos nesse espaço. Conforme Lerner (2002, p.28), “[...] o desafio é formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece, dispostas a identificar-se com o semelhante ou a solidarizar-se com o diferente e capazes de apreciar a qualidade literária [...]”

Despertar nos alunos o interesse de se embrenhar no mundo da leitura literária é, sem dúvidas, uma enorme conquista considerando que a prática leitora ainda está muito aquém da realidade cotidiana de muitos. Ler obras literárias e conseguir decifrar as mensagens que estão presentes de maneira implícita e explícita seria um ganho incalculável para a comunidade escolar e para a sociedade, porém isso requer um exercício constante de todos e não apenas do professor de Português. Cientes de que favorecer essa possibilidade às crianças é também oferecer-lhes oportunidades para que se tornem pessoas mais autônomas e felizes, é que os profissionais que atuam na educação devem partir do princípio de que a escola é um instrumento de renovação social, é ainda uma esperança, mas se todos se esforçarem é possível transformar a realidade. (TEIXEIRA, 1979).

Não podemos ignorar os desafios, contudo sabemos que a escola de hoje não é mais a mesma e o seu público é bastante diversificado, o que favorece um trabalho mais rico e eficaz. Porém, precisamos lembrar que estamos falando de crianças de escolas públicas, que muitas vezes não têm acesso à Literatura, exceto nos espaços de sala de aula e isso reforça o dever do professor de oferecer leituras para que as salas de aula sejam, para os alunos, um lugar que lhes favoreça sonhar, imaginar e se emocionar.

Para Iser (1996, p. 88) “ [...] a relação entre texto e leitor só pode ter êxito mediante a mudança do leitor [...]”. Essas mudanças partem do entendimento, da reflexão do professor, que precisa perceber a necessidade de ser um exemplo para os demais, por isso a sua seleção literária também é muito importante, até porque os livros didáticos pouco trazem sobre Literatura, primordialmente no contexto social em que vivemos hoje. Esse tipo de texto se perde entre tantos gêneros propostos.

Segundo Cosson (2014, p. 23), “ [...] existe um estreitamento do espaço da Literatura na escola e nas práticas leitoras das crianças e dos jovens [...]”. Essa lacuna na vida dessas pessoas vem desde o espaço familiar, onde muitos não são incentivados a ler e a gostarem de

ler, e isso se estende até a escola, afastando cada vez mais os alunos de um mundo com mais oportunidade, sendo que a responsabilidade da escola é disseminar a cultura letrada e ser um espaço que gere conhecimentos, mudanças. A literatura tem o poder de transformação: “[...] basta deixar obras e leitores falarem [...]” (ZILBERMAN, 1989, p. 47).

Muitos professores, apesar de encontrarem tantos desafios para o exercício de sua função, designam momentos em suas aulas para a leitura de textos literários, permitindo que as emoções aflorem e, quando isso acontece, outros sentimentos começam a ser acordados, e novas reflexões começam a ser debatidas, o que ajuda os alunos a ver a vida sob uma nova ótica.

A escola, sendo um espaço de transformação e criatividade, supera as expectativas de muitas crianças que encontram emoções transitórias nos vídeos de celulares através das mensagens enviadas por um colega. O livro deve ser apresentado de outra maneira para que de fato aconteça a recepção da obra, ou seja, para que eles possam interagir com ela. Colomer (2003, p.95) destaca que “[...] a teoria da recepção insistiu em que um texto não é o único elemento do fenômeno literário, mas é também a reação do leitor e que, por conseguinte, é preciso explicar o texto a partir desta reação [...]”.

A citação de Colomer reitera a necessidade de serem proporcionadas condições para que os meninos e meninas não se apropriem do livro como algo para ser lido apenas, mas que eles consigam conversar com a obra, expondo seu ponto de vista, questionando, duvidando, tendo de fato uma interação social com a obra lida.

Ler é um ato de liberdade e amor, por isso o processo formativo exige uma certa regularidade, e que todos os envolvidos se comuniquem entre si para que a mensagem seja transmitida e compreendida. “[...] A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (FREIRE, 2011, p. 20). A citação de Freire reforça a necessidade da inserção das práticas leitoras nos espaços escolares, pois todos necessitam ter acesso à Literatura, principalmente aqueles que são desprovidos desse atrativo no âmbito familiar, para que todos tenham oportunidade de alargar seus saberes e ir além da decodificação da mensagem escrita. Freire (1984, p.11 *apud* MAIA 2007, p. 27) é incisivo em dizer que “[...] o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo [...]”. Ou seja, a leitura favorece um melhor entendimento do mundo que vai além do entendimento das palavras.

Para Moraes (1996, p.12), “[...] os prazeres da leitura são múltiplos [...]”. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para perturbação. Lemos para compartilhar, para sonhar e para aprender a sonhar.

Lisianto (2019) cita o seguinte: “ [...] não tenho preconceito em relação à leitura, agora evidentemente que a gente tem acesso a leituras e tem determinadas leituras que nos chegam e que não são atrativas[...]”. Embora ele deixe claro que toda e qualquer leitura é para ser lida, existe aquela que tem mais condição de atrair a atenção do que outra. Isso é mito relativo e tem uma afinidade com o acervo cultural que cada um traz ao longo da sua caminhada. A voz desse sujeito da pesquisa demonstra também a maturidade que ele tem em relação às leituras que precisam ser exploradas e destaca que nem sempre elas são fáceis devido à falta de atratividade.

Segundo Bayard *apud* Petit, (2009, p.47) “ [...] o bom leitor opera uma travessia dos livros, sabe que cada um carrega uma parte dele mesmo e pode mostrar-lhe o caminho, se ele tiver sabedoria de não parar por ali [...]”. Isso implica dizer que um leitor consciente consegue atravessar as barreiras das leituras mais densas e subtrair o que elas têm de melhor para oferecer. Foi exatamente o que aconteceu com Lisianto (2019), em uma das suas experiências com a leitura:

Inicialmente o livro que mais marcou a minha vida foi Sidarta de Herman Hesse, e que hoje tenho comigo, é muito presente na minha memória emotiva por conta do enredo, da poesia trazida naquela narrativa e também por ser um livro que me chamou muita a atenção para determinados aspectos da vida humana [...] É um livro espesso de 300 e tantas páginas[...].

Percebemos que o leitor proficiente consegue absorver a essência posta em um livro, além disso, facilita a sua compreensão e muitas vezes possibilita o leitor viver sensações que só uma boa leitura pode oferecer. Ninguém deve ser mais o mesmo quando descobre a magia que se esconde atrás das páginas de um livro, pois este tem o poder de abrir portas para um universo que antes era totalmente desconhecido. A sensação de liberdade vivida pelas pessoas quando se apropriam de um livro traz emoções muito fortes e essas lembranças são carregadas durante toda a vida. Essa sensação é retratada por Paulo Freire no seu livro *A importância do ato de ler*<sup>15</sup> quando ele descreve a sua vivência com os livros durante a sua infância e o formato em que ele foi alfabetizado. Lembranças trazidas também por alguns colaboradores da minha pesquisa.

O texto que marcou a minha vida foi o texto de um menino que amava as árvores e aí ele brincava com ela, ele tratava a árvore como se fosse um amigo, um irmão... [...]Era um texto que estava presente em uma

---

<sup>15</sup> *A importância do Ato de Ler* constitui-se em uma palestra sobre a importância do ato de ler em uma comunicação sobre as relações da biblioteca popular com a alfabetização de adultos e em um artigo que expõe a experiência de alfabetização de adultos desenvolvida pelo autor e sua equipe em São Tomé e Príncipe.

cartilha, se não me falha a memória foi no livro que fui alfabetizada. (AMARÍLIS, 2019)

O posicionamento de Amarílis remete a um tempo não muito distante quando a maioria dos alunos só se apropriavam de textos literários presentes nos livros didáticos, principalmente os alunos pertencentes às famílias menos abastadas. Ante tantas mudanças, não se pode aceitar que o trabalho com a Literatura circule nos espaços de sala de aula da mesma forma que ocorreu para muitas pessoas. Ler, ouvir aquelas histórias naquele período, mesmo que fossem resumidas, ainda era um diferencial na vida de todas elas, embora saibamos que ainda há muitas crianças que só têm contato com obras literárias através dos fragmentos dos textos presentes nas cartilhas ou nos livros didáticos, andando na contramão de tudo que se discute para a formação de leitores.

O livro didático proporciona a ilusão de um suposto conhecimento sobre literatura, uma vez que apresenta trechos de obras de autores clássicos e contemporâneos, acompanhados de questões que objetivam levar o aluno a descobrir qual a temática, qual o estilo literário e a que escola pertence tal obra (MAIA, 2007, p. 360).

Apesar de comungar com Maia (2007) no que diz respeito aos textos ou fragmentos deles trazidos nos livros didáticos, não posso negar que a existência deles para muitas crianças ainda é a possibilidade de enxergar novos horizontes, cabendo ao professor conduzir da melhor maneira possível essa leitura e oferecer tantas outras Literaturas quando possível, para que essas crianças encontrem na escola referências e que sejam motivadoras para novas buscas.

“ [...] Não me lembro de leitura que marcou a minha vida na escola, mas casos, histórias. Porque meu avô gostava muito de contar histórias[...].” (BEGÔNIA, 2019). Diante do cenário apresentado por Begônia, fica claro que a leitura literária, quando não mediada pelo professor, recai no esquecimento e não serve de nenhuma referência para a formação do leitor que pode ou não se constituir gradativamente a depender de sua relação com os livros. Posteriormente se os títulos forem significativos, embora outras referências possam ser constituídas a partir da relação entre o autor e o receptor das histórias, elas podem se tornar significativa pelas marcas da oralidade.

Para Cosson (2014, p.35) “ [...] ler é produzir sentidos por meio de diálogo, de uma conversa [...]”. Begônia (2019) relatou fortes lembranças da sua infância, recordando as histórias contadas por alguém mais velho da família, no caso, seu avô. Foi ele quem a levou para o mundo das histórias, das fabulações, pois ela não tem nenhuma referência de leitura na

sua vida no seu processo inicial de escolaridade, o que não significa que ela não tinha contato com a leitura, mas, se teve, não foi significativa para ela. Isso reafirma uma realidade vivida por muitas crianças em nosso país: “ [...] Aí eu já estava na adolescência e comecei lendo os romances [...] Aí eu entrei em outras histórias e fui lendo [...]” (BEGÔNIA,2019).

Petit (2009, p.32) diz que “ [...] para os cidadãos vivendo em condições normais de desenvolvimento, um livro pode ser uma porta a mais que se abre [...]” e, assim, esse objeto ajuda muitas pessoas a se encontrarem e atravessarem as barreiras impostas pelas condições de vida de cada um. O relato trazido por Begônia (2019) nos informa que o seu despertar para a leitura aconteceu na adolescência, o que reafirma que essa descoberta pode acontecer em qualquer idade, motivada por fatores de caráter social e cultural. Já Lisianto (2019) diz: “ [...] Eu tenho essa mania de querer me reportar ao cenário do livro [...]”. Essa é uma maneira particular que esse professor tem de se envolver no enredo do livro.

Segundo Iser (1996, p.49) “ [...] para os procedimentos mais diversos da interpretação, a leitura dos textos é uma pressuposição indispensável, ou seja, um ato que sempre antecede os atos interpretativos e seus resultados [...]”. Diversos são os entendimentos que cada um tem em relação às mensagens que são proferidas em um texto. Isso tem uma relação muito grande com a trajetória percorrida por cada pessoa e os repertórios culturais que vão sendo acumulados ao longo da vida e que precisam ser acordados constantemente através de um diálogo, de uma releitura. Essas vivências de cada um, embora diversas, os concebeu como leitores e assim eles procuram transmitir para os seus alunos essa mesma sensação, especialmente aqueles que conseguem ver na Literatura um modo de ajudar os alunos a despertar para o desejo de experimentarem novas sensações providas dos livros e ajudá-los a viver a vida com mais leveza. Para Petit (2009, p. 119), “ [...] a Literatura não é uma experiência separada da vida; a literatura, a poesia, a arte estão também na vida; é preciso prestar atenção [...]”. Essa citação traz no seu bojo o que a vida tem de mais bonito a oferecer.

#### 4.2 A VIVÊNCIA DOS PROFESSORES COM A LEITURA LITERÁRIA

Rememorar a vivência dos professores com a leitura literária é levá-los a um exercício interior daquilo que eles têm de mais profundo. É possibilitar-lhes voltar no tempo e remexer com sentimentos que foram adormecidos. É ter consciência que muitos desses períodos foram marcados por emoções alegres ou doídas, mas que, de certa forma, contribuíram para a formação pessoal e profissional de cada um.

Para Petit (2009, p.46), “ [...] os textos lidos abrem aqui um caminho em direção à interioridade, aos territórios inexplorados da afetividade, das emoções, da sensibilidade; a tristeza ou a dor começam a ser denominadas [...]”. Admito que muitas vezes o livro levou-me ao encontro de estações floridas nas quais a superação de momentos difíceis se tornou possível, embora no pensamento de menina sonhadora isso não passasse de uma travessia comum a todos da minha idade. Minha vivência tem uma aproximação com a dos meus colaboradores de pesquisa: muitos deles não tiveram acesso a obras literárias e, quando tinham, eram bastante limitadas. Mesmo assim, a esperança de terem uma vida promissora de certa forma direcionou o percurso de cada um.

Ao me debruçar na escrita destas páginas, procuro me ater à análise do que disseram os colaboradores a respeito de suas vivências com a obra literária. Ao questionar se alguém lia para eles quando crianças, muitos ficaram emocionados, porém bastante tranquilos para discorrer sobre um passado não muito distante, embora bastante significativo para eles: “ [...] Minha mãe sempre leu e sempre incentivou. Apesar de não ter um grau de escolaridade alta. [...] Mas sempre incentivou os filhos a estudar [...] (LÍRIO,2019). [...]”. Essa foi a realidade de muitos dos meus professores que, apesar de não terem tido uma relação direta com os livros, o incentivo de alguém da família – a mãe, a avó – os ajudou a ter vida marcada por lembrança de algum texto literário.

Bamberger (1995) *apud* Maia, (2007, p.38), considera “ [...] fundamental tanto a ajuda dos pais no processo de formação da criança-leitora quanto a influência do professor que, em sua opinião, deve dar ‘pequenas doses’ diárias de importância da leitura no encontro com a literatura [...]”. Amarílis (2019) relata: “ [...] Minha mãe era professora primária. Então eu gostava [...] eu imitava muito a minha mãe, gostava de ir com ela para a escola, mesmo antes de ter ingressado na escola. Tinha interesse também pelos livros [...]”. A presença de uma mãe como professora era, para muitas crianças, a possibilidade de ter uma vida com mais oportunidades, principalmente o acesso à escola em sua companhia os aproximava daquele mundo letrado, considerando que:

[...] tornar o indivíduo hábil no processo de ler e escrever, a fim de desempenhar determinados papéis na sociedade, tem sido função da escola; tarefa que lhe confere, desde sua criação, uma importância especial, um status muito maior que o de outras instituições [...] (MAIA, 2007, p.30).

Durante muitos anos, só as crianças pertencentes às famílias com mais recursos financeiros podiam estudar. Lisianto (2019) recorda: “[...] Meu primeiro contato com a leitura propriamente dita foi gibis, principalmente gibis italianos [...]”. O processo de aproximação

do leitor com o texto pode acontecer de diversas formas, através de diferentes gêneros textuais e, para Lisianto, o fio condutor foi a leitura de gibis, o que para ele serviu de ponte para a busca de outras leituras. Se quisermos construir leitores, faz-se necessário oferecer diferentes obras, estimulando assim o desejo por leituras diversas. (PAIVA, MACIEL, COSSON, 2010).

É possível vislumbrar nas falas dos entrevistados o quão é importante oportunizar às pessoas desde cedo o contato com a leitura, mesmo que de maneira descomprometida e sem nenhuma intencionalidade, pois quando elas têm a convivência com a leitura de maneira construtiva, a probabilidade de se tornarem professores mediadores de leitura é bem maior. No entanto, conforme adverte Werkmeister (*apud* Bordini e Aguiar 1993), nem sempre as pessoas que vivem cercadas por matérias escritas têm a garantia do surgimento de um leitor. O contato com os livros é muito importante para que haja uma aproximação entre ambos, mas isso não favorece o nascimento de um leitor competente, capaz de se envolver com a obra e desnudar suas mensagens.

O leitor se constitui aos poucos, quando ele descobre a arte de desvendar os mistérios mais profundos que estão escondidos página após página desenhada nos momentos mais íntimos de cada ser. Assim brota o “livro”, à espera de alguém para descobrir os seus segredos. Para Rojo (2019, p. 9) “ [...] um livro é um mar de mistérios, são aventuras que se resolvem por si mesmas [...] Um livro responde a sua pergunta e te dá outra [...]”. Sem sombra de dúvida, a Literatura tem esse poder de transportar o leitor para outros espaços onde tudo é possível.

Cosson (2014, p. 35) é incisivo em dizer que “ [...] ler é um diálogo que se faz com o passado, uma conversa com a experiência dos outros [...]”. Esses diálogos que precisam ser frequentes, com uma aproximação para o ouvinte proporcionando uma relação de afetividade, de desejo, de aconchego. Travar essa discussão é validar a importância da vivência que os docentes tiveram com a Literatura, para que eles mesmos possam oferecer aos seus alunos condições para essa apropriação. Assim, chamo atenção para os relatos dos sujeitos no que tange às suas vivências com a Literatura: “ [...] quando eu via colegas mais velhos lendo eu ficava curiosa, foi quando eu comecei a me interessar, a pegar emprestados porque a gente não tinha [...] (AMARÍLIS, 2019) ”.

Muitos leitores nascem do anseio de imitar alguém que demonstra alegria em ler e, mesmo não tendo condição de comprar as obras almeçadas, faz uso de empréstimo para saciar esse desejo. De certa forma, isso reafirma o quanto a referência de um leitor pode marcar a vida das pessoas e torná-las desejosas por novas buscas, por isso a necessidade de que o professor seja esse modelo para que, de alguma forma, os alunos sintam-se atraídos em ler.

Apesar da lacuna muitas vezes deixada pela escola no que tange às práticas leitoras, muitos conseguem ir além e se tornam leitores vorazes. Foi o que descreveu Begônia (2019):

[...] Eu já fui uma leitora voraz mesmo, de pegar os livros da biblioteca da escola, de comprar livros, durante muito tempo eu fiz parte do círculo de livros. Hoje eu acho que leio pouco e é onde eu deveria tá lendo mais, mas por conta do tempo, leio menos [...]

No seu relato “ [...] já fui uma leitora voraz e por conta do tempo leio menos [...]”, o que Begônia traz, leva-nos a pensar o seguinte: Será que os professores não deveriam ter assegurado na escola momentos para ler e discutir essas leituras? E os momentos de formação não deveriam também caminhar nessa vertente? Para que isso possa acontecer de fato, a pessoa responsável por esses encontros formativos necessitaria de uma relação muito próxima com os livros, qualificando esses encontros sem perder de vista outras discussões que vão surgindo ao longo do processo, de modo a ajudar os professores a darem conta de tantos desafios enfrentados nos espaços de sala de aula. Sem dúvida, isso instigaria a todos a irem em busca de outras leituras e, certamente, mesmo com tantas demandas, o tempo para ler iria ressurgindo como flores no campo, favoreceria o enriquecimento cultural e o crescimento pessoal de todos os que se envolvessem.

Uma experiência maravilhosa que venho tendo, enquanto integrante do Núcleo de Leitura Multimeios da UEFS<sup>16</sup>, é a formação leitora. Nesse espaço ampliamos as nossas discussões acerca da leitura literária, e buscamos redimensionar o nosso olhar para outras leituras e outros autores que até então eram pouco discutidos nos espaços acadêmicos e conseqüentemente nas escolas, a exemplo das Literaturas de escritoras negras, e isso vem nos proporcionando uma discussão muito rica e gratificante.

Os livros carecem de serem lidos e discutidos, não como pretexto para discutir algum conteúdo, mas para proporcionar ao leitor um olhar mais minucioso e reflexivo, porque se eles não forem vistos com uma funcionalidade, não passa apenas de mais um item existente na residência das pessoas ou nas bibliotecas das escolas. Por isso, a necessidade da democratização do espaço de leitura, para que todos tenham acesso ao livro e eles possam ser folheados sempre por todos que ali circulam. A alegria de um escritor é saber que seus livros já estão desgastados porque foram usados efetivamente. Para tanto, é preciso todo um investimento para que os livros saiam dos espaços em que se encontram e comecem a circular de maneira expressiva e livre, e não simplesmente para trabalhar algum conteúdo.

---

<sup>16</sup> Grupos de estudos e práticas de leitura, em suas múltiplas abordagens teóricas e metodológica.

Seria bastante promissor que os professores inserissem na sua prática de sala os textos literários, não como pretexto para a realização de uma atividade, mas movidos pelo anseio de viabilizar a aproximação dos seus alunos com o texto, de maneira livre, despretenhosa. E se de fato acontecer essa relação entre texto e leitor, haverá o desejo da busca pela literatura para adquirir conhecimentos. Essa consciência está presente nas falas de Amarílis e Cravo: “ [...] Eu acho que não é lendo texto literário como pretexto que o professor vai conseguir despertar o gosto pela leitura [...]” (AMARÍLIS, 2019). “ [...] Às vezes eu acho até mais difícil [...]” (CRAVO, 2019).

Amarílis traz, em sua fala, pontua a importância da leitura de maneira livre, espontânea, na vida escolar dos alunos porque ela acredita que essa prática pode ajudá-los a se sentirem desejosos de ler não apenas a obra oferecida, mas tantas outras que estiverem ao seu alcance. Cravo diz achar até mais difícil trabalhar Literatura com essa pretensão. Para Colomer,

A função do ensino literário na escola pode definir-se também como ação de ensinar o que fazer para entender um corpus de obras cada vez mais amplo e complexo. Isso é o que os alunos devem entender que estão fazendo ali e o que deve avaliar. Na sua intimidade, seus gostos, seu prazer ou sua liberdade de escolha. Nada disso pode ser, efetivamente obrigatório. (2007,p.45).

Todos esses relatos vão sinalizando o ponto de vista de cada professor a respeito do uso dos textos literários nos espaços de sala de aula. Os depoimentos divergem entre os colaboradores, embora em suas falas exista clareza no que se refere à inserção e à mediação do trabalho da Literatura nos espaços de sala de aula, sem que exista a pretensão de cobrar algo dessa leitura.

Pennac (1993, p. 121) nos diz que “ [...] uma só condição para se reconciliar com a leitura é não pedir nada em troca. Absolutamente nada. Não erguer nenhuma muralha fortificada, de conhecimentos preliminares em torno do livro [...]”. Assim, nasce o desejo despretenhoso para uma aproximação com o livro, possibilitando ao leitor trilhar novos caminhos rumo a novas descobertas, desvendando cada pedacinho escondido entre as páginas de um texto e se esse desejo for aguçado na sala de sala, certamente, será uma grande conquista para o professor.

Apesar de sabermos do poder, da magia que o livro tem para a construção de uma sociedade mais consciente, ainda se lê pouco nas escolas, por razões bem distintas. Ora pela falta de acervo, ora pela falta de uma proposta para um melhor direcionamento desse trabalho nos currículos escolares, contando apenas com os docentes que são sensíveis a essa situação e se debruçam para fazer o diferencial nas suas aulas, o que tem uma grande relação com a

experiência ao longo de suas respectivas caminhadas. Por isso, comungo com Petit (2009, p.35) quando diz que “[...] a leitura convoca uma atividade de simbolização, de pensamento, de narração de sua própria história entre as linhas lidas, uma costura de episódios vividos de maneira fragmentada [...]”. Sem dúvida, voltar às lembranças dos textos lidos, ainda que seja de maneira ínfima, trazer suas representações, possibilita às pessoas uma capacidade de abstração dos fatos que são essenciais à formulação de conhecimentos futuros.

A vivência dos educadores com a literatura reflete um novo olhar, um poder de transformação, e isso faz uma diferença enorme na relação entre texto-leitor. Foi isso o que Cravo (2019) relatou: “[...] através da leitura a gente viaja, a gente até revê alguns conceitos [...]”. Sem dúvida, a leitura possibilita ao leitor uma apreciação mais clara de tudo o que está a sua volta, além da possibilidade de se despir de opiniões sem fundamentos e promover o conhecimento de si próprio. Só dessa maneira é possível promover um novo olhar para o outro.

Consciente da importância da leitura, vejo o quanto a vivência dos professores com a leitura desde cedo, em diversas circunstâncias oferecida pelas famílias, mesmo que de maneira restrita, pode abrir fendas para novas possibilidades, e o quanto isso pode ter um resultado ímpar na vida das pessoas. Isso se confirma quando Lisianto (2019) diz: “[...] Não, eu não tive esse prazer na minha primeira infância que alguém lesse, embora lá em casa pelo interesse dos irmãos mais velhos, a gente teve acesso a livros, relativamente cedo para o período. [...]”. Essa afirmação deixa evidente o quanto a presença de leitores nos espaços de convivência pode ajudar as pessoas a ter um olhar diferenciado pelo livro, contudo isso não é uma realidade para a maioria das crianças brasileiras que, infelizmente, têm esse direito relegado em virtude das condições socioeconômicas das famílias. Por isso, a escola tem a responsabilidade de oferecer aos seus alunos livros e fazer deles um elemento importante para a formação de leitores, mas para isso é necessário que o professor seja leitor.

Ipiranga (2018, p. 27) nos fala: “[...] O homem sedento não tem como compartilhar a água. O professor só pode mediar uma boa leitura com seus alunos se estiver saciado, pleno [...]”. É evidente que se o repertório de leitura do professor for amplo, ele conseguirá atrair de alguma forma os alunos para esse universo tão rico. Faço um adendo para dizer dos leitores que se descobrem em outros momentos da vida e que conseguem ver a “leitura como uma arte” e assim se apaixonam e fazem da leitura um momento de reencontro consigo mesmo, possibilitando novas descobertas.

Caminhos longos eu precisarei seguir para dar conta de explicar o que os sujeitos da minha investigação dizem sobre leitura, considerando o ponto de vista de cada um deles.

Amarílis relatou: “ [...] Quando eu comecei a me interessar mesmo por leitura, por livros, foi por volta de 11-12 anos, porque até então a gente não tinha mesmo, mas não por falta de interesse não. Hoje me considero uma leitora. (2019). [...]”. O que Amarílis apresenta na sua resposta representa a realidade de muitas crianças brasileiras que, desprovidas de condições, só se apropriam efetivamente do livro em uma determinada época de sua vida. Apesar de anteriormente relatar a sua vivência com o livro didático ainda muito cedo, o despertar de Amarílis só veio bem mais tarde. Isso tem uma relação muito grande de como a leitura chegou até ela. Segundo Silva e Martins *apud* Cosson, Maciel e Paiva 2010, p. 26, “ [...] As primeiras experiências de leitura costumam ocorrer das mais diversas formas, segundo as condições econômicas e sociais de acesso aos livros e aos demais impressos que circulam na sociedade [...]”.

O professor tem a responsabilidade de ensinar as crianças e jovens a ler, mas também torná-los usuários da Literatura com vista a melhorar as suas condições de dialogar, argumentar e discernir. Nada fácil, isso exige um exercício constante de leituras diversas e de reflexão. Essa mesma sensação é sentida pelo professor quando oferece Literatura, pois o seu desejo é despertar algo de emocionante naqueles que se predispõem a ouvir. Como expressa Cosson (2014, p.50), “ [...] essa leitura literária pode nos oferecer liberdade de uma maneira tal que nenhum outro modo de ler poderia oferecer [...]”. Isso é necessário para que todos, indistintamente, percebam que existem possibilidades de se construir ou reconstruir uma vida digna, e essa força pode ser encontrada nos livros, principalmente nos textos literários, pois:

[...] com eles aprende-se, reflete-se, compara-se, discerne-se imagina-se, viaja-se, emociona-se, diverte-se, amadurece-se, transforma-se, vive-se, desenvolve-se a sensibilidade estética e a expressão linguística, adquire-se cultura, contata-se com as mais diferentes visões de mundo etc. (BRAGATTO FILHO, 1995, p.14 *apud* MAIA, 2007, p.53).

A relação apontada por Maia (2007) está presente no depoimento de Begônia (2019) quando ela diz deixar a turma à vontade para ler o livro e indicar essa leitura para o colega: “[...] Eu costumo trazer muitos livros[...]; Eu costumo falar um pouquinho e deixo a turma a vontade para escolher, aí a gente marca um dia para fazer a indicação literária, onde eles vão apresentar para o outro colega a partir dessa indicação [...]”. Essa estratégia utilizada por Begônia vai aproximando os alunos dos livros de uma forma bem descontraída, ao mesmo tempo em que eles vão sentindo liberdade de escolher o livro que desejam ler, se predispõem a apresentar títulos para os seus colegas, e isso vai construindo uma relação positiva entre o

texto e o leitor, ao mesmo tempo em que se torna convidativo para aqueles que ainda não despertaram o desejo pela leitura.

Escolher os textos literários, folheá-los, descobrir os segredos escondidos em cada página é possibilitar a todos uma aproximação cuidadosa do objeto que se quer explorar. É entender que a Literatura, em diferentes épocas e em diferentes contextos sociais, tem o papel de levar as pessoas a novas reflexões a ajudá-las a viver melhor consigo mesmas e com o outro, de se libertar da situação vivida por muitas das escritoras negras, a exemplo de Conceição Evaristo<sup>17</sup>, Chimamanda Adichie<sup>18</sup> e tantas outras, que trazem em seu depoimento todo o seu labor e o seu lugar na sociedade frente a muitas lutas e determinação. Essas mulheres guerreiras são para todos nós exemplos de libertação, de conquistas, só depende do nosso querer pois, segundo Maciel (2010, p. 9), “[...] buscar a clareza demanda um simples gesto de abrir janelas [...]”. Foi sem dúvida esse querer que possibilitou a Begônia sonhar e tornar seus sonhos possíveis. Apesar de não ter acesso à Literatura quando criança, encontrou nos livros uma porta para um mundo com mais probabilidades e, principalmente, com capacidade de refletir sobre tudo o que foi vivido, valorizando cada oportunidade que a vida pode oferecer através do diálogo consigo mesma.

Candido (1995, p.249) explicita que “[...] a Literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante [...]”. Olhar para o outro, ter sensibilidade, nada poderia ser mais admirável para uma geração que precisa descobrir valores, conhecer a essência fundamental para uma vida mais feliz.

Ler um livro é como pintar um quadro com as cores do arco-íris e possibilitar a todos a admiração, a descoberta. Vivência maravilhosa é a daqueles professores que tiveram acesso ao livro e puderam degustar de diferentes sabores e que hoje repassam para os seus alunos por acreditarem na transformação da vida de cada um, garantindo a todos os mesmos direitos, porque “[...] na verdade, a tendência mais funda é achar que nossos direitos são mais urgentes que os do próximo [...]” (CANDIDO, 1995, p.239).

Os educadores são portadores de mensagens, oferecendo oportunidades para todos, desmistificando o conceito de que uns possuem mais direitos que outros e isso implica

---

<sup>17</sup> Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio e Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Suas obras, em especial, o romance *Ponciá Vicêncio*, de 2003, abordam temas como discriminação racial, de gênero e de classe.

<sup>18</sup> Chimamanda Ngozi Adichie é uma feminista e escritora nigeriana. Ela é reconhecida como uma das mais importantes jovens autoras anglófonas de sucesso, atraindo uma nova geração de leitores de literatura africana.

também no acesso à literatura. Isso reforça o que menciona Martins (2018, p.45) “ [...] A leitura literária traz, para o universo do leitor, possibilidades novas de sentidos, colocando questão, desestabilizando-o e levando-o a reestruturar-se [...]”. Esses sentidos vão se constituindo aos poucos, à proporção que o leitor vai se aproximando das obras, pois quando alguém reserva minutos de sua vida para ler algo que foi pensado e pesquisado por outra pessoa, é porque se tornou desejoso de encontrar uma âncora que lhe dê sustentabilidade e forças para caminhar pelas trilhas do mundo.

Cada momento vivido pelos docentes com a Literatura, marcado ora pela família ora pela escola, são cruciais para a formação de leitores que acreditam que podem mediar suas aulas com mais amorosidade, oportunizando ao outro o direito de sonhar e, assim seguir, construindo a sua história. Freire chama a atenção nos dizendo que:

[...] estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem ponto de vista sobre o mundo, sem fazer ciência ou tecnologia, sem assombro em face do mistério, sem apreender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível [...] (FREIRE, 2001, p.64)

Ou seja, estar no mundo ausente de tudo isso que menciona Freire (2001) é não viver, é ter uma passagem superficial pela vida, sem sonhos e sem conquistas. É não deixar registros daquilo que a vida lhe proporcionou de mais significativo e humano. É não construir sua própria identidade. Morais (1996, p.13) assinala que “ [...] há várias maneiras de sonhar... A melhor maneira de começar a sonhar é por meio dos livros [...] Aprender a dedicar-se totalmente à leitura, a viver inteiramente com os personagens de um romance - eis o primeiro passo [...]”. Isso recai no fazer docente quando é marcado pelos anseios de estar lendo para se apropriar dos conteúdos necessários ao seu exercício diário em sala de aula, além de ser um leitor pesquisador, com vista a ser referência para seus alunos. Inúmeros são os jovens que descobriram o despertar para a leitura tomando como modelo o professor e essas marcas lhes acompanham por toda a vida, marcas fortes como a de Lírio que também direcionou a sua escolha profissional:

Na verdade escolhi ser professor[...] Tive uma excelente professora na 7ª série. Ela passou vários livros como Capitães de Areia, O menino no espelho, entre outros, não me lembro agora, a inspiração mesmo passou dela, dessa professora que me incentivou. ( LÍRIO, 2019)

O exercício da docência é marcado constantemente por inúmeras transformações ao longo da caminhada, e muitas vezes sem que se perceba, ela transforma também a vida de jovens sedentos por algo que suscite inquietações e mudanças. Por isso, nenhum professor está pronto, ele vai repensando o seu exercício diário, aprimorando seus saberes e ressignificando suas práticas. Exercer a prática docente é buscar novos conhecimentos através de pesquisas. Freire (2001, p.32) menciona que “ [...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro [...]”. Para que a docência seja praticada de maneira coerente, fazem-se necessárias novas buscas e inquietações. Isso não pode ser uma exigência do outro, ela precisa ser algo desejado pelo próprio professor.

Quando o docente exerce a sua profissão com amor e responsabilidade, ele procura alicerçar os seus saberes cada vez mais, para ter condições de intervir quando necessário nos espaços de sala de aula e ajudar os seus alunos a avançarem nos seus conhecimentos. Essa mediação só é possível se aquele que está mediando o processo educativo tiver condições de adentrar no bojo do que está sendo discutido. Esse mesmo processo acontece com a mediação literária, pois ela só pode acontecer se o professor for um leitor e conseguir apresentar a leitura literária de tal forma que desperte no outro o desejo de ler, de se apropriar daquela leitura ouvida. Inúmeros são os professores que têm registrado em suas memórias a pessoa que marcou a sua trajetória leitora.

O professor mediador vai além daquele que apresenta os conhecimentos expostos nos currículos. Ele consegue perceber que seus alunos têm grandes contribuições a serem dadas durante as aulas, encanta-se cada vez que percebe que eles descobriram e compartilharam coisas novas. Exercer o papel de professor é cada vez mais um grande desafio, principalmente quando esse exercício está relacionado a meninos e meninas de escolas públicas, que muitas vezes não têm acesso à leitura em seu ambiente familiar. Daí a necessidade de o professor acreditar que mudanças são possíveis no contexto em que ele atua, e que a alegria e a esperança precisam prevalecer sempre. Freire (2001, p.80) já nos fala que “ [...] há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança [...]”. Se o professor acreditar nessas possibilidades, o seu fazer pedagógico será diferente e terá mais leveza, fomentando nos seus alunos desejos e novas perspectivas para a suas vidas. O professor que traz consigo a alegria, a perspectiva, oferece a seus alunos condições de perceberem através dos textos literários outras possibilidades para suas existências.

A mediação literária não pode ser algo pontual, que acontece vez ou outra. Ela só terá sentido se for algo natural, realizado pelo professor espontaneamente como algo que emana prazer, descobertas, despertando no outro uma curiosidade tão intensa que os faz desejosos de

se apropriar daquele “objeto” apresentado, assim como de tantos outros que eles tiverem oportunidade, desenvolvendo a competência literária. Para Bravos (2018, p.84):

[...] o mediador ou a mediadora da leitura deve aos poucos esclarecer e demonstrar que, ao se ler, também se cria uma história, amplia-se o acervo individual de experiências que possibilitam ao leitor cada vez mais entender a si mesmo, bem como entender os demais. [...]

Nunca um livro lido terá o mesmo sentido após uma segunda leitura, pois novos entendimentos e novos significados vão surgindo a partir de cada experiência vivida e isso vai se configurando e formando um leitor competente e com condições de realizar novas interpretações e buscar um maior entendimento de si e do outro.

A leitura é concebida como uma atividade complexa e dinâmica. A complexidade do sistema de leitura é justificada pela existência de múltiplos agentes (leitor, autor, texto, contexto social, contexto histórico, contexto linguístico, conhecimento de mundo, frustrações, expectativas, crenças etc.) que se inter-relacionam durante o ato de ler. (FRANCO, 2018 *apud* BRAVOS, 2018, p.86).

O ato de ler vai além da compreensão explícita da leitura realizada, pois ela vai sendo alicerçada pela relação que é estabelecida por quem lê com o texto lido, constituindo um elo entre todos os agentes envolvidos. No momento em que se realiza uma leitura, inúmeras são as sensações que vão sendo despertadas em cada um, motivadas pelas emoções, ou algum outro tipo de sentimento que o texto desperta. O leitor vai se constituindo gradativamente, a depender das experiências leitoras e da forma como essa leitura foi mediada ao longo de percurso.

À proporção que se ampliam as experiências leitoras, novos desejos por essas buscas são emanados, pois quando uma pessoa se torna um leitor, consegue ir em busca de leituras mais complexas, além de mediar essa leitura de tal forma que envolve o outro e o faz perceber a sua importância para a vida como algo necessário e que o ajudará na construção e reconstrução dos saberes adquiridos.

Aprender a ler é, assim, ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente e, por interagirmos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações. Isto é ler.”(GERALDI, 1997, p.70 *apud* MAIA, 2007, p.28-29).

A relação que cada leitor vai construindo com a leitura é muito particular e tem uma afinidade muito grande com a aproximação com os livros lidos e ouvidos, principalmente

quando forem mediados de tal forma que acionem no leitor uma capacidade para dialogar com a leitura. Cada ser humano é único no seu jeito de ser e viver, e as experiências leitoras vividas por cada um vão ajudando a se descobrir como leitor, por isso a mediação do professor se faz necessária, principalmente para aqueles alunos que não trazem uma vivência com os livros antes do seu ingresso na escola.

Para tornar seus alunos leitores, o próprio professor precisa ter uma relação estreita com a linguagem e ser sujeito da leitura (e da escrita, é claro!), uma prática sociocultural. Assim, enfatiza Lajolo (1993, p.108 *apud* Maia, 2007, p.37) “ [...] que um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê [...]”. Evidentemente que ninguém consegue fazer com que uma pessoa goste de ler alguma coisa se esta não for apresentada com emoção, como algo que desperte sentimentos. Assim também acontece com as obras literárias, se não forem mediadas pelo professor de maneira contínua, jamais os alunos se interessarão em ler.

Nesse mundo composto por palavras, um outro mundo é reorganizado e o exercício da docência move-se pelo conhecimento e pelas experiências vividas e colhidas na e com a leitura. Para que isso se reflita no papel do(a) professor(a) como mediador(a) e formador(a) de leitores, é preciso que a cadeia significativa da educação literária (texto, escritor, leitor, leitura, escola, práticas educativas) seja efetivamente considerada. (IPIRANGA, 2018, p.30)

Exercer a prática docente é exercitar as múltiplas responsabilidades para uma apropriação de novos conhecimentos, é perceber que ser um mediador de leitura perpassa por outras habilidades que vão além de uma boa leitura. Se o professor deseja formar leitores literários, precisa acionar competências de ouvintes nos seus alunos para que eles possam desenvolver essa competência. Segundo Cavalcante (2018, p.10),

[...] a mediação da leitura, portanto, é um ato de comunicação com o outro ou consigo mesmo, daí a necessidade de se ler criticamente para o exercício da cidadania. O(A) mediador(a) deve ser, antes de tudo, um(a) leitor(a). Dessa forma, em uma mediação de leitura, é possível envolver os leitores pelo encantamento do ato de ler, de modo digno, verdadeiro e afetivo [...]

Ao apresentar os textos literários em sala de aula, é necessário que sejam dadas condições para que os leitores consigam vislumbrar o que está sendo posto, compreendam a mensagem e se sintam capazes de argumentar a respeito do que está escrito, pois um leitor reflexivo vai se formando através das constantes leituras que faz, de textos diversos que abordem diferentes assuntos e em contextos sociais diferentes.

[...] Durante a formação do sujeito são construídas, gradativamente, três relações conscientes e inconscientes com a leitura não necessariamente nessa ordem: uma relação de dependência, pois, através dela, tornamos possível a comunicação interpessoal, mecanismo fundamental para convivência social; uma relação de acesso à informação, ao conhecimento e à sabedoria; e outra relação, guiada pelo prazer da leitura literária composta por significados e sentimentos particulares. Assim, podemos constatar que "existem dimensões motivadoras para a leitura – a necessidade de comunicação, a busca por conhecimento e o prazer/fruição. [...]" (SOUSA, 2018, p.116).

Essas últimas mencionadas são relações guiadas por leituras que, na maioria das vezes, foram emanadas pelas lembranças que dimensionaram a vida do leitor, por isso ser tão importante. Percepção clara nas entrevistas realizadas, nas quais a maioria dos sujeitos traziam recordações expressivas de leitura em suas vidas, pois essa representação foi admirável e, devido a isso, eles conseguiram fazer essa interposição para os alunos com suavidade, “[...] Afinal, todo aprendizado é necessariamente mediado, o que torna o papel do educador e do mediador de leitura mais ativo e determinante [...]” (SOUSA, 2018, p.120). Percebemos, portanto, o quão importante é o exercício daquele que medeia, que entrelaça os caminhos que o outro precisa percorrer, impossibilitando que não desista jamais, mesmo que encontre descortesia no seu percurso. Segundo Leal e Albuquerque, 2007, p.11 *apud* PAIVA *et al* 2010, p.95):

[...] Se concebermos um leitor literário como aquele capaz de reconhecer e questionar as especificidades de linguagem, as intertextualidades, as relações com os contextos de produção e recepção das obras de modo a incorporá-las criticamente com a matéria viva do seu tempo, tais processos não podem ocorrer sem a efetivação, por ele, de uma nova escrita, sem que ele se torne também autor de sua história [...]

Para a formação desse leitor literário, é necessário todo um investimento por parte dos mediadores de leitura e isso demanda tempo, planejamento e, principalmente, um querer que vai além das possibilidades que o espaço escolar oferece. Por isso, é fundamental que sejam desenvolvidas na escola experiências planejadas para que os estudantes sejam inseridos no mundo da leitura. (LEAL; ALBUQUERQUE 2007 *apud* PAIVA *et al* 2010). Esse movimento cria vínculos e oportuniza a todos se aproximarem mais de um grupo que consegue se subsidiar de recursos para atuar em uma sociedade que mais exclui do que oportuniza, levando em consideração que “[...] todos têm direito aos bens que asseguram a sobrevivência física, mas também garantem a integridade espiritual, por isso todos têm direito à arte e à literatura. [...]”. (CANDIDO, 1995, p. 134). Todos esses direitos são necessários à sobrevivência humana, considerando que a negação impossibilita os sujeitos de viverem

dignamente em uma sociedade que cada vez mais se torna exigente e excludente, por isso a necessidade de reforçar a responsabilidade da escola em aproximar os alunos de obras literárias.

Para Borges e Castro (2016,p.45), “[...] um dos principais papéis da escola é a formação de leitores. Se isso não ocorrer, a formação não terá sucesso, visto que grande parte do conhecimento que o indivíduo poderá obter será intermediado pela leitura.[...]”.Se a escola favorecer a todo o alunado a aproximação com a leitura, teremos, sem dúvida, pessoas aptas a se tornarem mais autônomas e, principalmente, que consigam ver através dos livros a possibilidade de novas buscas, pois ao falarmos em formar leitores, não estamos nos referindo ao ato de ler apenas como decodificação, mas a atitudes que favorecem o prazer e o gosto pela leitura .(BORGES e CASTRO). Esses gostos, ao serem constituídos, conseguem romper com muitos entraves que ainda são frequentes em muitas escolas, como a falta de acervo, o desinteresse de alguns alunos, a falta de formação literária e tantos outros empecilhos que vão surgindo no decorrer de todo o processo.

#### 4.3 A MEDIAÇÃO LITERÁRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

“As palavras são dotadas de humanidade, e os humanos são seres dotados de palavras”  
BRAVOS, 2018, p. 83

O homem é o único ser vivo que tem o dom da palavra, e isso o difere dos outros seres. Cada palavra proferida por ele é carregada de significados, porém para que essas sejam consideradas importantes, precisam ter coerência, sabedoria e, principalmente, ser emanadas por verdades e respeito ao outro. Assim, acontece com as palavras existentes nas páginas de cada livro, por isso a necessidade de que o professor selecione leituras que de fato tragam não verdades, mas reflexões, inquietações para os alunos, pois eles precisam aprender a importância de seu olhar acerca daquilo que eles leem, afinal de contas, o leitor literário vai se constituindo a todo instante através da mediação do professor.

A leitura literária vem sendo incorporada cada vez mais nos espaços de sala de aula através do olhar mais sensível do professor e do aumento de obras literárias nas escolas, o que não significa que o trabalho realizado com essas leituras ocupe um lugar de destaque para a formação do leitor.

Recentemente, as propostas curriculares da atual reforma educativa do ensino secundário obrigatório formularam objetivos educativos em termos de “ hábitos de leitura literária”, surgiram critérios metodológicos procedentes da pesquisa sobre leitura, reconhecendo que a literatura infantil e juvenil é um corpus adequado para essa leitura. Portanto, pode-se dizer que

essa literatura obteve o reconhecimento oficial de sua presença no âmbito escolar. (COLOMER, 2003, p.130-131).

Com essa oficialização, aumenta o acervo literário nas escolas e as discussões nos encontros formativos ganham mais corpo, começando a existir uma maior preocupação com os projetos de leitura, embora ainda exista fragilidade no momento de colocar essas ações em prática, pelo simples fato que muitos alunos que chegam no fundamental - anos finais “não gostam ou não sabem ler”, aumentando assim a responsabilidade daquele que direciona as aulas e da importância de uma mediação literária pautada no respeito a essa diversidade, para que aos poucos esse leitor venha se constituindo.

O leitor literário nasce das experiências com a leitura que nem sempre acontece em casa ou quando criança nas escolas, e isso vai interferindo em todo o seu trajeto de vida. É função do professor oferecer condições para que esses sujeitos acreditem que a escola pode ajudá-los a ter uma vida mais humanizada. Daí a importância do papel exercido por cada um deles: “[...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer [...]” (FREIRE, 2001, p.42-43). Esse pensar sobre o fazer pedagógico vai direcionando o trabalho de sala de aula e a maneira como o professor vai mediar o trabalho de leitura, de modo a ser uma representação para os alunos e, aos poucos, vai se instituindo um leitor literário que precisa ser valorizado continuamente nas suas dúvidas e curiosidades, para que posteriormente confiança e respeito sejam construídos.

“[...] Eu sempre estou trazendo outros gêneros, mesmo que não seja aquele que estou trabalhando, eu sempre procuro inovar [...]” (CRAVO, 2019). A visão pedagógica desse professor, ao utilizar outros gêneros textuais como atrativo para que os alunos se aproximem mais da leitura quando bem direcionada pode gerar curiosidade e amenizar a disparidade existente entre os alunos e os livros. Para Freire (2001, p.66), “[...] O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem [...] transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência [...]”. Daí a necessidade de que o educador seja alguém com princípios éticos e que, na constante busca por novos conhecimentos, perceba o seu “inacabamento” e procure conduzir suas aulas considerando que cada ser presente em suas aulas pensa, tem desejos e, sobretudo, condições de opinar, considerando que cada um vai construindo a sua própria história.

“ [...] Eu tive uma turma que me marcou porque foi uma turma de alunos que não lia e eu consegui que todos lessem [...]” (AMARÍLIS, 2019). Quando essa professora fala com emoção desse feito, vai pontuando para nós quão importante é o fazer docente, e mais importante ainda quando esse fazer ajuda o outro a descobrir que ler é uma ação possível para

todos indistintamente e que todos podem reescrever sua própria narrativa. Freire (2001, p.64) diz que “ [...] estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo[...] não é possível [...]”. Por isso essas possibilidades precisam ser construídas na escola, através dos fazeres coletivos entre professor e alunos, sobretudo, através das leituras literárias, para que sejam immortalizadas na memória de cada um e sejam também referências para a continuidade das leituras. Por isso, cada atitude, cada palavra precisa ser significativa para todos, para que vejam como é importante e sigam o exemplo desse autor, principalmente as crianças e jovens que não trazem uma base leitora do seio familiar.

Cravo (2019) faz uso de outra estratégia para motivar a turma a desejarem conhecer o livro: “ [...] Apresento o livro, a capa, e pergunto: vocês acham que vai falar sobre o quê? Alguns alunos não gostam de ler, mas quando faço esse trabalho eles leem, mas querem acabar logo [...]”. Considerando a fragilidade que muitas crianças apresentam em relação à leitura, é válido fazer uso de diversas estratégias para que eles se sintam estimulados a ler, e apresentar a capa pode ser uma delas, o que não invalida que outras maneiras sejam utilizadas para que a leitura comece a ser vista como algo importante, necessário e, de fato, eles comecem a gostar de ler.

O professor muitas vezes é o único agente de formação de leitores, visto que muitos só têm acesso à obra literária apenas na escola. Ao chegar na adolescência, o jovem que se tornou leitor se torna também um mediador para compartilhar suas experiências que foram positivas ou não com quem ele vive. (NOGUEIRA, 2017, p. 17). Formar esse leitor literário, que consegue visualizar o que está além daquilo que está explícito nos livros, é decerto, um trabalho de conscientização através da prática diária de cada professor que procura realizar o seu trabalho com ética e comprometimento.

A figura do mediador é, certamente, fundamental para que se obtenha sucesso e para garantir a leitura na instituição de ensino, bem como formar leitores para além dos muros da escola. Entretanto, faz-se urgente a democratização do acesso à Literatura, ou seja, a implementação de políticas públicas de fomento à leitura que garantam tanto o acesso ao livro quanto a estrutura adequada para que mediadores realizem ações e projetos com os pequenos e jovens leitores e a formação de mediadores que atuem em todas as escolas públicas do país. (NOGUEIRA, 2017, p.18).

E como oferecer condições para que o professor mediador consiga exercer a função, vencendo todas as dificuldades que são encontradas na sua caminhada? A existência de livros literários na escola, assim como o de uma biblioteca não garantem a inserção com qualidade

de um trabalho com essas obras. Daí a necessidade de formação de professor literário para que consigam perceber o valor de cada um desse material, a necessidade de se trabalhar essa obra como um todo, conhecendo o autor, o contexto social, econômico e cultural que cada um foi escrito e, além disso, oportunizar aos alunos se apropriarem desses livros não como uma obrigatoriedade durante determinada aula, mas sim com algo que vai ajudá-los a entender o mundo e a viver melhor, primordialmente, se essa for a sua única oportunidade.

“ [...] Eu tento incentivá-lo. [...] Quanto sei que gosta, incentivo, e se me pedem um livro de presente, eu dou [...] “ (BEGÔNIA, 2019). São atitudes como a dessa professora que aos poucos podem redefinir o percurso de cada jovem adolescente, principalmente se ele tiver pouco acesso aos livros. Nada pode ser mais eficaz do que a maneira como o professor realiza o seu trabalho como mediador de leitura. Nem todas as pessoas tiveram a mesma oportunidade que Paulo Freire de se relacionar com os textos escritos antes da educação formal, pois ele, ao ingressar na escolinha particular de Eunice Vasconcelos, já conhecia o mundo letrado, oportunizado pela família e esse conhecimento foi valorizado pela professora, o da “palavra mundo”. Muitas são as crianças que trazem esse conhecimento de mundo e que, aos poucos, vão perdendo o seu significado, pelo fato de os professores não perceberem essa relação dos seus saberes prévios com aquilo que está posto nos currículos escolares e isso muitas vezes fere a expectativa dos jovens e adolescentes, especialmente nesse momento de transição entre o Ensino Fundamental - anos iniciais para os finais em que eles, na maioria das vezes, têm apenas um professor que geralmente garante o momento de formação leitora.

Ao se depararem, nas séries subsequentes, com diversos professores com metodologias diferentes, horário de aulas reduzidos e essencialmente mais focados nos conteúdos programáticos do que em apresentar uma leitura, a não ser que esta seja para determinado fim, os alunos passam por uma deficiência na atividade de leitura. Claro que isso não é unânime, pois nesse percurso encontramos professores leitores, que não só apresentam Literatura para seus alunos, mas conseguem mediar esse trabalho com respeito e acreditam que podem ser condutores de bens culturais valiosos.

“[...] Eu já fui uma pessoa de ler 3-4 livros por mês, mas devido às demandas leio menos[...] Acho que algumas das histórias lidas no meu tempo pra atualidade hoje não tem influência. A gente tem que tá buscando sempre algo que faça o aluno participar [...]” (LÍRIO, 2019). Essa fala emerge de uma realidade social vivida por muitos professores, e se refere aos desafios de dar conta de tantos afazeres que acabam reduzidos as suas leituras, mas apesar dessa consciência, Lírio procura se apropriar de leituras que abordem temas mais atuais para que haja um envolvimento da turma, e quem sabe possa ser para os alunos mais prazerosa. “

[...] A busca de leitura prazerosa não exclui a aquisição de conhecimento, pois jamais deixa de trazer informações ao leitor [...]”. (COSSON, MACIEL, PAIVA, 2010, p.42).

A seleção das obras a serem expostas em sala de aula precisa acontecer, assim como a liberdade para que os alunos escolham o livro que desejam ler e a oportunidade de trocar se o desejarem, essencialmente se estiverem em processo de aproximação com a Literatura, pois uma aproximação meramente pedagógica jamais formará um leitor literário, capaz de evoluir nas suas aprendizagens, de se humanizar. A Literatura atua sobre o ser humano porque transmite um certo conhecimento que, de acordo como foi instruído, vira aprendizagem e, conseqüentemente, humaniza as pessoas, porque aprendem a viver melhor e “ [...] o efeito rico dessas produções atua sobre três aspectos, são eles: ela é uma construção de objetos, apresenta uma visão de mundo e também é uma forma de conhecimento. [...]” (Candido, 1995, p. 123). Essa riqueza de aspectos apontada por Candido assegura ao indivíduo condições de viver mais dignamente na sociedade, pois ele conseguirá despertar para discussões pautadas em valores, ética, respeito e tantos outros olhares que a própria Literatura vai trazendo à tona, à proporção que esse leitor vai adentrando nas leituras e conseguindo perceber aquilo que está posto, dialogando com sua própria vida e percebendo o que está ao seu redor, o que significa dizer que ao oferecer esse rico manancial aos alunos, o professor vai abrindo portas para a entrada de sapiências, através daquilo que é oferecido. Eis a fala de Lírio (2019):

Desenvolvo o meu trabalho literário, em sala de aula, através de textos como artigos, crônicas, fábulas e etc. Buscando sempre textos que tenham a ver com o cotidiano dos alunos. Apresento, claro, os autores que fazem parte na nossa literatura brasileira e portuguesa, mas sempre condensando com a literatura brasileira contemporânea, pois a linguagem é mais fácil de compreensão pelos educandos e muitas das histórias contadas, eles acabam se identificando[...].

Esse rico repertório oferecido por Lírio, dando enfoque à Literatura, com toda a sua diversidade, oportuniza aos alunos conhecer e desbravar outros textos literários, merecendo destaque para o zelo que ele tem ao garantir que a turma não só leia, mas também compreenda o que está sendo lido, primordialmente no contexto social em que as escolas se encontram hoje, onde os recursos midiáticos muitas vezes superam o fazer pedagógico, eis um dos maiores desafios. Para Lerner (2002, p.27) “ [...] o desafio é formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que possam “decifrar” o sistema de escrita[...]”. O olhar por essa leitura precisa ser conquistado paulatinamente, fortalecendo um entendimento profundo e confiante do que está posto, pois reafirma Lerner (2002, p.27-28): “ [...] o desafio é formar

seres humanos críticos, capazes de ler entrelinhas e de assumir uma posição própria frente à mantida, explícita ou implicitamente, pelos autores dos textos com os quais interagem[...].”

A reflexão trazida por Lerner ratifica a compreensão de que o desafio em formar leitores vai além da decifração do código escrito, constituindo assim o processo de letramento tão discutido por Magda Soares, que pontua: “ [...] Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita [...]” (SOARES, 2009, p.18). Ou seja, o indivíduo que se apropria das representações escritas, que consegue adentrar no âmago do que está posto, que faz uso desse saber no meio em que vive, que consegue participar, inferir e questionar, ele de fato conseguiu fazer uso das práticas sociais de leitura.

“[...] Eu costumo utilizar a literatura como ferramenta introdutória de temas ou aprofundamento de discussões. De um modo geral, recorro à poesia [...] (LISIANTO, 2019). A prática literária trazida por esse sujeito da pesquisa tem um modo bem particular, pois ele faz uso dessa narrativa para introduzir ou discutir uma temática, porém ele deixa claro que a poesia é o gênero mais utilizado, fazendo-nos entender que as interlocuções feitas por cada professor podem induzir as pessoas a tomarem gosto pela leitura, pois à medida que o aluno se familiariza com a leitura, vai usando as estratégias de modo que sua compreensão atenda às necessidades dessa leitura. “[...] O trabalho em vista de um leitor proficiente tenta aproximar os propósitos didáticos do ensino de leitura aos propósitos sociais com os quais os leitores se deparam no seu cotidiano. [...]” (ANDRADE, 2016, p.19).

Evidente que o indivíduo tem acesso à leitura em todo o contexto social em que ele está inserido, mas é na escola que ele precisa se alicerçar de práticas que o levem a desenvolver comportamentos leitores, considerando que:

O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores que recorrem aos textos buscando resposta para os problemas que necessitam resolver, tratando de encontrar informação para compreender melhor algum aspecto do mundo que é objeto de suas preocupações, buscando argumentos para defender uma posição com a qual estão comprometidos, ou para rebater outra que consideram perigosa ou injusta, desejando conhecer outros modos de vida, identificar-se com outros autores e personagens ou se diferenciar deles, viver outras aventuras, inteirar-se de outras histórias, descobrir outras formas de utilizar a linguagem para criar novos sentidos....[...]. (LERNER, 2002, p. 17-18).

Sem desmerecer toda e qualquer ação desenvolvida por essa instituição, a leitura é, sem dúvida, a chave para oportunizar ao indivíduo a chance de se tornar uma pessoa mais atenta, mais flexível, despindo-se de estereótipos preconceituosos que venham aviltar a imagem do

outro. Por isso, a necessidade de que os professores abram também discussões em torno das literaturas negras, oportunizando aos alunos conhecerem também essas obras.

A Lei 10.639/03<sup>19</sup> estabelece estudo e discussões acerca da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas, levando os alunos a conhecerem a sua origem de matriz africana, considerando toda a sua diversidade e isso, de certa forma, abriu um leque para que eles pudessem conhecer a história desses povos, assim como a história de seus ascendentes, embora ainda não seja dada ênfase às obras literárias, tornando-se desconhecidas, assim como toda a ascensão de muitas mulheres negras que estão presentes na mesma, a exemplo da escritora brasileira Conceição Evaristo, que aborda em algumas de suas obras temas como a discriminação racial, de gênero e de classe e tantas outras que merecem também ser apresentadas na escola.

Negar esse conhecimento aos alunos é não favorecer a eles o direito de conhecer a sua própria história, a sua identidade, frente a uma sociedade que reprime, ignora e acima de tudo, não os reconhece como sujeitos de direitos, reiterando a urgência de se trabalhar literatura de maneira efetiva nos diversos espaços possíveis, principalmente na escola. Cravo menciona que ele trabalha com a literatura de tal maneira: “ [...] Peço para os alunos fazerem leitura, anotar pontos interessantes e depois fazer um momento pra relatar o que foi lido [...]” (CRAVO, 2019).

Ao trabalhar com a Literatura, Cravo motiva os alunos a olharem para essa leitura com certo direcionamento, que são os “pontos interessantes” que ele solicita que sejam anotados, para que, posteriormente, eles façam comentários. Esse é um comportamento ensinado por esse professor, o que não deixa de ser uma estratégia para inspirar a turma por essa busca, pois “muito além de uma ferramenta pedagógica, a literatura é aqui uma reserva da qual se lança mão para criar ou preservar intervalos onde respirar, dar sentido à vida, sonhá-la, pensá-la.” (PETIT, 2009, p.116).

Enumerar os fios que a literatura conduz na nossa vida é humanamente impossível, pois esta vai envolvendo cada ser, da maneira que este permite. Ora ele traça laços com as memórias revividas, ora ajuda a refugiar-se de momentos difíceis, em outros momentos possibilita descobertas maravilhosas que se tornam fonte inspiradora, e assim vai seguindo

---

<sup>19</sup> A lei n. 10.639/2003 torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica e foi regulamentada por meio da Resolução n. 1, de 17 de junho de 2004, do Conselho Nacional de Educação, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

seu percurso nutrido por palavras, que se tornam verdadeiros alimentos para a alma e desse modo “a leitura ajuda a viver, mas também procura facilitar a apropriação da cultura escrita por caminhos diferentes dos habitualmente seguidos em sala de aula[...]”(PETIT, 2009, p.77).

Literatura é renascimento, é recomeço de uma vida que muitas vezes se encontra adormecida, sem nenhum sentido, emanado por sentimentos perdidos ao longo da caminhada. Para que esse renascer aconteça, é preciso muitas vezes do direcionamento de alguém e na grande maioria essa pessoa é o professor, que vai se munindo de táticas para melhor conduzir o seu ofício. Assim nos relata Amarílis (2019),

Meu trabalho com a literatura em sala de aula é através de círculos de leitura, indicação literária onde o aluno tem um determinado tempo para ler, em seguida, apresentar o livro lido e recomendá-lo. Realizo também leitura por capítulos de determinado livro. Bingo literário. Faço ao longo do ano gincana literária, onde o aluno que ler mais livros recebe um presente ao final, geralmente, esse presente é um livro. Incentivo-os a irem à Feira do Livro. Estou sempre pesquisando novas formas de despertar o gosto e a paixão pela leitura, já que a mesma deve ser espontânea, prazerosa e nunca por obrigação.

Amarílis revela um modo ímpar para desenvolver o seu trabalho literário em sala de aula, levando diferentes táticas motivadoras para chamar a atenção dos alunos e instigá-los a se debruçar na leitura de um jeito gratificante. Para Amarílis, trabalhar com literatura vai além do seu fazer docente, pois ela vê o livro como um instrumento motivador para a vida e para além disso, ela tem ciência que outras estratégias de leitura e de aproximação com os livros podem desenvolver comportamentos leitores.

Ao mediar o trabalho com a literatura fazendo uso de diversos artifícios, o professor vai alimentando a alma do leitor de tal modo que o deixa livre para fazer suas próprias escolhas literárias. Visão que aparece explícita na fala dessa professora que também faz uso da pesquisa para inovar a sua prática e isso reafirma aquilo que Paulo Freire menciona no seu livro *Pedagogia da Autonomia*, quando aborda que “[...] o inacabamento do ser ou a sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento [...]” (FREIRE, 2001, p.55), experiência que Amarílis vem lapidando ao longo de sua caminhada, através de buscas, de inovações, na perspectiva de que ela, enquanto professora precisa ir ao encontro de novas maneiras de subsidiar a sua prática.

Partindo da ideia de que a prática é o fazer constante daquilo que exercemos ao longo de nossas vidas, ela seria monótona se exercêssemos do mesmo modo sempre, basicamente, quando nos referimos à educação, que é um espaço coletivo que abarca pessoas com uma

diversidade muito grande, por isso o docente que tem esse olhar, consegue atribuir sentido ao que faz e consegue se aproximar dos alunos com respeito e confiança.

Assim deve ser também realizado o trabalho com a literatura, esta, que já é por si só um “fenômeno comunicativo” (COLOMER, 2003, p.95) e para que essa comunicação aconteça entre os envolvidos, faz-se necessário um trabalho cuidadoso do professor, a quem lhe foi conferido esse ofício. Colomer (2007, p.41) sinaliza que

[...] se a literatura já está presente e se chega a um certo grau de conciliação entre a atividade de leitura e os saberes implicados no processo interpretativo, deve-se decidir, na sequência, a melhor forma de conseguir que essa leitura escolar seja produtiva para o leitor [...]

E essa produtividade vai além do ato de abrir um livro e ler aquilo que está posto, fazendo necessário que o leitor conceba uma leitura espontânea, afetuosa e que eles se sintam convidados a ler pelo simples prazer de ler, porém, essa leitura precisa ser contínua nesses espaços, mobilizando reflexões que levem ao exercício da cidadania e ao reconhecimento de que são capazes de lutar por uma vida que lhe proporcione mais autonomia. Begônia (2019) acrescenta: “ [...] Não é um trabalho constante. Mas levo livros de literatura, especialmente de contos e leio toda semana uma parte para despertar o interesse dos alunos. Também escolho um ciclo para que eles leiam um livro e façam uma resenha do mesmo. [...]”. Begônia realiza um trabalho com literatura continuamente e apresenta contos semanalmente para seus alunos, porque acredita que desse modo eles podem desenvolver o gosto pela leitura, conduzindo seus alunos para uma aproximação e interpretação do que é lido. Essa leitura precisa ser realizada de tal forma que mexa com o emocional das crianças, desperte interesse, gere aprendizagens e os ajude a interagir em sociedade. Fazer parte dessa sociedade, que muito exige do ser humano, é cada dia redescobrir um jeito de redimensionar aquilo que foi aprendido, e a escola tem a função social de ajudar aqueles que frequentam esse lugar a trilhar novos trajetos, a participar de práticas culturais, e a Literatura entra como um regulador desses procedimentos:

O sentido de ler está em ser-no-mundo; ser sujeito; compreender o mundo, interpretá-lo e transformá-lo, agindo sobre ele. Ler tem a ver com a cidadania; o adensamento da experiência cultural; o desenvolvimento da capacidade de aprender, o jogo de imagens e símbolos que elaboramos historicamente; o enfrentamento de desafios; o trabalho com proposições e propostas de representação da vida e na vida. (SUASSUNA, 2018, p.25 *apud* LARANJEIRAS, 2019, p.67).

Ao se ter uma intencionalidade quando se desenvolve práticas de leitura nos espaços escolares, vai emergindo no ser que convive efetivamente ali condições de se tornar um ser

autônomo e político, que busca condições de enfrentar os desafios que a própria vida lhe impõe. Assim, esse sujeito vai construindo habilidades de ser uma agente de transformação, com um olhar crítico, mas sem perder o senso de humanidade que habita dentro de si: “[...] a eficácia humana é a função da eficácia estética, e, portanto, o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes [...]”. (CANDIDO, 1995, p.251). Essa relação que Candido discute entre a Literatura e as condições que ela oferece para que os homens se tornem pessoas melhores é um ato concebido quando existe um pensamento do sujeito enquanto um ser munido de capacidades para desenvolver o tino de sensibilidade e empatia para com o próximo.

Galeano (2002, p.123) já nos fala: “[...] Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos [...]”. Belíssima citação de Eduardo Galeano, pois cada um é o aquilo que se proporciona a construir, assim como a busca pelas condições de modificar o que está ao seu alcance. Em se tratando da Literatura proposta em sala de aula, principalmente para crianças e jovens que estão em processo de descoberta, o papel do professor mediador é imprescindível, considerando que eles são referências para que os alunos se apropriem da obra literária, vista por muitos como algo sem nenhum desejo. O trabalho do professor mediador, que tanto é abordado neste capítulo, perpassa por um fazer diferenciado, que vai além da apresentação simbólica de um livro ou para simplesmente cumprir um planejamento. Ele se torna prazeroso, no sentido de fazer bem tanto ao leitor quanto ao receptor, construindo ao seu entorno multiplicadores daquilo que é aprendido.

#### 4.4 EXPERIÊNCIAS LITERÁRIAS VIVIDAS PELOS ALUNOS NA ESCOLA

*“Aprendemos a ler, de modo fluente nas relações estabelecidas em sociedade e nas trocas e aprendizagens promovidas na escola”.*

*Martins; Silva, 2010.*

Primeiramente, aprende-se a ler e depois vai se estabelecendo relações com o mundo e as leituras lidas e, dessa maneira, a fluência leitora vai ganhando vida a partir do convívio social com o meio. É papel fundamental da escola desenvolver essa competência, considerando a vivência trazida por cada leitor. É notável o desempenho dos alunos com o livro, quando são agraciados desde pequenos com esses acervos, seja no seio familiar ou na escola. “[...] As primeiras experiências da criança com a leitura de textos literários tornam-se significativas por apresentarem duas dimensões primordiais: a da sensibilidade para o estético e a do conhecimento [...]”. (OLIVEIRA *apud* PAIVA et al., 2010, p.41). Essas dimensões

mexem com a sensibilidade da criança, fortalecendo a sua formação enquanto sujeito que pensa e repensa valores já construídos, e principalmente a ter um olhar diferenciado para a sociedade que o cerca. Oliveira (2010, p. 41) é categórica ao dizer que:

[...] a literatura contribui para a formação da criança em todos os aspectos, especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence. [...]

Portanto, quando isso acontece fica explícita a capacidade de cada leitor para buscar outras leituras mais densas e mais complexas com o objetivo de ler para apreciar, mas também para aumentar o seu repertório leitor, pois uma boa obra literária nos conduz a inesquecíveis encontros do eu com o outro, descobrindo insistentemente sensações maravilhosas de ser e estar no mundo. As experiências que são vividas por cada aluno só ganham corpo se a mediação tocar no íntimo de cada um, se for capaz de reinventar conceitos já construídos através do entendimento e da conversa entre os textos que lhes são oferecidos

[...] criar oportunidades para que as crianças interajam livremente com livros e textos literários de um modo geral e sugerir, em algumas ocasiões, que elas indiquem qual leitura será realizada na roda de história podem sinalizar, para o professor, quais as preferências de seus alunos. O interesse previamente demonstrado por determinadas temáticas, autores, gêneros literários, certamente será um bom começo para a conversa a ser desencadeada antes, durante ou depois da leitura. (BRANDÃO e ROSA *apud* PAIVA et al, 2010, p.77)

Quando o professor proporciona momentos de interação entre o leitor e os textos lidos, ele vai criando sentido para essas leituras e se apropriando de outras competências que é a de selecionar, argumentar e, principalmente, intervir a partir do seu entendimento e isso é tão importante que fica registrado na memória dos alunos e mais tarde essas experiências tornam-se um marco significativo em suas vidas. O professor que se apropria apenas dos livros didáticos ou realiza momentos pontuais de leitura em sala de aula, está negando ao aluno o direito de conhecer literatura, esse “objeto” carregado de sabedoria.

Candido (1995, p.245) menciona que “[...] toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção [...]”. Construção essa que precisa ser alicerçada permanentemente pela prática leitora dos professores e pelo exercício constante dos alunos, não apenas na sala de aula, mas em outros espaços como na biblioteca, no pátio da escola... Se o professor não tiver

essa consciência, não terá condição de se libertar das práticas conteudistas, ou seja, trabalhar apenas os conteúdos que estão relacionados nos planos de ensino.

Para conhecer um pouco mais do trabalho dos professores sujeitos desta pesquisa, e como eles realizam seu trabalho em sala de aula como mediadores de leitura, precisei escutar alguns alunos, os quais demonstraram tranquilidade para fazer seus relatos das aprendizagens em torno dessas aulas: “[...] Os livros eram utilizados para realizar pesquisa, atividades, mas também para incentivar a ler. Geralmente o professor leva livros e cada um escolhia o que queria ler. Eu gosto muito de ler [...]” (VERMELHO, 2020). O relato desse aluno traz um pouco da prática do seu professor e sinaliza o modo como ele oferece a leitura nos espaços de sala de aula, fazendo uso do livro não apenas didaticamente para se apropriarem de determinado conteúdo, mas também propicia momentos onde a escolha do livro a ser lido pode ser feito por cada um, dando autonomia para suas próprias escolhas, conversando assim com o que já foi posto por alguns professores quando eles fazem a mediação de leitura para que a turma desperte para o gosto de ler e de escolher o livro que foi mais atrativo para ele.

Daniel Pennac (1993, p. 139), em seu livro *Como um romance* nos diz que “[...] em matéria de leitura, nós os ‘leitores’ nos concedemos todos os direitos [...], inclusive de ler qualquer coisa [...]”. O autor ainda acrescenta: “[...] se quisermos que filho, filha, que os jovens leiam, é urgente lhes conceder os direitos que proporcionamos para nós mesmos [...]” (p.140). A maneira como a leitura é apresentada para os alunos oferece condições para que eles façam sua própria seleção e se apropriem daquele livro que de fato sintam-se desejosos em degustar.

“[...] O professor trabalha com leitura, às vezes um lê uma parte e o outro continua. Era ela quem levava os livros, não gostava muito desse momento, mas gosto de ler [...]” (LARANJA, 2020). Apesar de essa aluna não se identificar com a estratégia de leitura aplicada pelo professor, afirma que “gosta de ler,” sinalizando talvez que o que distanciava desse momento era a falta de continuidade da leitura realizada por uma determinada pessoa, o que fica evidente que apesar dos diversos caminhos que o professor procura mediar a leitura em suas aulas, nem sempre ela chega para todos da mesma maneira, o que não significa que ela não proporcione um movimento positivo para a busca por outras leituras. Como diz Pennac (1993, p. 141), reafirmando o que já fora mencionado, “[...] quando se trata de leitura, nós os leitores temos inúmeros direitos, inclusive de ler uma página e dar continuidade depois [...]”.

Michèle Petit (2009) quando discute “o direito à literatura” no livro *A arte de ler ou como resistir à adversidade* aborda que “[...] ninguém deveria ser obrigado a ‘gostar de ler’

[...]. Isso quer dizer que o trabalho realizado com as narrativas literárias precisa ser uma experiência desejável pelo aluno, para que eles criem uma relação afetiva com a cultura escrita e despertem essa vontade de apropriação sem nenhuma obrigatoriedade, como acontece na maioria das vezes com os clássicos quando estes são oferecidos às crianças desde cedo.

Calvino (1993, p.12) pontua que “ [...] os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor [...]”, e esse sentimento de amorosidade é muito visível no trabalho com crianças pequenas, onde os trabalhos com os clássicos infantis são muito presentes e a falta de continuidade nos anos posteriores tem como resultado o distanciamento entre texto e leitor. Daí a necessidade de que os professores dos anos subsequentes continuem sendo mediadores de leitura e valorizem as diversas maneiras que cada criança ou jovem se apropriam desse universo, mas (claro!) ofereça outras opções. Vejamos o relato dos alunos: “[...] O professor de Língua Portuguesa trabalha com resumo de livro e pede que seja feita a recomendação para o colega. Leva livro para escolher, ler e resumir no caderno. (VERDE, 2020) [...]”. “[...] Os livros eram interessantes. Gosto de ler no celular, no livro. (VIOLETA, 2020)”.

A condição do professor que medeia suas aulas para o trabalho com a leitura é bastante distinta e se torna interessante para o colaborador devido às várias possibilidades oferecidas, o que vai deixando claro que “ [...] a literatura não tem outro limite que a própria capacidade humana de significar [...]”(COSSON, 2014, p.49), o que não significa que todas as pessoas consigam absorver o sentido proposto pela obra, pois isso tem uma dimensão muito maior, que está relacionada ao contexto social de cada indivíduo. Quando Violeta menciona que gosta de ler pelo celular, mas não descarta o uso do livro, ela demonstra ter adquirido uma consciência leitora fazendo uso de outros recursos além do livro, embora esse não fique em segundo plano e traz à tona o olhar de um professor que entende que as escolhas de leitura a serem realizadas pelos seus alunos é muito importante para desenvolver habilidades com os textos, mesmo que nem sempre faça uso do livro físico.

Com tanta variedade, a literatura não pode atender às demandas muito específicas de leitura como também permite o leitor calibrar sua leitura de acordo com a capacidade de compreensão, sem que ele perca seu interesse pelo texto, pois uma temática ou registro textual apresenta uma série de gradação de dificuldade em realizações concretas (COSSON 2014, p.50).

Fica evidente que é a maneira de mediar a leitura, apropriando-se de várias táticas que permitem ao aluno se revestir de diversos conceitos anteriormente adquiridos para uma

melhor compreensão do que está sendo posto, dirimindo assim o grau de dificuldade possivelmente exposto, por isso a necessidade que sejam trabalhadas outras leituras e não apenas as presentes no livro didático.

“ [...] O professor trabalha mais com os livros didáticos, mas não deixa de trazer outros livros [...]” (LILÁS, 2020). “ [...] O professor trabalhava com o livro didático, com os textos do livro didático, mas faz leitura de outros livros. [...]”. (ROSA, 2020). Essas falas demonstram que o professor apesar de dar ênfase aos textos do livro didático, ele não deixa de trabalhar com outras leituras, o que vai ajudando aos alunos a se sentirem incentivados e a buscarem uma aproximação com a obra. Alguns sujeitos da pesquisa falam desse tempo para trabalhar os conteúdos programáticos, mas sempre abrem espaço para a apresentação de outras leituras e incentiva os alunos a lerem. Vejamos o que diz Lírio (2019): “ [...] Geralmente apresento os livros na sala de aula, mas o tempo é curto para trazer o livro para deleite. Geralmente trago textos, fragmentos do texto [...] Alguns leem o que indico e outros não [...]”. Sabemos que ainda existem lacunas para o trabalho com a Literatura, levando em consideração que o professor muitas vezes se depara com alunos desmotivados e sem nenhuma afinidade com os livros e ainda necessita dar conta de outras demandas inerentes à própria turma que não compreende a importância dos textos lidos em sala para motivá-los a ir em busca da obra. Apesar dessa falta de interesse por alguns alunos, outros demonstram interesse pelo livro indicado, o que sinaliza que toda e qualquer ação promovida nos espaços de sala de aula é válida.

Reafirmando a reflexão feita por Cosson (2014, p.23), “ [...] existe um estreitamento do espaço da Literatura na escola e nas práticas leitoras das crianças e dos jovens [...]”. Com a falta de ascensão da literatura nesses espaços, essas crianças e jovens vão tendo mais dificuldade, e a descoberta de encontrar a acolhida que só os livros literários podem oferecer fica mais distante, como diz, de maneira poética, Michele Petit (2009, p.116): “ [...] os livros lidos são moradias emprestadas onde é possível se sentir protegido e sonhar com outros futuros, elaborar uma distância, mudar de ponto de vista [...]”. Para além do caráter envolvente, protetor, habitável da leitura, uma transformação das emoções e dos sentimentos, uma elaboração simbólica da experiência vivida torna-se, em certas condições, possível.

A leitura tem o poder de contribuir para a formação das pessoas e, quando ela é possibilitada desde cedo para as crianças, elas conseguem evocar outros sentimentos atrelados ao gosto de ler. Ninguém pode gostar daquilo que nunca experimentou, que nunca lhe foi apresentado: “ [...] É preciso ler, é preciso ler... E se, em vez de exigir a leitura, o professor decidisse de repente partilhar sua própria felicidade de ler? [...]” (PENNAC, 1993, p.80). Se

esse deslumbramento pela leitura se fizesse presente no semblante do professor, isso provocaria um efeito positivo para os alunos, momento mensurado por Azul (2019): “[...] A professora de Português traz para a sala de aula textos, poemas, crônicas, roda de leitura, testando conhecimento. Ela empresta livros e pede que quem tiver para emprestar também. A professora incentivava – li 14 livros. Gosto muito de ler. [...]”. Ao oferecer essa riqueza de gêneros textuais, o professor exalta suas aulas e vai exigindo do leitor sentidos para a compreensão de outras leituras, além de enriquecê-lo e possibilitar diálogos entre essa diversidade. Cosson (2014, p.36) aponta que “[...] ler um diálogo com o passado que cria vínculos, estabelece laços entre o leitor e o mundo e os outros leitores [...]”.

Quando Azul aluno sinaliza a quantidade de livros lidos por ele, vai confirmando que, para além das escolhas dos gêneros textuais, as estratégias de leitura quando bem mediadas podem formar alunos leitores. A mediação feita pela professora diz muito das suas vivências com o mundo das letras. A disponibilidade de oferecer livros e acionar outros mecanismos para o empréstimo, vai criando vínculo entre a turma, e essa conversa que se faz presente constantemente instituindo relações dialógicas que se fazem com o passado, com a experiência do outro. (COSSON, 2014).

A instituição escolar precisa garantir as práticas de leitura continuamente, para que possam ser minimizados os altos índices de crianças que passam anos e anos na escola e não conseguem desenvolver a prática leitora ou aquelas que perdem o interesse em seguir lendo, principalmente quando ingressam no Fundamental - anos finais, quando eles percebem que as leituras realizadas têm sempre um viés pedagógico e o ler para alimentar a sua alma de sonhos, de emoções e de buscas começa a perder o significado. Frente a isso, encontramos professores nesses anos de ensino que medeiam suas aulas de leitura e conseguem fazer o diferencial nesses espaços:

Cada um dos meus professores tem um jeito de trabalhar com a literatura. O professor de História trabalha com textos antigos e relaciona com a visão atual, sempre pedindo nossa opinião. O de português trabalhava muito a leitura e a escrita[...].Usava muito filmes educativos, entrevistas e pedia para fazer resumo[...].Nas demais disciplinas, o trabalho era muito parecido com o de português, a gente lia e escrevia muito[...].sempre trabalhava com muitos textos. Gosto muito de ler textos, relatos da internet. Quando a pessoa navega no Facebook, no Instagram acha textos interessantes. Não consigo passar por esses textos sem conseguir ler, mesmo que eu leia depois. Se acho interessante mando para uma amiga, leio para minha avó, para minha tia. (CINZA, 2020).

O relato feito pela aluna define como o professor faz a mediação da leitura em sua turma e, por unanimidade, todos os professores fazem isso de modo muito semelhante. Apesar de não aparecer na fala dessa entrevistada o uso da Literatura especificamente, ela demonstra enredar por esses trajetos e se aproximar mais do ato de ler através da diversidade textual que é apresentada. Ela procura fazer uso de outros recursos além dos livros e, aos poucos, vai se criando uma paixão pela leitura, fomentada por leitores mais experientes. Essa aluna demonstra com bastante clareza a função social da leitura e procura fazer bom uso disso.

Toda leitura é interessante, independente da discussão que é abordada, pois “ [...] o texto é um potencial de efeitos que se atualiza no processo literário” (ISER, 1996, p.15). A leitura literária não deve ser dirimida em função de outras leituras. Ler essa diversidade de gêneros textuais amplia o repertório linguístico, oferecendo qualidades ímpares na formação do leitor, embora não se possa perder de vista a fruição que os textos literários oferecem. Frente a essas reflexões, é indiscutível a relevância do trabalho com a literatura na escola, pois é vital que ela tenha maiores condições de ofertar esses pré-requisitos para os alunos galgarem por novos caminhos que possam lhe abrir portas para outras conquistas.

## 5 CONCLUINDO UMA ETAPA: É PRECISO SEGUIR EM FRENTE...

*Tudo vale a pena, se a alma não é pequena.*  
Fernando Pessoa

Depois de muito caminhar, chegou o momento de dar uma pausa, ciente de que tudo valeu a pena, parafraseando Fernando Pessoa. Na conclusão desta etapa, percebo o quanto foi significativo todos os momentos vividos. Foram os livros que alimentaram a minha alma nessa minha trajetória e me mostraram que com eles nunca estaremos sozinhos. Vivi momentos de inquietações e percebi através deles que sempre haverá espaço para a continuidade e que sempre podemos seguir em frente. Assim, parar nesta estação não faz de mim uma pesquisadora completa, mas sim atenta às novas buscas, pois em momento algum tive a pretensão de dar essa pesquisa como concluída. Os caminhos que adotei para essa minha trajetória foram muito particulares e tiveram uma relação muito grande com a minha experiência de professora, mas eles estão abertos para novas vias, se assim for do desejo de outras pessoas que queiram discutir essa temática.

Durante todo o percurso, procurei ser bastante cautelosa e fiel a tudo o que a pesquisa me revelou, pois acredito na importância do rigor científico para que a pesquisa seja fidedigna. Procurei também fazer uso de uma escrita clara, que demonstrasse ao leitor o meu olhar sobre a leitura literária, sem perder de vista as contribuições dos teóricos que alimentaram este trabalho acadêmico. Dessa forma, essa escrita traz o resultado de uma trajetória marcada por vivências de professores e alunos, mas também procura explicar um pouco as controvérsias que existem entre a teoria e a prática sem, contudo, deixar de destacar que os arcabouços teóricos existem para nos ajudar nas novas reflexões.

À proporção que aprofundava as minhas investigações, fui percebendo que o meu objetivo de compreender como os textos literários estão inseridos na prática docente dos professores no Ensino Fundamental - anos finais, na Escola Municipal Mário Campos Martins, me fez ter um olhar mais amplo no que concerne à prática desses professores, assim como a intencionalidade das categorias previamente selecionadas.

É imprescindível destacar que o momento crucial desta pesquisa foi adentrar no campo empírico para conversar com cada um desses sujeitos. Antes disso, muitas leituras foram realizadas e muitas indagações foram feitas, permitindo-me, assim, ter um ouvido aguçado para cada resposta dada no momento da entrevista e procurando entender as intempéries que muitas vezes impossibilitam os professores de realizar o seu trabalho de sala de aula com mais

consistência, considerando que, muitas vezes, o fazer desses professores também é marcado por trilhas tortuosas, e que eles precisam ter habilidades para continuar.

Embasada por argumentos que sustentaram a base teórica dessa minha pesquisa, percebo que os professores conseguiram deixar claro o seu envolvimento com a leitura nos seus espaços de sala de aula, embora cada um tenha uma forma particular de efetivar a sua prática, o que para mim superou as minhas expectativas, uma vez que não podemos desconsiderar a importância desse professor leitor, mas para além disso, ele precisa ser um leitor literário, não como algo obrigatório, mas para o seu próprio enriquecimento (COSSON, MACIEL, PAIVA, 2010). Por isso, pressupõe-se que o processo de formação do leitor literário é algo necessário e demanda um investimento consistente para que possa contemplar todos os envolvidos de forma diferente, a depender dos referenciais que foram construídos por cada pessoa ao longo do seu processo de vivência com os livros, o que vai de certo modo implicando no fazer de sala de aula de cada um.

É fundamental registrar quão importante foi viver esses momentos com esses professores! Embrenhar-me na prática cotidiana de sala de aula de cada um, conhecer um pouco a respeito de suas experiências leitoras, ora marcadas por risos ora por fortes lembranças que os emocionaram bastante. Destaco o quanto precisei ser forte, pois muitas daquelas vivências, traziam grandes recordações e eu não poderia deixar que isso interferisse na seriedade do meu trabalho. Entendo que o pesquisador precisa estar bem emocionalmente para não se deixar envolver e interferir nesse tempo, mas também ser humano para perceber que, que se necessário for, ele precisa parar e seguir em frente. Ciente de todo itinerário vivido por cada um deles que por vezes se destacam de maneira ímpar para cada professor, é que acredito o quanto “a importância do ato de ler” precisa ser valorizada nos espaços de sala de aula, e que vai além de um fazer pedagógico: precisa ser um ato de amor.

A pesquisa revelou que cada professor que participou deste trabalho acadêmico teve marcas de leituras bem distintas. Uns tiveram como referência a mãe, outros a avó e até mesmo a professora já na adolescência. Apesar de todas essas particularidades, cada um desenvolveu estratégias próprias para apresentar os livros para seus alunos e isso ficou bastante visível na fala de cada um e na maneira como é feita a mediação de leitura por esses sujeitos da pesquisa.

Apesar da maneira distinta em que cada sujeito da pesquisa teve acesso à leitura, todos eles procuraram seguir estudando e fazendo uma graduação em uma área que mais se identificaram. Essa formação, de certa forma, contribuiu no direcionamento do seu olhar para novas leituras e na procura de novas metodologias para melhor desenvolver o trabalho

com a leitura, a exemplo de levar livros para a sala de aula, disponibilizando o acesso para os alunos e as diversas estratégias planejadas para que eles se sentissem à vontade para ler o livro que desejassem, assim como os sorteios para os alunos que mais se desempenharam na leitura, além das indicações literárias que vão instigando também para a procura de novas leituras.

Embora ainda exista uma restrição em relação aos acervos literários existentes nas escolas, é notório o esforço e o desejo de muitos educadores para que seus alunos desenvolvam competências leitoras, mas tudo isso precisa ir além de toda discussão, pois é necessário ultrapassar a fala de que os alunos não leem ou não gostam de ler e partir para a ação do fazer com que eles leiam por prazer, por encontrar beleza, estética nas obras literárias, mas isso tem uma relação muito forte com a maneira como a leitura é mediada pelo professor, possibilitando assim curiosidade, mexendo com as emoções e, principalmente, com a possibilidade em adentrar na obra e conversar com ela, muitas vezes até se afastando da realidade e se permitindo adentrar no mundo da ficção.

Toda pessoa tem direito de conhecer outras histórias, adentrar no mundo imaginário, sonhar através das palavras que estão ocultas em cada página, de “alargar seu universo cultural” (PETIT, 2009) e quando isto é proposto de maneira lúdica, que mexe com as emoções do outro que está como receptor, algo de muito especial acontece: o desejo de continuar ouvindo, de querer se aproximar desse “objeto” mágico é incontestável!

Quando os alunos que participaram deste meu trabalho mencionam que apesar das diversas maneiras de serem apresentados os livros para a turma eles “gostam de ler”, isso vem afirmando que a mediação realizada por cada professor está sendo válida, embora saibamos que muito ainda precisa ser feito para que o desejo dessas crianças e jovens adolescentes não adormeçam ao longo do percurso, por isso a necessidade de fomentar maiores descobertas para que a vontade de ler um livro vá além dos muros da escola.

Faz-se necessário que as palavras do professor de incentivo à leitura ganhem vida e consistência através de exemplos, pois o professor mediador precisa ser leitor, precisa encantar-se ao falar de um livro lido, demonstrando uma relação de convivência com o mesmo, se permitindo dialogar com a obra. Esse encantamento ao ler um livro tem uma relação muito forte com a vivência do professor com os livros e da forma como eles foram mediados durante a sua trajetória tanto pessoal quanto profissional, despertando assim curiosidade, mexendo com as emoções e aguçando o querer em adentrar na obra e conversar com ela, muitas vezes até se afastando da realidade e se permitindo entrar no mundo da ficção.

Para Ipiranga (2018, p. 126), “[...] O professor só terá condição de realizar boas mediações de leituras com seus alunos, se ele tiver inteiramente saciado [...]”, o que reafirma o quanto é importante que os professores sejam leitores assíduos e proporcionem esses momentos de leitura durante suas aulas, mesmo porque nem todos os alunos usufruem dessas leituras no âmbito familiar.

A escola tem uma responsabilidade muito grande em fazer com que seus alunos, na sua grande maioria, não percam o encantamento do mundo ficcional proporcionado pela leitura que lhe era proposto no início de sua escolarização, quando geralmente têm uma relação muito próxima com os clássicos infantis, o que não significa que se isso não acontecer eles não poderão se tornar leitores, a exemplo dos professores que participaram desta pesquisa, reafirmando assim que as boas experiências de leituras são cruciais para o desenvolvimento do leitor quando deixam registradas na memória o que foi de mais significativo, independente do gênero que foi apresentado e isso me reporta ao meu despertar para o mundo da leitura, que teve início quando criança.

Preliminarmente, o meu despertar veio pelo desejo de imitar a minha mãe e assim me aproximava de todos os livros a que tinha alcance, principalmente os textos presentes nos livros didáticos que eram os mais comuns e, posteriormente, lendo os poucos livros que casualmente ou não chegavam em minhas mãos, mas o grande diferencial mesmo naquela época foi a maneira como essas leituras foram mediadas e que criavam vínculos afetivos e assim como eu, muitos dos sujeitos dessa pesquisa criaram também conexões com as obras lidas.

As entrevistas trouxeram as descobertas, as vivências de leituras de todos os professores que participaram desta pesquisa, rememorando as fortes lembranças na memória de cada um que, sem sombra de dúvida, contribuíram para que eles levassem algum tipo de leitura para os seus espaços de sala de aula e contribuíssem assim para que esses alunos despertassem para a leitura, mesmo que ainda não seja a de textos literários. Os dados revelaram também que esses professores fazem a mediação de leitura tendo como suporte diversos gêneros textuais e utilizando estratégias distintas, oportunizando aos alunos o acesso aos livros e o despertar para a leitura.

Enfim, foram muitas leituras, muitas inquietações frente a um trabalho que a todo o momento me dava prazer, pois aborda uma temática que considero importante, que é a discussão da leitura literária e a prática docente, considerando, principalmente, como esta leitura é mediada por esses professores para que os alunos os tenham como referência para ler e “propagar o amor pelo livro” em meio a tantos desafios da sociedade moderna.

Este trabalho que lhes apresento não é uma obra concluída, fechada. Pelo contrário, ela se constitui aberta a novas indagações, novas buscas, novos acréscimos e, principalmente, sirva de inspirações para outras pessoas que se sentirem desejosas de se debruçarem sobre essa temática. O que está aqui explícito é um pouco da experiência de alguns professores com a leitura literária e a maneira que cada um deles trabalha com essa leitura, buscando possibilidades de despertar nos alunos o gosto de se tornarem leitores. Enfim, esta obra é resultado de um trabalho coletivo, entre os meus colaboradores e esta pesquisadora, então, trago a certeza de que é preciso seguir em frente.

## REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, A.; BATISTA, M. D. **I Feira da agricultura camponesa da comunidade do Juazeiro, Irará- BA**: resistência camponesa, autonomia e poder popular. Arquivo da Associação Rural Comunitária do Juazeiro (ARCJ): Irará, 2018.
- AMADO, J. **Capitães de Areia**. Rio de Janeiro: Record, 1937.
- AMADO, J. **O gato Malhado e a Andorinha Sinhá**. Salvador: Companhia das Letrinhas, 1976.
- ANDRADE, M. N. de S. **Leitura literária no ensino fundamental**: uma proposta para além das “fichas” 2016, 123f. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.
- BARBOSA, J. B. e BARBOSA, M. V. **Leitura e mediação**: reflexão sobre a formação do professor. São Paulo. Mercado das Letras, 2013.
- BATISTA, A. L. S. **Os desafios do Ensino de Geografia na relação campo-cidade**: provocações a partir da Educação do Campo. 2016.160 f. (Dissertação de Mestrado) – Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.
- BESNOSIK, Maria Helena da Rocha. Dinamização de acervos: de que acervos falamos. **Revista Digital Cátedra UNESCO de Leitura**, Rio de Janeiro. Disponível em: [www.catedra.puc-rio.br/portal/formacao/publicacoes/revista\\_digital](http://www.catedra.puc-rio.br/portal/formacao/publicacoes/revista_digital). Acesso em 06 mar. 2020.
- BORDINI, M. G.; AGUIAR, V. T. **Literatura: a formação do leitor** – alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BORGES, C. L. C.; CASTRO, M. L. S. (Org.). **A leitura e a (re) escrita no ensino-aprendizagem de língua portuguesa**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.
- CATANI, A.; NOGUEIRA, M.A. (org.). **Pierre Bordieu**: escritos de Educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BRAVOS, K. **Os jovens e a leitura**. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste/ Fundação Demócrito Rocha, 2018.
- CAVALCANTE, L. E. **Mediação da leitura e formação do leitor**. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste/ Fundação Demócrito Rocha, 2018.
- CAVALCANTE, Manoel Clériston Luna. **O cordel na sala de aula**: Uma proposta para o leitor literário. 2019.219f. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

CAVALCANTI, Alberes de Siqueira. **Olhares epistemológico e a pesquisa educacional na formação de professores de ciências.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.40, n. 4, p. 983-998, out./dez. 2014.

CALVINO, Í. **Por que ler os Clássicos.** São Paulo: Companhia das letras, 1993.

CANDIDO, A. **Vários escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário.** São Paulo: Editora Global, 2003.

COLOMER, T. **Andar entre livros.** São Paulo: Editora Global, 2007.

COLOMER, T. **Literatura não é luxo. É a base para a construção de si mesmo.** Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/8867/literatura-nao-e-luxo-e-a-base-para-a-construcao-de-si-mesmo>. Acesso em: 01 fev. 2021.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2014.

CRUZ, Adriana Santana da. **A escola e a formação de leitores: um olhar na perspectiva da estética da recepção.** 2017. 146 f. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Educação. UEFS, Feira de Santana, 2017.

DOWBOR, F. F. **Quem educa marca o corpo do outro.** São Paulo: Editora Cortez, 2008.

ESCOLA Municipal Mário Campos Martins. **Projeto Político Pedagógico.** Irará, 2018.

EVARISTO, C. **Olhos D' Água.** Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.

FNDE. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Guia PNLD Literário 2018.** Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-pnld/item/12103-guia-pnld-literario-2018>. Acesso em: 01 fev. 2021.

GALEANO, E. **O livro dos abraços.** Porto Alegre: L&M, 2002.

GAMBOA, S. A. S. Pesquisa qualitativa: superando tecnicismo e falsos dualismos. **Contrapontos**, Itajaí, v. 3, n. 3, p. 393-405, set. /dez. 2003.

GOLDENBERG, M. **A Arte de pesquisar: como fazer pesquisa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

GUIA digital PNLD literário 2020. Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2020\\_literario/pnld\\_2020\\_literario-categoria-escolha](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2020_literario/pnld_2020_literario-categoria-escolha). Acesso em: 14 fev. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Biblioteca. **Coração de Maria**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=34957&view=detalhes>. Acesso em: 03 fev. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Estimativa da população 2020**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/irara.html>. Acesso em: 01 fev. 2021.

IMBÉNON. F. **Novas Tendências na formação do professorado**. São Paulo: Cortez, 2009.

IPAC-BA – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. **Irará: Capela da Conceição de Bento Simões**. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/irara-capela-da-conceicao-de-bento-simoes/#!/map=38329&loc=-12.143785000000014,-38.74367500000001,17>. Acesso em: 03 fev. 2019.

IPIRANGA. S. D. **A formação de professores leitores e mediadores de leitura**. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste/ Fundação Demócrito Rocha, 2018.

ISER, W. **O ato da leitura**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LARANJEIRAS, S. Z. A. S. **Formação da autonomia leitora: reflexões a partir da estética da recepção**. 2019.146 f. (Dissertação de Mestrado), Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

LERNER, D. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIMA, M. N. M. de. **Relações étnico-raciais na escola: o papel das linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2015.

MAIA, J. **Literatura e formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARTINS, L. **A leitura literária** Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste/ Fundação Demócrito Rocha, 2018.

MORENO, A. C.; OLIVEIRA, E. **Brasil está estagnado há dez anos no nível básico de leitura e compreensão de textos, aponta Pisa 2018**. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/brasil-esta-estagnado-ha-dez-anos-no-nivel-basico-de-leitura-e-compreensao-de-textos-aponta-pisa-2018.ghtml>. Acesso em: 05 ago. 2021.

MORAIS, J. **A arte de ler**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

NOGUEIRA. P. V. **Do autor ao leitor**. Os processos de mediação que marcam o encontro das crianças e jovens com o livro. 2007.134f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia, 2017.

NÓVOA. A. **Profissão professor**. Porto: Editora Porto, 1999.

OLIVEIRA, A. A. de. O professor como mediador de leitura literária. In: COSSON, R; MACIEL, F.; PAIVA, A. **Literatura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

COSSON, R; MACIEL, F.; PAIVA, A. **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PENNAC, D. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PESCE, L. e ABREU, C. B. de M. Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores. **Revista da FAEBA**, Salvador, v. 22, n.40, p. 19-29, Jul./Dez., 2013.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir a adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.

PLATAFORMA PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. Disponível em: <http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>. Acesso em: 04 set. 2020.

PORTAL do sertão. **Irará**. Disponível em: <http://www.portaldosertao.ba.gov.br/municipio-irara-ba.php>. Acesso em: 03 fev. 2019.

ROJO, R. H. R. e MOURA, E. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

SOARES, M. **Letramento. Um tema de três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOUSA, L. F. **Práticas leitoras e contação de histórias**. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste/ Fundação Demócrito Rocha, 2018.

TEIXEIRA, A. **Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola**. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 1939.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e História da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

## ANEXOS

### ANEXO A – Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PPGE-TEL. (75)3161-8871

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Maria Goret Martins da Silva, discente do curso do Mestrado acadêmico em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, matrícula de nº 011360270, sob a orientação da professora Doutora Maria Helena da Rocha Besnosik, venho através deste solicitar a sua participação na minha pesquisa científica, intitulada: A leitura literária e a prática docente: uma reflexão a partir da mediação do professor, que tem como objetivo compreender como os textos literários estão sendo mediados pelos professores no Ensino fundamental - anos finais. Por isso, faz-se necessário a realização de entrevistas com os professores. Essa pesquisa será previamente agendada de acordo à disponibilidade de cada um. A entrevista será gravada e o material produzido durante este diálogo será utilizado na pesquisa. Informo ainda que o professor não terá seu nome identificado e que o mesmo pode deixar de participar da entrevista, se assim desejar e que não receberá pagamento pela sua participação.

Desde já, nossos agradecimentos.

Concordo em participar da pesquisa    ( )sim    ( )não

---

Assinatura do responsável

---

Maria Goret Martins da Silva

---

Maria Helena da Rocha Besnosik

## ANEXO B

## Igreja de Bento Simões



Fonte: Mapio.net

## ANEXO C

## Bica de Bento Simões



Fonte: [irara.br.gov.br](http://irara.br.gov.br)

## APÊNDICES

### APÊNDICE A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PPGE-TEL. (75)3161-8871

#### ENTREVISTA

##### **Etapa 1**

1. Relate sobre a sua história de vida (local onde nasceu; como viveu na sua infância, qual era o lazer, como se relacionava com outras crianças nesse local de convívio).
2. Como era a sua família? (tem pais, convive com eles; tem irmãos, como se divertia, ouvia histórias dos mais velhos? Alguém lia para você?)
3. As leituras que ouvia, de alguma maneira marcou a sua vida?
4. Em qual momento ela se tornou mais significativa?
5. Você se considera um bom leitor?
6. Quais leituras marcaram a sua vida?
7. Essas histórias influenciaram ou influenciam de alguma maneira na sua prática docente?
8. De que maneira você procura despertar em seus alunos o gosto pela leitura literária?
9. Que tipo de livro costuma ler atualmente?
10. Na sua prática docente, qual a relação que você proporciona aos seus alunos entre o livro e o leitor?

## APÊNDICE B



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
PPGE-TEL. (75)3161-8871  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS

## ENTREVISTA

**Etapa 2**

1. Cite alguns livros que você leu no seu processo de formação como professor.
2. Foram leituras prazerosas?
3. Dos livros lidos, qual foi o mais significativo para você?
4. Da obra selecionada, que emoção lhe trouxe?
5. Como esse livro chegou até você? Foi presente, indicação?
6. Como você costuma apresentar o livro para seus alunos?
7. Como você costuma trabalhar com a literatura em sala de aula?
8. Você acredita que desta maneira pode despertar o gosto em seus alunos para a leitura literária?

## APÊNDICE C



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS  
 DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
 PPGE-TEL. (75)3161-8871

Questionário feito à direção da Escola Municipal Mário Campos Martins

1-Histórico:

1.1-O porquê do nome:

---



---



---

2-Questões referentes à comunidade escolar:

2.1-Número de alunos matriculados:\_\_\_\_\_

2.2-Existe evasão de alunos:\_\_\_\_\_ Causa:\_\_\_\_\_

2.3-Número de estudantes por turnos:

Matutino\_\_\_\_\_

Vespertino\_\_\_\_\_

Número total de professores:

Efetivos\_\_\_\_\_

Contratados\_\_\_\_\_

3-Demais funcionários:

Efetivos\_\_\_\_\_

Contratados\_\_\_\_\_

5-Existe biblioteca na escola? Sim ( )

Não ( )

Existe bibliotecário (a)? Sim ( )

Não ( )

7-Existe acervo literário? Como esse acervo é adquirido?

---



---

8-Os alunos costumam fazer empréstimos dos livros da biblioteca? Como isso funciona?  
 Quais livros são mais requisitados?

---



---

9-Quais condições a escola oferece aos alunos para o trabalho com a leitura?

---



---